NOTAS SOBRE A FLORA DE PORTUGAL

III

por

ROSETTE FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

O conhecimento da flora portuguesa, particularmente no que respeita à área de dispersão de muitas espécies, está ainda longe de poder considerar-se perfeito. Na verdade, quase todas as recentes herborizações têm revelado novidades, algumas das quais de certo valor. Tornam-se especialmente dignos de nota os resultados das explorações levadas a efeito em Trás-os-Montes e Alto Douro (A. Rozeira, Rev. P.e A. de Barros Carneiro, J. G. Garcia, J. Gomes Pedro, J. Pinto Lopes, G. Barbosa e M. Myre), nas regiões de Coimbra, Guarda, Vendas Novas e Vila Viçosa (pessoal do Instituto Botânico de Coimbra), nos arredores de Elvas (J. Malato Beliz e P. Abreu), bem como no Algarve e em outros pontos do país (A. R. Pinto da Silva, F. C. Fontes, L. G. Sobrinho e E. Mendes). Pensamos que esses resultados são animadores e que constituirão incentivo à realização metódica e regular de novas herborizações, que muito poderão contribuir para um melhor conhecimento florístico do país.

O exame dos herbários das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto revela a existência de bastantes espécimes, alguns já antigos, colhidos em localidades ou mesmo em regiões não assinaladas nas obras de conjunto sobre a flora de Portugal. O presente trabalho refere regiões novas para algumas espécies que se encontram nessas condições e de cujos espécimes tomámos conhecimento ao passar em revista o herbário português do Instituto Botânico de Coimbra, com o objectivo de elaborar a lista das espécies geresianas a figurar no *Simpósio da Flora e da Vegetação da Serra do Gerês*. Referimos também regiões novas para certas espécies recentemente herborizadas e uma nova forma albina.

Anthoxanthum amarum Brot.

A área de distribuição desta Gramínea é mais vasta que a indicada por COUTINHO, visto aparecer não só no Minho e Beira, mas também em Trás-os-Montes (MENDONÇA e VASCONCELLOS, Cont. top. flor. reg. duriense, *An. Inst. Vinho Porto*, II, 1944, p. 128) e no Douro Litoral, como tivemos ocasião de verificar pela observação dos espécimes abaixo mencionados. SAMPAIO é bastante impreciso ao apontar «terrenos incultos e frescos, no Norte», omitindo as Beiras da área de distribuição de *Anthoxanthum amarum* Brot.

Espécimes: Porto, 4-1895, *Gonçalo Sampaio* s. n., PO; Porto, ponte do Comboio (por baixo, na margem do Douro), 6-1906, *s. col.*, s. n., PO; Rio Tinto pr. Gondomar, 3-IV-1943, *J. Lebois Fonseca* 106, COI; *idem*, LISU.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral e Beira Baixa.

Poa nemoralis L. *sensu stricto*

O tipo específico de *Poa nemoralis* L. parece ser bastante raro no nosso país, visto que só se lhe fizeram ainda duas referências para o distrito de Bragança (MENDONÇA e VASCONCELLOS, *l. c.*, p. 130; J. G. GARCIA, Estudos sôbre a flora de Portugal, *Bol. Soc. Broteriana*, XX, 2.ª série, 1946, p. 54). Foi herborizado, mais recentemente, em nova região, na Beira Alta, num local sombreado de um bosque de castanheiros, em condições semelhantes àquelas em que habitualmente se costuma encontrar.

Espécime: Arredores da Guarda, Chafariz do Soito do Bispo; lugares húmidos, junto do regato, à sombra dos castanheiros, 24-VII-1950, *A. Fernandes et J. Matos* 3485, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Alta.

Pennisetum villosum R. Br.

Esta curiosa Gramínea afro-asiática é bastante cultivada nos jardins, sendo muito apreciada devido ao belo efeito produzido pelos seus tirsos grandes, plumosos, de um amarelo

claro, muito decorativos. As inflorescências também se usam, depois de secas, para a confecção de ramos para jarras, os quais se conservam durante muito tempo. De disseminação fácil, *Pennisetum villosum* R. Br. escapa-se com frequência das culturas, aparecendo naturalizado em muitas partes do mundo.

Em Matozinhos, nos arredores do Porto, encontra-se com abundância, podendo considerar-se como subespontâneo nesse local. É natural supor que a sua área se torne maior no nosso país, atendendo à facilidade com que os frutos se espalham e à rusticidade da planta. No campo, *P. villosum* R. Br. perde as características de planta cultivada, voltando a adquirir o aspecto que possui no seu meio primitivo, isto é, tornando-se menos elevado, mais denso, com folhas e espigas mais curtas, etc.

Em alguns tratados de horticultura e jardinagem, esta espécie figura como *P. longistylum* Hochst., planta afim mas distinta e com a qual se não deve confundir (O. Stapf, Fl. Trop. Afr., IX, 1939, p. 1008).

Espécimes: Porto, Calçada das Virtudes; inculto, terra humosa, 12-VII-1941, *J. Lebois Fonseca* s. n., COI; Matozinhos; inculto, terra solta, 5-VIII-1945, *J. Lebois Fonseca* 216, COI.

Cyperus Eragrostis Lam.

Esta espécie foi citada para o Douro Litoral apenas uma vez (vizinhanças do Porto, 1879, *F. Newton* 617, COI). O Sr. J. Lebois Fonseca, digno sócio da Sociedade Broteriana, voltou recentemente a herborizá-la também nas proximidades do Porto.

Espécime: Porto oriental (lugar de Contumil); inculto, terra solta, 4-IX-1945, *J. Lebois Fonseca* 219, COI.

Distribuição: Douro Litoral, Beira Litoral, Ribatejo e Alto Alentejo.

Scirpus erectus Poir.

Na Beira Litoral, *Scirpus erectus* Poir. parece tender a dispersar-se, visto que, depois da sua descoberta, em 1934, nos arrozais de S. Fagundo, voltou a ser herborizado em Estarreja

(J. C. Vasconcellos, Anot. Herb. Inst. Sup. Agron., p. 9, *An. Inst. Sup. Agr.*, XI, 1940) e, em data posterior, nas matas de Foja e em Montemor-o-Velho.

Espécimes: Matas de Foja, 15-VII-1947, *J. Matos* s. n., COI; pr. apeadeiro de Montemor-o-Velho, 25-VII-1947, *J. Matos* s. n., COI.

Cladium mariscus (L.) R. Br.

Sampaio indica esta espécie para o litoral do Centro e Sul e Coutinho para os paúis e águas estagnadas da Beira, Estremadura e Alentejo. A consulta do material dos herbários permitiu-nos verificar que *Cladium mariscus* (L.) R. Br. aparece também no Algarve.

Espécime: Monte do Vale Santo, Sagres, 8-V-1924, *Carrisso et Mendonça* 489, COI.

Distribuição: Beira Litoral, Estremadura, Baixo Alentejo e Algarve.

Carex Halleriana Asso

A região de Bragança tem-se mostrado fértil em novidades. Com efeito, nas plantas herborizadas nas proximidades daquela cidade pelo Rev. P.e Barros Carneiro, encontraram-se algumas espécies novas para a flora portuguesa e, em maior quantidade, novas para Trás-os-Montes. *Carex Halleriana* Asso, citada até agora apenas para o Centro e Sul, constitui mais uma das espécies a incluir na lista das que foram herborizadas, pela primeira vez, nessa província, por aquele prestimoso membro da Sociedade Broteriana.

Espécime: Arredores de Bragança, 30-V-1944, *P.e A. de Barros Carneiro* 466, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes, Beira Litoral, Estremadura e Algarve.

Carex hirta L.

De acordo com a moderna divisão em províncias, é necessário corrigir a distribuição de *Carex hirta* L., visto que Valbom (Porto), onde Sampaio a colheu, fica situado no Douro

Litoral e não no Minho. Em Julho de 1951, o pessoal do Instituto Botânico de Coimbra colheu-a na Beira Alta, que constitui região nova para esta espécie.

Espécime: Balsa, arredores de Alfaiates, junto à estrada, 6-VII-1951, *A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos* 3916, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral e Beira Alta.

Erythronium dens-canis L.

É com razão que SAMPAIO indica para esta Liliácea as montanhas do Minho à Beira. Com efeito, *Erythronium dens-canis* L. tem aparecido nas regiões montanhosas do Norte e Centro do país, um pouco mais frequentemente do que aponta COUTINHO (Serra de Rebordãos, Serra do Gerês, arredores de Miranda do Corvo).

No Minho, herborizou-se fora da Serra do Gerês, em Insalde (VII-1917, *Abade Clemente Pereira* 22, COI), o que já figura em «A Flora do Concelho de Paredes de Coura» (*Bol. Soc. Broteriana*, XXVIII, 1.ª série, 1920, p. 45). Em Trás-os-Montes, colheu-se no Marão (F. A. MENDONÇA e J. C. VASCONCELLOS, Cont. top. flor. reg. duriense I, *An. Inst. Vinho Porto*, 1942, p. 12), no Monte de S. Bartolomeu (A. ROZEIRA, A Flora da Província de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1944, p. 77) e na Serra da Nogueira, localidade ainda não citada. Finalmente, figura no herbário de Coimbra um exemplar da Serra da Estrela.

Espécimes: Alto da Serra da Nogueira, 19-VI-1932, *Carrisso et Mendonça* 2569, COI; Serra da Estrela, III-1898, *Luís Navega* s. n., COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta e Beira Litoral.

Limodorum Trabutianum Batt.

Esta orquídea é pouco frequente no nosso país, tendo sido encontrada sòmente em duas localidades citadas por COUTINHO na Flora de Portugal (2.ª ed., 1939, p. 186): Vila Franca e Alenquer. No herbário de Coimbra figura um

exemplar do Colégio de S. Fiel, colhido em Barro, que supomos ser a povoação deste nome existente nos arredores de Torres Vedras.

Recentemente, foi herborizada nas proximidades de Cascais, que constitui outra localidade nova para a Estremadura.

SAMPAIO emprega, como nome do género, *Centrosis* e não *Limodorum*. Segundo as Regras Internacionais de Nomenclatura, porém, *Limodorum é nomen genericum conservandum*.

Espécime: Barro, III-1890, *Menyarth* s. n., COI; Cascais, Marinha, num pinhal, 10-IV-1950, *Hertha Siemers Kaim* s. n., COI; *idem*, 23-IV-1951.

Spergularia marginata (DC.) Kittel

Tanto COUTINHO (*l. c.*, p. 245) como SAMPAIO (Fl. port., 1947, p. 344) indicam *Spergularia marginata* (DC.) Kittel para o Centro e Sul do país. Esta espécie estende-se, porém, mais para o Norte, visto ter sido encontrada nos salgadiços de Viana do Castelo. A província do Minho representa, pois, região nova. É possível que herborizações cuidadosas venham mostrar que a planta se encontra em todos os pontos da orla marítima do país que lhe ofereçam condições de vida, isto é, nos salgadiços das embocaduras dos rios e nas areias marítimas.

Espécime: Viana do Castelo, nos salgadiços junto ao Lima, 12-VII-1945, *J. G. Garcia* 666, COI.

Distribuição: De Norte a Sul, nas areias do litoral e nos salgadiços da foz dos rios.

Moehringia trinervia (L.) Clairv.

Na Beira Alta, *Moehringia trinervia* (L.) Clairv. aparece também fora da Serra da Estrela, único local daquela província que, segundo COUTINHO (*l. c.*, p. 253), faz parte da zona de distribuição desta delicada Cariofilácea. Herborizou-se também na Beira Baixa, já em 1882.

Espécimes: Arredores da Guarda, encosta pr. Faia, 24-VII-1950, *A. Fernandes et J. Matos* 2491 A, COI; Sítio da Serra: Alcaide, Junho 1882, *A. R. da Cunha* s. n., LISU.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Litoral e Beira Baixa.

Ranunculus Henriquesii Freyn

A província do Minho, onde o Rev. P.e A. de Barros Carneiro a herborizou em 1950, constitui região nova para esta espécie. Referindo-se Coutinho a Trás-os-Montes e Beira e Sampaio «desde o Douro à Beira», como a zona onde se encontra este Ranúnculo, convém precisar melhor a sua área de distribuição. A consulta dos herbários de Coimbra e da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, bem como o exame da bibliografia, permitiu-nos estabelecer a distribuição abaixo indicada.

Espécime: Armil (Fafe), margens dos caminhos, 8-V-1950, *P.e A. de Barros Carneiro* 470, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes (Cout.), Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral e Beira Baixa.

Rorippa palustris Besser

A primeira menção precisa de *Rorippa palustris* Besser para Trás-os-Montes foi feita por Rozeira (*l. c.*, 1944, p. 105), pois que tanto Sampaio como Coutinho se limitaram a indicar as margens do Minho e do Douro como *habitat* desta planta. J. G. Garcia herborizou-a numa nova localidade, perto de Chaves, sendo esta a primeira citação para o distrito de Vila Real e a segunda para a província. É natural que esta Crucífera se distribua com mais frequência ao longo dos cursos de água, na zona norte do país.

Espécime: Chaves, nas margens do rio Tâmega, 17-VII-1945, *J. G. Garcia* 841, COI.

Lepidium Draba L.

Se bem que a distribuição geográfica desta espécie seja mais correcta em Sampaio (do Douro à Estremadura) do que em Coutinho, que se limita a indicar o Douro e a Estremadura, ela não corresponde bem ao que a consulta dos herbários nos

permitiu verificar. Na verdade, existe em Coimbra um exemplar da Figueira da Foz, mostrando que a planta se encontra num lugar intermediário entre o Douro e a Estremadura, mas esse exemplar é único, o que, por outro lado, demonstra que *Lepidium Draba* L. não é muito frequente na Beira Litoral. O centro de dispersão desta Crucífera no nosso país parece ter sido Lisboa, onde aparece com abundância, sendo mais rara no Douro e nas regiões interiores, donde só conhecemos um exemplar de Castelo Branco.

Na excursão que realizámos ao Algarve na Primavera de 1951, tivemos o ensejo de herborizar esta Crucífera nas proximidades de Portimão. O Algarve representa, pois, região nova para *L. Draba* L.

Espécimes: Figueira da Foz, VI-1890, *F. Loureiro* s. n., COI; Carvalhinha, Castelo Branco, Abril-Maio 1881, *A. R. da Cunha* s. n., LISU; In locis salsug. pr. viam, circa Portimão, 4-V-1951, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 3657, COI.

Distribuição: Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura e Algarve.

Sedum acre L.

SAMPAIO distingue nesta espécie a var. *neglectum* (Ten.) Rouy et Camus, baseado ùnicamente na ausência de sabor acre, qualidade impossível de apreciar depois das plantas secas. Além da propriedade indicada por SAMPAIO, *Sedum neglectum* Ten. distingue-se principalmente de *S. acre* L. pela disposição mais laxa das folhas nas hastes florais. Em plantas de herbário, este carácter é também difícil de apreciar, em virtude do emurchecimento e da queda de muitas folhas. A dificuldade em separar o tipo da variedade, facto que é assinalado igualmente por CARUEL (Fl. italiana, IX, 1890, p. 60), leva-nos a considerar, no nosso país, apenas *S. acre* L., como faz COUTINHO.

No que respeita à distribuição, verifica-se que a indicada por SAMPAIO é um pouco imprecisa, visto que, segundo este autor, o tipo específico aparece no Douro e a var. *neglectum* sobretudo no Norte, nas areias do litoral.

A Beira Alta, onde *S. acre* L. foi herborizado recentemente pelo pessoal do Instituto Botânico de Coimbra, representa nova região para esta espécie.

Espécime: Guarda, à entrada da cidade, sobre um muro de delimitação da Mata, 2-VII-1951, *A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos* 3729, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta e Beira Litoral.

Sedum hirsutum L.

Esta espécie, que SAMPAIO aponta para o Norte e Sul, tem uma distribuição mais vasta, visto aparecer também no Centro do país, como indica COUTINHO e como tivemos ocasião de verificar pela consulta dos herbários.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Alto Alentejo e Algarve.

Sedum pruinatum Brot.

Existe também no Algarve.

Espécime: In apricis dumetosis, solo calcareo. Inter Lagos et Vila do Bispo, in regno algarbiorum, 5-V-1924, *Carrisso et Mendonça* 3161, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta, Alentejo e Algarve.

Sedum rubens L.

De acordo com BROTERO, que menciona *Sedum rubens* L. como «raro circa Conimbricam et in Lusitania boreali» (Fl. Lusit., II, 1804, p. 213), esta planta poucas vezes tem sido herborizada na região Norte do país. O Douro Litoral representa região nova para esta espécie, da qual já foram também colhidos exemplares em Trás-os-Montes.

Espécime: Valbom, Gondomar, a 10 km do Porto, nos interstícios argamassados de um muro de pedras graníticas, 23-V-1942, *J. Lebois Fonseca* 66, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Astragalus hamosus L.

Da região transduriense são apenas citados os exemplares de Ligares (F. A. Mendonça e J. C. Vasconcellos, *l. c.*, p. 24) e Barca d'Alva (Rozeira, *l. c.*, p. 118), quando a verdade é que *Astragalus hamosus* L. foi encontrado, há já bastante tempo, noutro local de Trás-os-Montes.

Espécime: Alfândega da Fé, Santa Justa, Maio-1890, *D. Maria Ochôa* s. n., COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Lathyrus Ochrus (L.) DC.

Encontra-se também no Norte do país.

Espécime: Arredores de Braga; Cunha, Abril 1899, *Jacinto U. Torres* s. n., COI.

Distribuição: Minho, Beira Litoral, Estremadura e Algarve.

Lathyrus quadrimarginatus Bory et Chaub.

Aparece também no Minho.

Espécime: Póvoa de Lanhoso, 4-Junho-1910, *António Fernandes* s. n., COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Linum gallicum L.

Alargue-se a distribuição desta espécie para o Norte, visto ter sido herborizada em Trás-os-Montes.

Espécime: Montes a norte de Bragança, 25-V-1944, *P.e A. de Barros Carneiro* 467, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Euphorbia amygdaloides L.

Em «De Flora Lusitana Commentarii» (I, 1946, p. 13), A. R. Pinto da Silva corrigiu o lapso de Coutinho e de Sampaio que omitiram o Algarve da área de distribuição desta espécie. O autor cita para esta província dois exemplares, ambos de Monchique, um deles herborizado por Daveau e o outro,

recentemente, pelos colectores da Estação Agronómica Nacional. No herbário de Coimbra, existem espécimes de outras localidades do Algarve, igualmente bastante antigos, e um outro, também de Monchique, herborizado por MOLLER.

Espécimes: Faro, Agosto-1882, *J. d'A. Guimarães* s. n., COI; Monchique, Junho-1887, *A. Moller* s. n., COI; Castro Marim, Abril 1889, *A. Moller* s. n., COI.

Euphorbia matritensis Boiss.

Conhecida de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Beira Baixa (Castelo Branco), *Euphorbia matritensis* Boiss. aparece também na Beira Alta.

Espécime: Sabugal, lameiro do Bernardo pr. Rapoula do Cró, 6-VII-1951, *A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos* 3891, COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta e Beira Baixa.

Euphorbia nutans Lag.

De origem americana, *Euphorbia nutans* Lag. é subespontânea no Algarve. O facto de Alfarelos, onde a planta foi recentemente encontrada, ficar muito afastada daquela província e de não haver exemplares de localidades intermédias, leva a pensar que, na Beira Litoral, só há relativamente pouco tempo se verificou a introdução da planta, a qual teve lugar independentemente da entrada pelo Algarve.

Espécime: Alfarelos, 9-X-1946, *J. Matos* s. n., COI.

Euphorbia terracina L.

Há desacordo entre COUTINHO e SAMPAIO no que respeita à distribuição desta espécie, pois o primeiro a indica para o litoral do Centro e Sul, ao passo que o segundo a cita para o litoral de Norte a Sul. Verifica-se, porém, que, de acordo com SAMPAIO, a planta existe também no Norte, porquanto, além de um exemplar recente do Douro Litoral, existe no herbário do Instituto Botânico de Coimbra um espécime antigo da mesma localidade, e no herbário do Instituto Botânico da

Faculdade de Ciências de Lisboa observámos um exemplar idêntico.

Espécimes: Pinhal da Âncora, bordo do pinhal, VI-1886, *A. R. da Cunha* s. n., COI; Vila do Conde, 1888, *Casimiro Barbosa* 1152, COI; *idem* LISU; Entre Vila do Conde e Póvoa de Varzim, 9-VI-1945, *J. G. Garcia* 550, COI.

Pistacia Terebinthus L.

Pode dizer-se que esta Anacardiácea aparece em quase todo o país. Com efeito, se exceptuarmos o Minho, Douro e Ribatejo, regiões onde futuras herborizações talvez permitam encontrá-la, *Pistacia Terebinthus* L. tem aparecido em todas as províncias de Portugal. A área indicada por SAMPAIO (de Trás-os-Montes ao Alentejo), mais correcta que a apontada por COUTINHO (Trás-os-Montes, Beira Montanhosa, Baixo Alentejo) deve ainda alargar-se, visto esta espécie aparecer também no Algarve, como referem A. R. PINTO DA SILVA e F. C. FONTES (Plantas raras e plantas novas para o Algarve, *Agron. Lusit.*, XIII, 1951, p. 9). Estes autores mencionam ainda alguns espécimes herborizados na Beira Baixa e na Estremadura. Como nos herbários de Coimbra e da Faculdade de Ciências de Lisboa figuram exemplares ainda não citados, achámos conveniente fazer-lhes referência, a fim de se precisar melhor a área de distribuição de *P. Terebinthus* L. no nosso país.

Espécimes: Almeida, Junça, Junho-1890, *M. Ferreira* s. n., COI; Almeida, pr. ao rio Coa, Junho-1890, *M. Ferreira* s. n., COI; Arredores de Coimbra, Cabrizes, Maio-1879, *M. Ferreira* s. n., COI; Margem do Tejo, encosta da parte norte, Malpica, VI-1881, *A. R. da Cunha* s. n., LISU; Castelo Branco, margens do rio Pônsul, Junho-1881, *A. R. da Cunha* s. n., LISU; Vila Velha, margem do Tejo, encosta montanhosa do sul, Junho-1881, *A. R. da Cunha* s. n., LISU; Rodão, Maio-1901, *J. S. Tavares* s. n., COI; Idanha-a-Nova, Tapada do Tanque, Julho-1883, *A. R. da Cunha* s. n., LISU; Castelo de Montalvão, Julho-1913, *M. Ferreira* s. n., COI; Arredores de Loulé, Março-1883, *J. d'A. Guimarães* s. n., COI.

É possível que SAMPAIO tivesse conhecimento de alguns destes exemplares, mas, neste caso, torna-se inexplicável o facto

de ter omitido o Algarve, província de onde existe em Coimbra um espécime já muito antigo.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Eryngium galioides Lam.

Esta Umbelífera (fig. 1) só uma vez foi herborizada entre o Tejo e o Douro (Vila Velha de Rodão — Fonte das Virtudes — *R. da Cunha*). É, pois, de assinalar o facto de a planta ter aparecido agora na Beira Alta, província que constitui região nova para esta espécie.

Espécime: Arredores de Vilar Formoso, nas bermas da estrada de Vilar Formoso à Guarda, 7-VII-1951, *A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos* 3925, COI.

Distribuição: Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Alentejo e Algarve.

Chaerophyllum temulum L.

Embora SAMPAIO atribua a esta espécie uma área muito vasta — quase todo o país — não possuímos elementos que nos permitam fazer tal afirmação. Com efeito, os espécimes que figuram nos herbários foram herborizados nas zonas Norte e Central do país. Para o Sul do Tejo, *Chaerophyllum temulum* L. só foi encontrado em Marvão, não existindo nenhum exemplar do Baixo Alentejo nem do Algarve. No seu estudo sobre as Umbelíferas (*Bol. Soc. Broteriana*, XII, 1.ª série, 1893, p. 240), COUTINHO menciona os espécimes das províncias indicadas na Flora, não fazendo referência a qualquer exemplar colhido no Douro Litoral, onde, há poucos anos, o sócio da Sociedade Broteriana, Sr. J. LEBOIS FONSECA, herborizou esta espécie.

Espécime: Águas Santas, Ermezinde, a 5 km. do Porto oriental; terra vegetal solta; inculto entre *Rubus* e *Urtica*, 30-VII-1944, *J. Lebois Fonseca* 179, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Alto Alentejo.

Conopodium majus (Gouan) Loret

Para o Sul do Tejo não é apontado nenhum exemplar da região interior, onde, de facto, a espécie também existe, como o demonstram os seguintes espécimes:

Espécimes: Castelo de Vide, 6-1908, *Gonçalo Sampaio* s. n., PO; Castelo de Vide, Senhora da Penha, Junho de 1914, *M. Ferreira* s. n., COI.

O Alto Alentejo constitui, pois, região nova para esta espécie.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura e Alto Alentejo.

Sium erectum Huds.

Segundo SAMPAIO, *Sium erectum* Huds. aparece no nosso país «nos poços e charcos, de Norte a Sul». Consultando os herbários e a bibliografia, fomos levados a discordar de tal afirmação, visto apenas termos encontrado espécimes do Douro Litoral, da Beira Litoral e da Estremadura. A primeira e a última províncias não são citadas por COUTINHO.

Espécimes: Between Pampelido e Boa Nova, 24-June 1880, *s. col.*, s. n., PO; Pinhal de Leiria, Julho-1917, *Guilherme Felgueiras* (1) 445, COI.

Distribuição: Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura e Algarve (BOURG. teste NYM.).

NOTA: O exemplar de Insalde, do Abade CLEMENTE PEREIRA, referido por J. HENRIQUES (A Flora do Concelho de Paredes de Coura, *Bol. Soc. Broteriana*, XXVIII, 1.ª série, 1920, p. 60) a *S. erectum* Huds., pertence a *Apium nodiflorum* (L.) Lag.

Kundmannia sicula (L.) DC.

É considerada planta rara na flora portuguesa, porquanto só era conhecida de Tavira. É possível que se encontre no Al-

(1) O espécime de GUILHERME FELGUEIRAS é citado por este em «Contribuição para o estudo da flora e da fauna da mata de Leiria», 1919, p. 19, e mais recentemente por ARALA PINTO em «O Pinhal do Rei», II, 1939, p. 174.

Fig. 1. — *Fryngium galioides* Lam.

Espécimes herborizados nos arredores de Vilar Formoso.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

garve um pouco mais frequentemente, visto ter aparecido noutra localidade daquela província.

Espécime: In incultis, solo argilo-calcareo, prope pagum Conceição de Faro, in regno algarbiorum, 24-V-1926, *A. Mendonça* s. n., COI.

Lithospermum diffusum Lag. forma **albiflorum** R. Fernandes

A typo corollis albis differt.

Leg.: P.e A. de Barros Carneiro 472.

Habitat: S. Miguel do Couto (Santo Tirso).

Floret: Aprili.

Specimen in Herbario Instituto Botanico Universitatis Conimbrigensis.

Tanto quanto nos foi possível averiguar, esta forma ainda não fora descrita, se bem que, por vezes, tenham sido assinaladas plantas com flores brancas.

Omphalodes nitida Hoffgg. et Link

SAMPAIO e COUTINHO estão em desacordo sobre a área de distribuição desta espécie. Com efeito, o primeiro atribui-lhe apenas o Norte, ao passo que o segundo a indica para as províncias do Norte e Centro. Segundo os dados que possuímos, *Omphalodes nitida* Hoffgg. et Link encontra-se no Norte e Centro do país, de harmonia com a referência de COUTINHO. Nos herbários de Coimbra e da Faculdade de Ciências de Lisboa, existem dois espécimes, ainda não citados, de Ferreira do Zêzere, no Ribatejo.

Espécimes: Ferreira do Zêzere, Castelo, Abril-1911, *R. Palhinha et F. Mendes* s. n., LISU; Ferreira do Zêzere, Maio-1914, *M. Ferreira* s. n., COI.

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Ribatejo.

Lycium halimifolium Mill.

Lycium halimifolium Mill. (Gard. Dict., ed. VIII, 1768).
Lycium vulgare Dunal (ap. DC. Prodr., XIII, 1852).

Esta espécie é excluída por SAMPAIO da flora portuguesa.

Com efeito, as localidades em que tem sido herborizada não oferecem quaisquer garantias de que *Lycium halimifolium* Mill. seja espontâneo no nosso país. Mais ainda, a planta parece não se ter difundido, aparecendo sempre em locais restritos, nas proximidades de jardins ou constituindo sebes que, certamente, foram plantadas. Não se tratando de planta espontânea nem naturalizada, o melhor é, na verdade, suprimi-la do inventário da flora de Portugal.

Os locais referidos por COUTINHO para esta espécie são: Sintra (no herbário do Instituto Botânico de Coimbra, o exemplar de Sintra traz a indicação de «cultivado no Jardim da Quinta de...») e entre Setúbal e Palmela. Ambos são espécimes antigos, visto o primeiro ter sido colhido por VALORADO e o segundo por WELWITSCH. Mais recentemente, foram herborizados os seguintes espécimes: Caldas de Moledo, pr. da Régua, Setembro de 1908, *Julio Gama* s. n., COI; Ferreira do Zêzere, Águas Belas, Setembro-1912, *R. Palhinha* s. n., LISU; Estação de Sintra, Julho-1909, *J. dos Santos* s. n., LISU; Sintra, sebes, Maio-1910, *J. dos Santos* 2857, COI.

Scrophularia ebulifolia Hoffgg. et Link

Torna-se necessário rever a distribuição desta espécie, porquanto há discordância entre o que afirma SAMPAIO, que a aponta para o Centro e Sul, e COUTINHO, que a cita para Alto Minho, Beira Montanhosa, Estremadura e Alentejo Litoral. Segundo os dados que possuímos, a área de dispersão desta espécie é ainda maior que a citada pelo último autor, podendo dizer-se que se estende de Norte a Sul do país. É de admirar que COUTINHO a não refira para o Algarve, quando, no seu estudo sobre as *Scrophulariaceae* (*Bol. Soc. Broteriana*, 1.ª série, XXII, 1906, p. 172-173), cita um exemplar de Loulé, colhido por MOLLER. É também estranho que SAMPAIO refira apenas o Centro e Sul, quando é certo que ele próprio herborizou esta espécie em Póvoa de Lanhoso.

O Alto Alentejo, onde MANUEL FERREIRA herborizou a planta em 1914, é também região ainda não mencionada.

Espécimes: Póvoa de Lanhoso, Julho-1894, *Gonçalo Sampaio* 1438 a, LISU; Castelo de Vide, Sr.ª da Penha, Junho-1914, *M. Ferreira* s. n., COI.

Distribuição: Minho, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Veronica micrantha Hoffgg. et Link

Estenda-se a área desta planta até o Ribatejo.

Espécime: Ferreira do Zêzere, V-1914, *M. Ferreira* s. n., COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Ribatejo.

Veronica persica Poir.

Veronica Tournefortii Gmel. (Fl. Bad. I, 1805, p. 39), non Vill.
Veronica persica Poir. (Dict. Enc., VIII, 1808, p. 542, p. p.).
Veronica Buxbaumii Ten. (Fl. Nap., I, 1811, p. 7).

Villars (Prosp., p. 20; Dauph. II, p. 9) empregou primeiramente o nome específico *Tournefortii* para designar uma planta que foi considerada, mais tarde, como variedade (var. *Tournefortii* Reichb.) de *Veronica officinalis* L. Nesta conformidade, uma vez que Gmelin empregou o mesmo nome para designar uma outra espécie do género, deve, de acordo com o artigo 61 das Regras Internacionais de Nomenclatura, ser rejeitado o binome deste autor (*V. Tournefortii* Gmel.) e usado o de Poiret.

Além das regiões apontadas por Coutinho e Sampaio, *V. persica* Poir. aparece também em Trás-os-Montes.

Espécime: Margens dos caminhos, entre Bragança e Ponte Velha, 4-III-1943, *P.e A. de Barros Carneiro* 469, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Ribatejo e Estremadura.

Veronica scutellata L.

A distribuição desta espécie prolonga-se pela Estremadura, província que nem Coutinho nem Sampaio assinalam para *Veronica scutellata* L.

Espécime: Pinhal de Leiria, VII-1917, *Guilherme Felgueiras* 344, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa e Estremadura.

NOTA: Tanto G. FELGUEIRAS (*l. c.*, p. 13) como ARALA PINTO (*l. c.*, p. 178) já referem esta espécie para o Pinhal de Leiria, sem no entanto mencionarem o número e a data da colheita.

Orobanche crenata Forskal

Na Estremadura, esta *Orobanche* encontra-se frequentemente, parasitando diversas espécies de Leguminosas. Na Beira Litoral, onde até à data não fora assinalada, herborizou-se recentemente pela primeira vez. O Baixo Alentejo, que nos conste, também ainda não estava incluído na área desta espécie.

Espécimes: Coimbra, na cerca do Seminário, sobre *Vicia Faba* L., 15-VI-1946, *P.e M. Póvoa dos Reis* s. n.,COI; arredores de Serpa, Maio-1915, *F. Mendes* s. n., LISU.

Distribuição: Beira Litoral, Estremadura e Baixo Alentejo.

Gnaphalium purpureum L.

Segunda menção para o Douro Litoral. A primeira é de Santo Tirso.

Espécime: Porto oriental (Paranhos), entre interstícios de pedras calcáreas de uma rua; terra areenta, 3-VI-1945, *J. Lebois Fonseca* 196, COI.

Eclipta alba Hassk.

Esta Composta foi assinalada pela primeira vez (J. C. VASCONCELLOS, *l. c.*, p. 15) nos arrozais de Azambuja. Voltou agora a ser encontrada, no Paúl de S. Fagundo, perto de Coimbra. A planta cresce ali abundantemente, apresentando-se perfeitamente desenvolvida e com aquénios maduros, o que leva a crer que encontrou condições propícias à sua fixação e propagação. É natural que a introdução nos arredores de Coimbra se tenha operado por sementes vindas com o arroz importado, independentemente da que teve lugar no Ribatejo.

Espécime: S. Fagundo, nos arrozais, 17-X-1951, *J. Matos et A. Matos* s. n., COI.

Inula salicina L.

Esta espécie existe também na Beira Alta.

Espécime: Entre Vilar Formoso e Castelo Bom, numa moita de *Quercus pyrenaica*, nos lugares húmidos, 7-VII-1951, *A. Fernandes, F. Sousa et J. Matos* 3936, COI.

Distribuição: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Alta.

Hyoseris scabra L.

Tanto COUTINHO como SAMPAIO se limitam a indicar os arredores de Lisboa como o local onde tem aparecido esta Composta, sendo um pouco de estranhar que a edição de 1947 da Flora portuguesa não refira o Algarve, onde SAMPAIO a herborizou.

Espécime: Tavira, 31-III-1913, *Gonçalo Sampaio* s. n., COI.

Distribuição: Estremadura e Algarve.

Scorzonera laciniata L. var. **intermedia** (Guss.)

SAMPAIO não distingue variedades nesta espécie, que indica como distribuindo-se desde a Beira ao Algarve, o que não é exacto em virtude de a var. *tenuifolia* aparecer em Trás-os-Montes (J. MARIZ, *Bol. Soc. Broteriana*, 1.ª série, XI, 1893, p. 160; B. RAINHA, *De Flora Lusitana Commentarii*, IV, 1948, p. 117).

A var. *intermedia* (Guss.) não é citada por COUTINHO para o Algarve, onde recentemente a herborizámos.

Espécime: À saída de Portimão, nos salgadiços, 4-V-1951, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 3655, COI.

Distribuição: Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

NOTAS DE FLORÍSTICA

III

por

J. MALATO-BELIZ e J. P. ABREU

(Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas)

NA sua maior parte, a presente série de notas resultou da observação de material ùltimamente colhido em diversas regiões do Alto Alentejo, quer durante o reconhecimento florístico e geobotânico de pastagens naturais, quer em várias visitas à Serra de S. Mamede, realizadas com a finalidade de estudar a sua vegetação.

A estas se juntaram algumas outras, referidas às províncias do Algarve e de Trás-os-Montes e Alto Douro, originadas no estudo de algumas espécies ali herborizadas, respectivamente, em 1950 e em 1951, no decorrer de rápidas excursões efectuadas para exame de pastagens.

Os autores manifestam a sua gratidão aos Ex.^{mos} Senhores Directores dos Institutos Botânicos do Porto, Coimbra e Lisboa, ao Prof. J. DE VASCONCELLOS (Instituto Superior de Agronomia), ao Eng.º Agrónomo A. R. PINTO DA SILVA (Estação Agronómica Nacional) e aos Conservadores e Naturalistas dos vários Herbários pelas facilidades concedidas para a consulta de material e de bibliografia e por todos os esclarecimentos que amàvelmente lhes prestaram.

Merendera Bulbocodium Ram.

A distribuição desta espécie, indicada em qualquer das nossas *Floras* (COUTINHO, 1939 e SAMPAIO, 1947) é, pràticamente, coincidente no que respeita às Províncias do litoral. Contudo, COUTINHO, apontando como limite meridional da área o rio Tejo, inclui nela parte da região interior do País.

Qualquer destes Autores, porém, não faz referência a Trás-os-Montes, onde a espécie tem sido herborizada por várias vezes (Rozeira, 1944).

O limite inferior da área de distribuição da *M. Bulbocodium* em Portugal está situado a sul daquele que lhe tem sido atribuído, pois tivemos ocasião de a herborizar em dois locais de relativa abundância, no Alto Alentejo. É natural, até, que esta espécie venha a ser assinalada mais ao sul, o que, até agora, não se terá verificado em virtude do maior número de herborizações se efectuar no período primaveril, época pouco propícia para assinalar ou para colher espécies que, como esta, são de floração outonal.

Espécimes: Alto Alentejo: Castelo de Vide: Mão Parada, 400 m. s. m. (14-Outubro-1951, *Beliz* 226); Elvas: herdade da Alagada: margem direita do rio Guadiana, 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz, Boesser* e *Abreu* 683).

Distribuição: Do Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro ao Alto Alentejo.

Allium neapolitanum Cyr.

Até agora, a única localidade conhecida desta planta, no Alto Alentejo, era Castelo de Vide (Malato-Beliz e Abreu, 1950). Porém, em 1949, colhemos este *Allium* nas proximidades de Elvas, patenteando, deste modo, o alargamento da sua área de distribuição na Província.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: quinta do Rio Torto (1-Abril-1949, *Beliz, Abreu* e *Chaves*, s. n.).

Narcissus triandrus L. var. **concolor** (Haw.) Bak.

Depois de se ter mencionado, pela primeira vez, a existência desta variedade no Alto Alentejo, tomando por base exemplares colhidos na Serra de S. Mamede, próximo de Castelo de Vide (Malato-Beliz e Abreu, 1950), de novo se herborizou esta planta noutros locais da referida Serra. Este facto leva-nos a alargar, a toda a Serra de S. Mamede, a área de distribuição da variedade nesta Província.

Espécimes: Alto Alentejo: próx. de Alegrete: aba SW da

Serra de S. Mamede. Devónico. 500 m. s. m. (2-Fevereiro-1951, *Beliz, Abreu* e *Ruivo* 645); Castelo de Vide: próx. à Amieira. 550 m. s. m. (26-Fevereiro-1952, *Beliz* 224).

Narcissus serotinus L.

Esta espécie vem indicada nas nossas *Floras* apenas para o Algarve. Parece, todavia, não ser ali muito frequente, pois é, sòmente, citada para Tavira e Faro. O facto, mesmo, de não ter voltado a encontrar-se naquelas localidades, de há anos para cá, apesar de procurada, levou a admitir a hipótese do seu completo desaparecimento do País (FERNANDES, 1936).

Recentemente, tivemos ocasião de herborizar esta interessante espécie na margem do rio Guadiana, próximo de Elvas.

Procurando explicação para o facto do *N. serotinus* não ter sido assinalado antes nesta localidade, uma vez que, desde há anos, temos percorrido a região em várias épocas, fomos levados a admitir a hipótese da sua recente introdução, feita pelas águas do Guadiana. Tal suposição tem probabilidade de ser verdadeira, pois, segundo o Eng.º Agr.º V. MORENO MARQUEZ (com. verb.), este *Narcissus* é frequente na vizinha região de Badajoz.

Do exposto, conclue-se que o limite da distribuição do *N. serotinus*, no interior da Península Ibérica, é mais setentrional do que aponta FERNANDES (1951) e se situa, na região Elvas-Badajoz, ao longo do Guadiana.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: herdade da Alagada: margem direita do rio Guadiana. 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz, Boesser* e *Abreu* 682).

Distribuição: Alto Alentejo (Elvas) e Algarve.

Dianthus laricifolius Bss. et Reut.

Segundo COUTINHO (1939), esta planta existe apenas nas montanhas da Beira (Castelo Bom, Alcaide e Ferreira do Zézere), ao passo que SAMPAIO (1947) sòmente refere a sua existência na margem do rio Minho.

Todavia, verifica-se a necessidade de incluir o Alto Alentejo na área de distribuição da espécie no País, pois foi por nós colhida em Montalvão, na margem esquerda do rio Sever·

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever (28-Maio-1951, *Beliz* 207).

Distribuição: Minho, Beira Alta (Castelo Bom), Beira Baixa (Alcaide), Ribatejo (Ferreira do Zézere) e Alto Alentejo (Montalvão).

Ranunculus leontinensis Freyn

Na *Flora* de Coutinho (1939), esta espécie é apontada na Beira Alta e no Alto Alentejo. Porém, Sampaio (1947), omitindo a primeira daquelas Províncias, indica o Alentejo como área de distribuição da espécie, por Ele considerada variedade.

Cremos que este autor se refere apenas ao Baixo Alentejo, pois já anteriormente, no seu *Prodromo da flora portugueza* (1909-11), havia revelado a existência do *R. leontinensis* nesta Província alentejana. Contudo, consultando o herbário de G. Sampaio, não encontramos nenhum exemplar da espécie que justifique a citação.

A planta encontra-se também no Algarve, onde a herborizámos em 1950.

Espécime: Algarve: entre Vila Real de S.to António e Castro Marim: na borda de um braço de água, próx. ao Guadiana. (Abril-1950, *Beliz, Guerra* e *Ruivo* 366).

Distribuição: Beira Alta, Alto Alentejo e Algarve.

Matthiola fruticulosa (L.) Maire

Percorrendo, recentemente, os terrenos da lezíria do rio Guadiana, próximo de Elvas, colhemos esta crucífera, a qual é mencionada por Coutinho (1939) com o nome de *Matthiola tristis* (L.) R. Br., tendo este sido corrigido, mais tarde, para *M. fruticulosa* (L.) Maire (Rothmaler et Pinto da Silva, 1940). Aquele Autor, não inclui o Alto Alentejo na área de distribuição que, na sua *Flora*, atribui à espécie. Apenas Sampaio (1909-11 e 1947) a menciona no Alentejo. Julgamos que este Autor se refere sòmente ao Alto Alentejo uma vez que, de entre os herbários consultados, ùnicamente no herbário do Instituto Botânico de Coimbra nos foi dado encontrar um exemplar colhido, igualmente, na região de Elvas, em 1886.

Espécimes: Alto Alentejo: Elvas (Junho-1886, *J. C. de S.ª Senna* COI); Elvas: Alagada: margem arenosa do Guadiana 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz, Boesser* e *Abreu* 687).

Distribuição: Trás-os-Montes, Douro, Serra da Estrela, Sesimbra, Serra da Arrábida e Alto Alentejo (Elvas).

Lunaria biennis Moench

Com origem no sudeste da Europa, esta espécie parece ter sido introduzida no País como planta ornamental, cultivada em jardins. Da sua cultura resultou, porém, a disseminação e o consequente aparecimento como subespontânea, em locais não assinalados nas nossas *Floras*, muito embora tenha sido apontada em Castelo Branco nalguns trabalhos (MARIZ, 1885; ROTHMALER *et* PINTO DA SILVA, 1940). Na realidade, os exemplares existentes nos diversos herbários portugueses, confirmam, em absoluto, esta ideia, pois aqueles que não foram colhidos em jardins, foram herborizados em locais vizinhos de antigos parques e matas ajardinadas que tiveram nome graças à abundante existência de espécies exóticas.

Foi nestas últimas condições, em locais sombrios e húmidos, sob coberto de árvores que colhemos esta crucífera, nos arredores de Castelo de Vide.

Os exemplares observados em herbário pertencem, apenas, a duas Províncias do interior do País (Beira Baixa e Alto Alentejo); contudo, ùltimamente, a espécie foi também indicada, como fugida da cultura, no catálogo da *Flora vascular da Serra do Gerês* (PINTO DA SILVA, SOBRINHO e outros, 1950).

Espécimes: Castelo Branco: Matta do Castelo (Junho-1881, *A. R. da Cunha* s. n. COI); Sernache do Bom Jardim: Jardins do Colégio das Missões (Junho-1890, *Domingos Romão Boavida* s. n. COI); Castello Novo (Junho-1920, *Luis Fernandes* LISU); De Marvão a Portalegre (Maio-1913, *Dr. Palhinha e F. Mendes* LISU); Alto Alentejo: Castelo de Vide: próx. da estrada para Marvão (3-Abril-1949, *Beliz* 30); junto à quinta do Cartaxo (27-Março-1950, *Beliz* e *Abreu* 341); Gerês — Caldas (9-Abril-1949, *L. G. Sobrinho* LISU).

Distribuição: Minho, Beira Baixa e Alto Alentejo.

Lepidium heterophyllum Benth. var. **alpestre** F. Schultz

Esta variedade, ainda não mencionada no Alto Alentejo, foi por nós herborizada, recentemente, próximo de Montalvão. Foi também assinalada a sua existência no Baixo Alentejo e no Algarve (Pinto da Silva e Fontes, 1951), províncias também não referidas por Coutinho (1939).

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever (3-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1062).

Distribuição: Alto Trás-os-Montes e Alto Minho, Beira transmontana e meridional, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Anagyris foetida L.

Até agora sòmente conhecida no Baixo Alentejo e no Algarve, esta planta foi por nós colhida nos arredores de Elvas em restos de mato com *Quercus coccifera*. Nesta região a espécie é hoje bastante rara e é possível que este caracter venha a acentuar-se, visto que os matos onde se encontra estão a caminho de completa destruição, por meio de arroteias realizadas com o fim de fornecer maior superfície à cultura cerealífera. Como último reduto, a *A. foetida* poderá, talvez, manter-se nas estremas das propriedades, onde também a temos observado.

Especime: Alto Alentejo: Elvas: herdade da Padeira; em restos de mato de *Quercus coccifera* (8-Fevereiro-1952, *Beliz* e *Abreu* 1112).

Distribuição: Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Ulex aphyllus Link

Apontada por Coutinho (1939) apenas para o Alentejo litoral, Baixo Alentejo e Algarve, verifica-se que esta espécie existe também no Alto Alentejo, pois aí se herborizou em 1951, aproximadamente no local em que havia sido colhida por M. Ferreira em 1913.

Espécimes: Arredores de Alpalhão (Junho-1913, *M. Ferreira* COI); Alto Alentejo: estrada Alpalhão-Nisa: terreno arenoso de origem granítica; em pousio antigo (25-Janeiro-1951, *Beliz, Abreu* e *Ruivo* 644).

Distribuição: Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

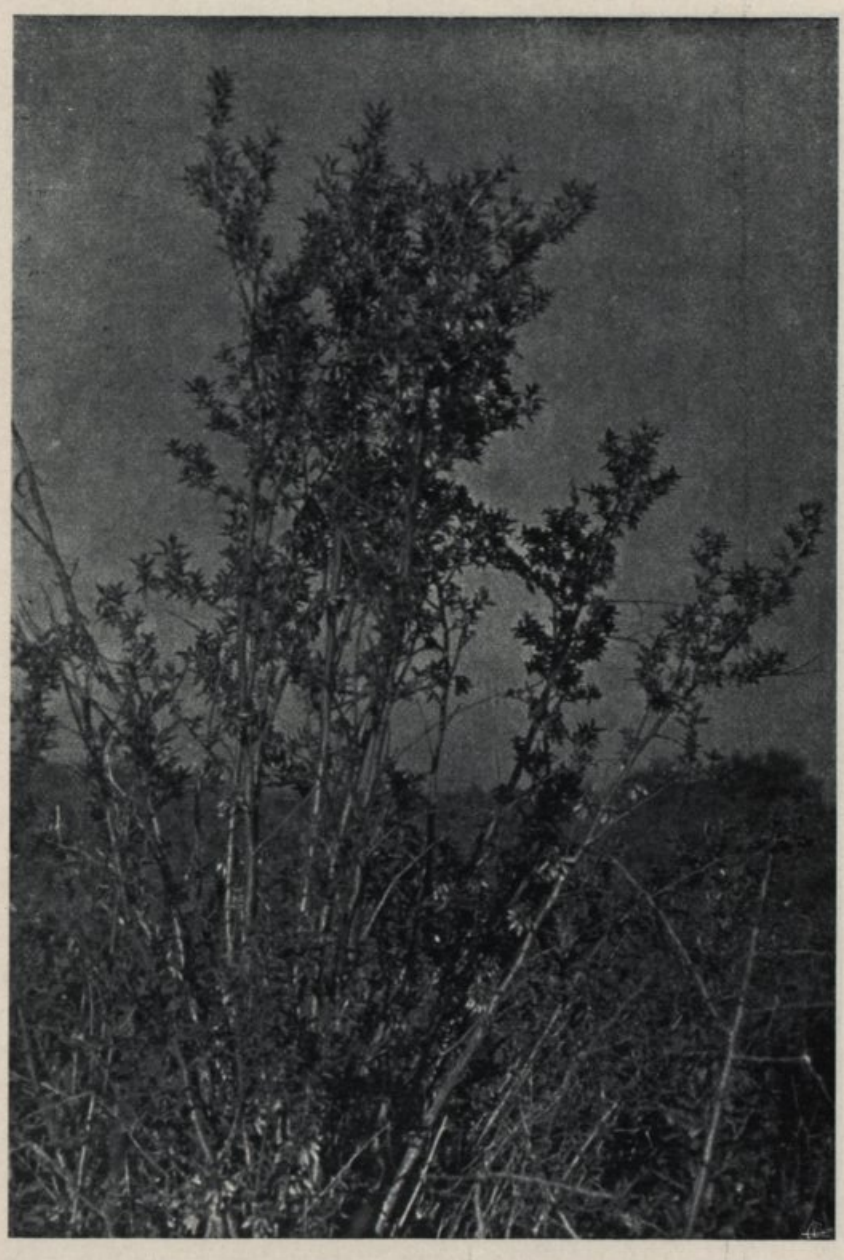


Fig. 1 — Aspecto da *Anagyris foetida* L. nos arredores de Elvas

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

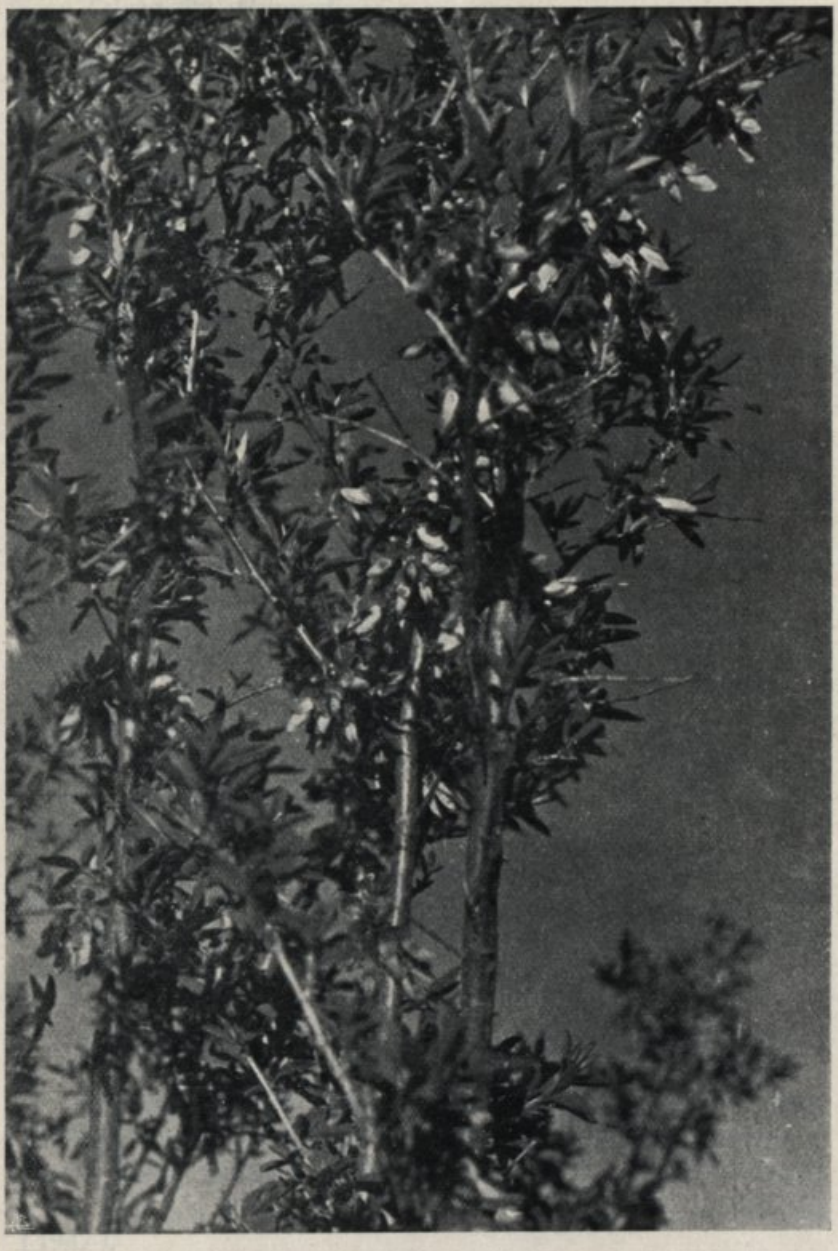


Fig. 2 — Pormenor de *Anagyris foetida* L.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

Trigonella monspeliaca L.

Na *Flora de Portugal* refere-se a existência desta leguminosa nas províncias de Trás-os-Montes, Estremadura e Algarve. Mais tarde, GARCIA (1946) indica-a também para a Beira Litoral e para o Alto Alentejo (Reguengos de Monsaraz), tendo sido de novo assinalada na primeira daquelas Províncias por FERNANDES (1949), e na segunda por FERNANDES e FERNANDES (1948). Além dos dois locais conhecidos para o Alto Alentejo, verifica-se, agora, existir também nos arredores de Elvas.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: Gramicha: terreno da Estação de Melhoramento de Plantas (23-Maio-1951, *Beliz* e *Abreu* 674).

Distribuição: Trás-os-Montes, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.

Medicago murex Willd. ssp. **ovata** (Carmig.) P. Cout.

Na *Flora* de SAMPAIO (1947) não é indicada qualquer localidade para esta subespécie, considerada por este Autor como variedade. Todavia, COUTINHO (1939) situa a planta na Estremadura e no Alentejo litoral.

Herborizada por nós no Alto Alentejo, esta Província deverá ser incluída na área de distribuição desta leguminosa em Portugal.

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever; terreno xistoso (3-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1065).

Distribuição: Estremadura, Alto Alentejo (Montalvão) e Alentejo litoral.

Coronilla repanda (Poir.) Bss. ssp. **dura** (Cav.) Perez-Lara

COUTINHO (1939) aponta, para esta subespécie, o Alto Alentejo como limite sul da área de distribuição. Porém, a planta existe também no Baixo Alentejo (VASCONCELLOS, 1941) e no Algarve, o que está de acordo com a citação de SAMPAIO (1947).

Espécimes: Odemira (Abril-1905, *G. Sampaio*); arredores de Faro: areaes da Arabia (Abril-1887, *Padre José de Sousa*

Guerreiro PO, COI e LISU); Faro (Abril-1915, *G. Sampaio*) Algarve: Concelho de Lagos: entre o Castelo de Farragudo e a ponta do Altar: praia, areias marítimas calcáreas. 4 m. s. m. (17-Abril-1945, *P. Silva, C. Fontes, M. Myre* e *B. Rainha* 585 LISE 19640); Loulé: entre Loulé e Quarteira, próximo de Quatro Estradas no pinhal (próx. à estrada), areias. Ca. 25 m. s. m. (5-Maio-1945, *P. Silva, C. Fontes, M. Myre* e *B. Rainha* 996, LISE 19550); Algarve (Abril-1950, *Beliz, Guerra* e *Ruivo*).

Distribuição: Trás-os-Montes, Beira transmontana e meridional, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Vicia peregrina L.

Esta espécie não é citada para o Alto Alentejo por COUTINHO (1939), na sua *Flora*. Todavia, foi por nós herborizada nos arredores de Elvas. SAMPAIO (1947), aponta, como limite norte da área de distribuição, a Estremadura e, como limite sul, o Algarve, muito embora não tivessemos encontrado, em qualquer dos herbários consultados, exemplar algum do Alto Alentejo.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: barreiras por detrás da Estação de Melhoramento de Plantas (29-Maio-1951, *Abreu* e *Cidrais* 676).

Distribuição: Beira meridional, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Mercurialis tomentosa L.

Dever-se-á incluir o Alto Alentejo na área da espécie no nosso País, pois a colhemos últimamente nas proximidades de Sousel. Como para a espécie da nota anterior, verificámos não existir em qualquer herbário exemplar que justificasse a anterior inclusão desta Província na área de distribuição da *M. tomentosa*, como fez SAMPAIO (1947).

Espécime: Alto Alentejo: entre Sousel e Estremoz (2-Março-1951, *Beliz* e *Ruivo* 656).

Distribuição: Douro, Beira meridional, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Elatinoides lanigera (Desf.) P. Cout. var. **dealbata** (Hoffgg. et Link) P. Cout.

Esta variedade, denominada por ROTHMALER (1940) *Kickxia dealbata* (Hoffgg. et Link) Rothm., além das regiões indicadas na *Flora de Portugal* de COUTINHO (1939), encontra-se também no Alto Alentejo, nos arredores de Elvas.

Espécimes: Alto Alentejo: Elvas: in arvis incultis prope Elvas versus fronteira de Caia. 250 m. s. m. (16-Setembro-1938, *Rothmaler* 14236 LISE 5140); Elvas: terrenos da Estação de Melhoramento de Plantas (19-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1108).

Distribuição: Estremadura, Alto Alentejo, Alentejo litoral e Baixo Alentejo.

Asperula hirsuta Desf.

Durante o estudo de material do género *Asperula* L. herborizado no Algarve em 1950, efectuado nos diversos herbários portugueses, tivemos ocasião de verificar a existência desta espécie em Trás-os-Montes e Alto Douro, onde foi colhida por F. GARCIA e M. MYRE em 1943.

Espécime: Confluência do Tanha com o Corgo (Maio-1943, *F. Garcia* e *M. Myre* LISI).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro e Algarve.

Galium tenellum Jord.

Esta rubiácea que, a avaliar pelas citações existentes, não é muito frequente em Portugal, existe também no Alto Alentejo, tendo sido colhida nos arredores de Montalvão, junto à fronteira.

Espécime: Alto Alentejo: Montalvão: Dourados: barreiras do rio Sever (3-Junho-1951, *Beliz* e *Ruivo* 1104).

Distribuição: Trás-os-Montes, Estremadura (arredores de Lisboa) e Alto Alentejo (Montalvão).

Lonicera Periclymenum L. var. **glauco-hirta** Kze.

COUTINHO (1939) indica esta variedade apenas para o litoral do Baixo Alentejo e para o Algarve, ao passo que SAMPAIO (1947) aponta, de uma maneira vaga, o sul do País. Porém,

além de se ter verificado a sua existência em Trás-os-Montes e Alto Douro (MENDONÇA e VASCONCELLOS, 1942 e 1944), foi herborizada também na Beira Baixa e no Alto Alentejo.

Espécimes: Fundão: estrada de Alcambar, próx. à levada; terreno granítico (Setembro-1945, *J. de Vasconcellos*); Alto Alentejo: Castelo de Vide: caminho do Prado (Sr.ª da Victória); nas barreiras da estrada. 550 m. s. m. (26-Feveiro-1952, *Beliz* 220).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

Tanacetum microphyllum DC.

Citada por COUTINHO (1939) sòmente para a Beira meridional, esta espécie existe também em Trás-os-Montes e Alto Douro (ROZEIRA, 1944; SAMPAIO, 1947) e, mais recentemente, foi por nós herborizada nas proximidades de Elvas.

Espécime: Alto Alentejo: Elvas: Alagada: margem arenosa do rio Guadiana. 158 m. s. m. (25-Outubro-1951, *Beliz, Boesser* e *Abreu* 685).

Distribuição: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa e Alto Alentejo.

Leontodon tuberosus L.

A província de Trás-os-Montes e Alto Douro deverá ser incluída na área de distribuição desta espécie, muito embora as *Floras* a não mencionem. Com efeito, não só a planta ali foi colhida por nós, como também já anteriormente lá havia sido assinalada (MENDONÇA e VASCONCELLOS, 1944).

Espécime: Trás-os-Montes e Alto Douro: Mirandela: Lameirão: pastagem permanente. (3-Maio-1951, *Beliz, Esteves* e *Ruivo* 748).

Distribuição: De Trás-os-Montes e Alto Douro ao Algarve.

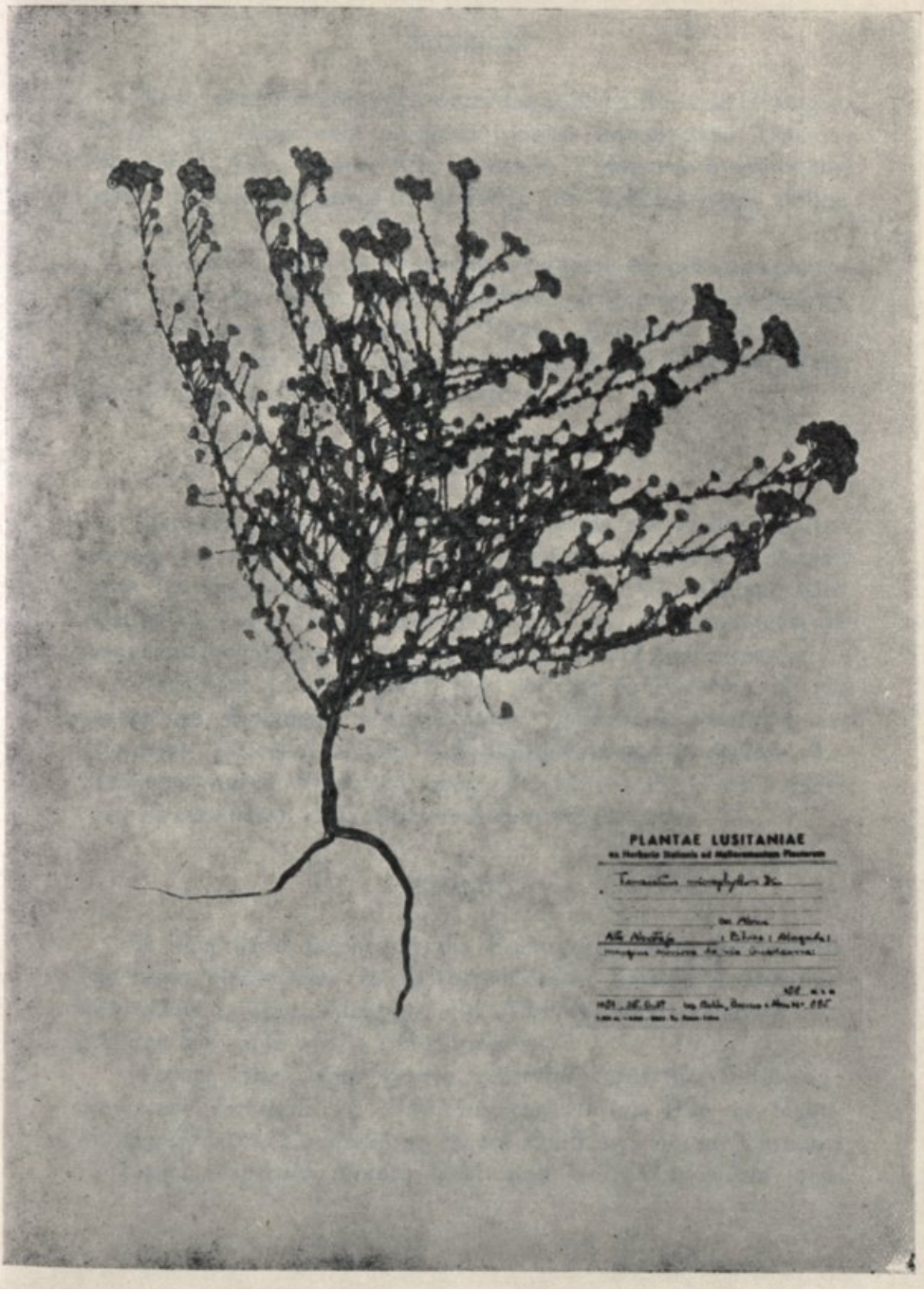


Fig. 3 — *Tanacetum microphyllum* DC.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

SUMARIO

Neste terceiro conjunto de notas sobre a flora de Portugal, os autores mencionam algumas plantas novas para Trás-os--Montes e Alto Douro, Alto Alentejo e Algarve e assinalam, nestas províncias, novas localidades de espécies nelas pouco citadas.

De entre as plantas referidas, destacam-se, pela sua pouca frequência em Portugal, as seguintes: *Narcissus serotinus* L., *Dianthus laricifolius* Bss. et Reut., *Anagyris foetida* L., *Medicago murex* Willd. ssp. *ovata* (Carmig.) P. Cout., *Asperula hirsuta* Desf. e *Galium tenellum* Jord.

RÉSUMÉ

Dans ce troisième ensemble de notes sur la flore portuguaise, les auteurs mentionnent quelques nouvelles plantes dans les provinces de Trás-os-Montes et Alto Douro, Alto Alentejo et Algarve et ils indiquent, dans ces provinces, de nouvelles localités pour des espèces qui y sont peu citées.

Parmi les plantes rapportées, on met en évidence, par sa rareté au Portugal, les suivantes: *Narcissus serotinus* L., *Dianthus laricifolius* Bss. et Reut., *Anagyris foetida* L., *Medicago murex* Willd. ssp. *ovata* (Carmig.) P. Cout., *Asperula hirsuta* Desf. et *Galium tenellum* Jord.

SUMMARY

In this third paper on the Portuguese flora, the authors list some plants new to the provinces of Tràs-os-Montes and Alto Douro, Alto Alentejo and Algarve, and cite some new stations for some of the rarer species.

Among the rare species recorded are the following: *Narcissus serotinus* L., *Dianthus laricifolius* Bss. et Reut., *Anagyris foetida* L., *Medicago murex* Willd. ssp. *ovata* (Carmig.) P. Cout., *Asperula hirsuta* Desf. and *Galium tenellum* Jord.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, A. X. PEREIRA

1939 *Flora de Portugal (Plantas vasculares)* 2.ª edição. Bertrand (Irmãos), Ld.ª Lisboa.

FERNANDES, A.

1936 Narcisos de Portugal. *An. Soc. Brot.* **2**: 9-26.

1951 Sur la phylogénie des espèces du genre *Narcissus* L. *Bol. Soc. Brot.* **25** (2.ª série): 113-190.

FERNANDES, A. e FERNANDES, R.

1948 Herborizações nos domínios da Fundação da Casa de Bragança. II — Vila Viçosa. *Bol. Soc. Brot.* **22** (2.ª série): 17-96.

FERNANDES, R.

1949 Notas sobre a flora de Portugal. I. *Bol. Soc. Brot.* **23** (2.ª série): 119-157.

GARCIA, J. G.

1946 Estudos sobre a flora de Portugal. *Bol. Soc. Brot.* **20** (2.ª série): 43-82.

MALATO-BELIZ, J. e ABREU, J. P.

1950 Notas de florística. I. *Mem. Soc. Brot.* **6**: 63-77.

MARIZ, J. DE

1885 Subsídios para o estudo da Flora Portugueza. II — *Cruciferae* L. *Bol. Soc. Brot.* **3**: 72-105.

MENDONÇA, F. A. e VASCONCELLOS, J. DE C. E

1942 Contribuições para a topografia florística da região duriense. *An. Inst. Vinho do Porto* **3** (1): 295-330.

1944 Contribuições para a topografia florística da região duriense. II. *An. Inst. Vinho do Porto* **5**: 117-200.

PINTO DA SILVA, A. R., SOBRINHO, L. G. e OUTROS

1950 Flora vascular da Serra do Gerês. *Agron. Lus.* **12** (2): 232-380.

PINTO DA SILVA, A. R. e FONTES, F. C.

1951 Plantas novas e plantas raras para o Algarve. (De Flora Lusitana Commentarii ad Normam Herbarii Stationis Agronomicae Nationalis. Fasc. VI) *Agron. Lus.* **13** (1): 77-87.

ROTHMALER, W.

1940 Sobre algumas plantas críticas. *Brotéria* (Sér. Ciênc. Nat.) **9** (1): 5-17.

ROTHMALER, W. et PINTO DA SILVA, A. R.

1940 Florae Lusitaniae emendationes. *Agron. Lus.* **2** (1): 75-90.

ROZEIRA, A.

1944 A flora da província de Trás-os-Montes e Alto Douro. *Mem. Soc Brot.* **3**.

SAMPAIO, G.

1909-11 *Pródromo da flora portugueza.*

1947 *Flora Portuguesa* (2.ª edição). Imprensa Moderna Ld.ª Porto.

VASCONCELLOS, J. DE C. E

1941 Anotações do Herbário do Instituto Superior de Agronomia. *An. Inst. Sup. Agron.* **12**.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

COIMBRA

1953

ANUÁRIO
DA
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

REDACTORES:
PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES
Director da Secção Botanica da Universidade de Coimbra
F. A. MENDONÇA
Naturalista do Instituto Botanico

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO

COIMBRA
1953

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XIX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

COIMBRA

1953

TIP. ALCOBACENSE, LIMITADA
ALCOBAÇA

SESSÕES
DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 24 de Janeiro de 1953

Presidência do Ex.mo Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.mo Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1952. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano transacto, a Direcção continuou a dispensar o melhor cuidado às revistas da Sociedade, pois que a regularidade da sua publicação é indispensável para se manterem as permutas que tanto enriquecem e tornam eficiente a biblioteca. Deste modo, publicaram-se os volumes XXVI do Boletim e VIII das Memórias, bem como o n.º XVIII do Anuário. Agradecemos penhoradamente a todos os autores a colaboração que se dignaram conceder-nos.

A Sociedade recebeu diversos pedidos de troca de publicações e solicitou também permuta com várias revistas, tendo-se, assim, alargado consideràvelmente o âmbito das nossas relações. O movimento da biblioteca foi bastante intenso, pois que se receberam por troca 554 volumes e 1.685 folhetos.

Como habitualmente, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações no país. O material está sendo estudado pelo Naturalista do Instituto, Ex.ma Sr.a D. ROSETTE BATARDA FERNANDES, que oportunamente dará conhecimento das novidades encontradas.

Mais uma vez a Direcção se vê constrangida a lamentar a reduzida actividade dos sócios, pois poucos foram os que remeteram espécimes de herbário para o Instituto Botânico. Apela-

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

-se, portanto, novamente, para a boa vontade de todos, no sentido de que prossiga com regularidade a tarefa da exploração botânica do país».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1952, existia em caixa um saldo de 15.337$15.

O Dr. Abílio Fernandes disse que a impressão e a remessa das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e distribuição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.mos Srs. Drs. Aloísio Fernandes Costa e Virgílio da Rocha Diniz.

Resolveu, também, manter em 2$00 a quota mensal a pagar pelos sócios no ano de 1953, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 24 de Janeiro de 1953

Presidência do Ex.mo Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

a) Que a redacção do Boletim e das Memórias continuasse a cargo do Ex.mo Sr. Dr. Abílio Fernandes;

b) Manter a comissão redactorial do Anuário;

c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão do seguinte

NOVO SÓCIO

Arménio Alvim Barroso, Caixa postal n.º 2088, Rio de Janeiro, Brasil.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

Manuel José Fernandes Costa

PROF. DR. MANUEL JOSÉ FERNANDES COSTA

1870 - 1952

NA voragem do tempo, vão, a pouco e pouco, desaparecendo todos aqueles que receberam os preciosos ensinamentos de JÚLIO HENRIQUES; todos aqueles a quem o venerando Mestre transmitiu o seu acrisolado amor pelo estudo do mundo vegetal; todos aqueles a cujo entusiasmo juvenil o fundador da Sociedade Broteriana foi buscar incentivo para a realização da obra gigantesca que levou a cabo!... Coube agora a vez ao ínclito varão que foi o Doutor MANUEL JOSÉ FERNANDES COSTA, professor jubilado da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra, sócio honorário da Sociedade Broteriana, membro do Instituto de Coimbra, da Sociedade Farmacêutica Lusitana e de outras agremiações científicas.

O Prof. MANUEL JOSÉ FERNANDES COSTA, filho de FRANCISCO JOSÉ FERNANDES e de D. LEOPOLDINA DA CONCEIÇÃO FERNANDES COSTA, nasceu em Foz de Arouce a 25 de Fevereiro de 1870. Depois de sobejamente ter evidenciado as suas superiores qualidades intelectuais, foi-lhe concedido o diploma de farmacêutico em 1891, isto é, quando contava apenas 21 anos de idade. Passou em seguida a exercer a profissão, para o que adquiriu a *Farmácia do Castelo*, cujo desaparecimento, em consequência das obras da Cidade Universitária, é ainda bastante recente.

Ao mesmo tempo que dirigia os serviços, não descurava a preparação dos seus ajudantes, a quem ensinava com carinho, entusiasmo e proficiência. Compreende-se, assim, que a *Farmácia do Castelo* fosse procurada por muitas pessoas que desejavam obter prática, para, em seguida, de harmonia com a legislação vigente, obterem nas Escolas os seus diplomas de farmacêuticos. O ensino arrebatava FERNANDES COSTA!... Des-

cobrir vocações, modelar o material plástico que chegava até ele, transmitir conhecimentos, formar caracteres!... Tudo isto era atraente, era vida que bem merecia ser vivida!...

O semblante de FERNANDES COSTA, porém, normalmente risonho, turvava-se com frequência quando pensava que a Farmácia era considerada como uma arte subalterna e que o seu ensino era ministrado em condições deficientíssimas, incompatíveis com a categoria de ciência autónoma que, em sua opinião, lhe devia ser atribuída. Este modo de ver era aliás o de toda a classe farmacêutica que, há longos anos, vinha pugnando pela elevação do respectivo ensino. Depois de muitos esforços, conseguiram os farmacêuticos ver consubstanciadas algumas das suas mais legítimas aspirações com a publicação da Carta de lei de 19 de Julho de 1902, mediante a qual o grande estadista que foi o Conselheiro HINTZE RIBEIRO unificou o ensino farmacêutico e lhe deu a categoria de superior (1). Por essa lei, foram criadas três Escolas de Farmácia anexas, respectivamente, à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e às Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto.

Em 28 de Janeiro de 1903, foi aberto concurso para provimento de duas vagas de professores catedráticos e uma de professor substituto da Escola de Coimbra. Dada a atracção que sentia pelo ensino e consciente de que poderia contribuir para a sua elevação, FERNANDES COSTA resolveu concorrer. Necessitando, para esse efeito, elaborar uma dissertação, dirigiu-se a JÚLIO HENRIQUES e a CHARLES LEPIERRE que muito gostosamente o acolheram nos laboratórios que dirigiam, pondo à sua disposição todos os recursos dos mesmos, bem como a inexaurível fonte dos seus conhecimentos. FERNANDES COSTA sabia que *Hypericum Androsaemum* L. era uma planta de interesse terapêutico que estava sendo usada de uma maneira empírica, com inteiro desconhecimento da natureza química dos seus princípios activos. Resolveu, pois, efectuar o estudo anatómico e químico dessa planta, ao qual adicionou o da sua acção fisiológica, tendo, desse modo, realizado um verdadeiro trabalho de

(1) Vide JOSÉ CYPRIANO RODRIGUES DINIZ — O ensino farmacêutico na Universidade de Coimbra. Sua evolução desde 1902 até à reforma de 1932. *Notícias Farmacêuticas*, 4: 123-203, 1937-1938.

investigação científica. Depois de ter elaborado a dissertação intitulada «*Hypericum Androsaemum*, L.» e 4 teses correspondentes às cadeiras que constituiam o curso de Farmácia daquele tempo, FERNANDES COSTA apresentou-se às provas, que se efectuaram de 18 de Fevereiro a 18 de Abril de 1904. Aprovado por unanimidade, tomou posse do lugar de professor da Escola em 14 de Maio do mesmo ano.

FERNANDES COSTA viu, assim, convertido em realidade um dos grandes sonhos da sua vida e, desde 1904 até 1940, ano em que foi atingido pelo limite de idade, consagrou-se devotadamente ao ensino, regendo as cadeiras de História Natural das Drogas, Zoologia Farmacêutica, Bromatologia e Análises Bromatológicas, Indústria Farmacêutica, Estudo comparativo das Farmacopeias, Farmacognosia e Farmácia Galénica. Professor inteligente e culto, de palavra fácil e elegante, as suas aulas eram seguidas com o maior interesse pelos alunos, que encontravam também no Mestre o amigo de coração bondoso, sempre disposto a aconselhá-los para que um dia se tornassem Homens na plena acepção da palavra...

Enquanto se entregava ao ensino com todo o entusiasmo, uma pesada núvem obscurecia o horizonte do nóvel professor: a Escola de Farmácia não possuia instalações próprias, funcionando, graças à hospitalidade de JÚLIO HENRIQUES e de SOUSA GOMES, em dependências do Jardim Botânico e do Laboratório Químico. Logo no primeiro Conselho a que assistiu, chamou a atenção do Reitor interino, Dr. AVELINO CALISTO, para a acuidade deste problema, rogando-lhe que intercedesse no sentido de os poderes públicos instalarem condignamente a Escola. Apesar dos insistentes pedidos e da boa vontade dos reitores, o tempo ia passando e o problema continuava sem solução. FERNANDES COSTA não desanimou e, em 1911, quando ocupava já o lugar de Director, viu os seus esforços coroados de êxito, porquanto o governo da Universidade resolveu nessa data ceder a chamada «Casa dos Mellos» para instalação de alguns serviços da Escola de Farmácia. A «Casa dos Mellos», anteriormente destinada a habitação de funcionários não docentes, a carpintaria e a depósito de materiais, encontrava-se em verdadeira ruína e atropelos diversos tinham-lhe feito perder as suas sóbrias linhas de construção renascentista. Ao restauro e à adaptação do edifício

dedicou então FERNANDES COSTA o melhor do seu carinho. Desejava instalar os serviços condignamente, mas queria também que a «Casa dos Mellos» mantivesse o seu primitivo carácter arquitectónico. Estudou o problema em colaboração com o arquitecto AUGUSTO CARVALHO da SILVA PINTO e, em Fevereiro de 1912, iniciaram-se as obras que duraram até Janeiro de 1915. No edifício restaurado, instalou as salas de aula, biblioteca, laboratórios de Farmacognosia e Farmácia Galénica, Farmácia modelo, gabinete do Director, vestiários, etc. Infelizmente, o espaço era pequeno para poderem caber ali todos os serviços. Por este facto, alguns deles tiveram de ficar ainda em S. Boaventura e no edifício central da Universidade. Apesar disso, FERNANDES COSTA sentia-se contente, pois que a Escola de Farmácia de Coimbra tinha agora, no seu dizer, ***uma casa sua.*** No entanto, a ideia de dar a todos os serviços uma instalação adequada não o abandonou. Deste modo, em 1923, conseguiu que a Junta Administrativa da Universidade cedesse à Farmácia uma casa de carpintaria situada por detrás da Biblioteca Geral. Efectuadas as convenientes obras de reparação, aí instalou, numa ampla sala, o laboratório de Química, que, assim, abandonou as exíguas instalações em que se encontrava e para onde transitou depois o laboratório de Criptogamia e Fermentações.

Enquanto que, com tanto sucesso, ia resolvendo os problemas referentes às instalações da sua Escola, FERNANDES COSTA preocupava-se também com a elevação do nível do ensino e com a dignificação do exercício farmacêutico. Em relação com o que existia, a reforma de 1902, embora imperfeita em muitos pontos, representou um melhoramento sensível e muito contribuiu para a elevação do ensino. No entanto, os contínuos progressos da Ciência mostravam que o plano de estudos estabelecido por essa reforma era cada vez mais inadequado. Por isso, os corpos docentes das Escolas, assim como a classe farmacêutica, aspiravam a que os estudos fossem novamente reformados, dando-se-lhes a amplidão que a sua importância exigia.

Com a implantação da República, FERNANDES COSTA viu realizada uma das mais caras aspirações do seu espírito, pois estava convencido que o novo regime traria ao povo português uma era de progresso e felicidade. Foi, pois, com alvoroço, que acedeu a fazer parte de uma comissão de professores

das três Escolas do país, nomeada pelo Ministro do Interior, em Janeiro de 1911, com o encargo de elaborar um projecto de reforma do ensino da Farmácia. FERNANDES COSTA gostosamente aceitou o encargo de relator dessa comissão, tendo elaborado um plano que foi aprovado por todos os membros. Quando se esperava que fosse publicado um diploma inspirado nesse projecto, surgiu a reforma de 26 de Maio de 1911, onde o relator não reconheceu qualquer influência do trabalho que executara com o coração pleno de esperanças. De todos os lados surgiram protestos contra essa reforma que não correspondia aos anseios nem das Escolas, nem da classe farmacêutica. Compreende-se, por isso, que, convidadas a regulamentar a lei, as Escolas de Farmácia se tenham negado terminantemente a fazê-lo. Essa regulamentação, porém, como refere CYPRIANO DINIZ (*l. c.* 150), foi feita por pessoa estranha ao corpo docente das Escolas, mas não foi sancionada pelo Governo sem que FERNANDES COSTA sobre ela emitisse o seu parecer e introduzisse as emendas que considerasse convenientes. Já que o ensino farmacêutico estava em causa, o Director da Escola de Farmácia de Coimbra pôs de lado o seu legítimo ressentimento e tentou atenuar o mal o mais possível, aproximando a regulamentação do projecto que tinha elaborado. Era, porém, impossível salvar tudo, porquanto o regulamento, que foi aprovado por decreto de 18 de Agosto de 1911, não se poderia sobrepor à lei...

Em 1914, FERNANDES COSTA é novamente nomeado para fazer parte de uma comissão encarregada pelo Ministro da Instrução, JOSÉ DE MATOS SOBRAL CID, de reorganizar o ensino nas Escolas de Farmácia. Depois das correspondentes discussões, a comissão aprovou um regulamento baseado principalmente sobre o projecto elaborado em 1911 por FERNANDES COSTA e o decreto de 18 de Agosto do mesmo. Com a aprovação deste regulamento, viu FERNANDES COSTA os seus esforços coroados de êxito, mas, infelizmente, o período de vigência do decreto que o sancionou (n.º 1.102, de 25 de Novembro de 1914) foi extremamente curto.

Em 16 de Janeiro de 1915, voltou a ser nomeado para fazer parte de uma outra comissão destinada ainda a rever o problema do ensino farmacêutico. Nessa comissão apresentou, pela

primeira vez, um projecto de lei pelo qual as Escolas de Farmácia seriam convertidas em Faculdades. FERNANDES COSTA passou depois a bater-se denodadamente por esta ideia, que conseguiu ver triunfar com a publicação do decreto n.º 7.238, de 18 de Janeiro de 1921. Recebeu, assim, a justa compensação do esforço dispendido, sendo intensa a alegria que experimentou por ter conseguido realizar o máximo que sonhara no que respeita à elevação do ensino da ciência que professava.

Oito anos decorreram velozes, como decorre sempre o tempo em períodos felizes. O estado do Tesouro, porém, impunha um apertado regime de economias e de diminuição de despesas. Por esse facto, sendo Ministro da Instrução ALFREDO DE MAGALHÃES, foi publicado, em 14 de Abril de 1928, um decreto que, além de outras, extinguia a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Esta medida, como é bem compreensível, desgostou profundamente FERNANDES COSTA, que via, assim, ruir a obra em que tinha trabalhado com tanto carinho, ardor e fé! . . .

Representações diversas fizeram com que os poderes públicos se apercebessem dos inconvenientes que resultariam da supressão do ensino da Farmácia em Coimbra. Por esse facto, foi permitida a inscrição dos alunos em anos sucessivos, até que, em 1932, foi publicada uma nova reforma do ensino de Farmácia, mediante a qual a Faculdade passou a Escola, regime em que actualmente se encontra.

Em virtude de ser o mais antigo membro do Senado, FERNANDES COSTA foi Reitor interino da Universidade desde 1 de Setembro de 1919 a fins de Outubro do mesmo ano, de 1 de Junho a fins de Novembro de 1921 e de 28 de Janeiro de 1924 a 6 de Janeiro de 1925. No desempenho dessas elevadas funções, procurou sempre prestigiar a Universidade, que amava com desvelo, e revelou os mais elevados dotes morais e intelectuais.

A análise do trabalho «*Hypericum Androsaemum*, L.», que constituiu a sua dissertação de concurso, revela que FERNANDES COSTA possuia reais qualidades de investigador. Os problemas que teve de enfrentar durante a sua vida docente, porém, não lhe permitiram dedicar muito tempo à investigação científica. Apesar disso, sob os pseudónimos «*Omega*» e «*Myr-*

tus», publicou ainda os seguintes trabalhos em «Notícias Farmacêuticas», revista que lhe era particularmente cara:

Passatempo farmaco-naturalista. Plantas vulgares de ornamentação de acção venenosa. I) A Hera. — *Notícias Farmacêuticas*, 1: 9-12, 1934.

Ao tabuleiro do gamão. As águas còradas das farmácias como motivo decorativo. — *Idem*, 1: 77-82, 1935.

Diversos atributos e emblemas da Farmácia e da Medicina. — *Idem*, 1: 125-129, 1935.

Exercício ilegal da Farmácia. Lá e cá... — *Idem*, 1: 337-339, 1935.

Esclarecendo. — *Idem*, 1: 340-341, 1935.

A-cêrca-do Soluto de Lugol. — *Idem*, 1: 349-356, 1935.

Um caso delicado de exercício profissional. — *Idem*, 2: 98-100, 1935.

Uma Portaria notável. — *Idem*, 2: 212-213, 1936.

Comentando. — *Idem*, 2: 317-319, 1936.

Acêrca da substituição da cânfora natural pela cânfora sintética no óleo canforado injectável. — *Idem*, 2: 332-340, 1936.

Temas didácticos. A propósito dum artigo sôbre incompatibilidades farmacêuticas. — *Idem*, 3: 99-106, 1937.

O edifício da Escola Superior de Farmácia de Coimbra e as suas instalações. — *Idem*, 4: 91-121, 1937.

Fernandes Costa representou também papel de relevo na vida política da Nação. Assim, em 1911, foi eleito Deputado à Assembleia Constituinte por Arganil e, em 1919, voltou a sê-lo pelo mesmo círculo. Em 1921, foi Senador pelo círculo de Coimbra.

Atingido o limite de idade em 25 de Fevereiro de 1940, retirou-se Fernandes Costa para Coja. Uma pessoa cuja vida tinha sido inteiramente devotada ao trabalho não poderia permanecer inactiva, apesar de ser já avançada a sua idade. Por outro lado, interessando-se pelo bem público, era sua aspiração que o povo se elevasse constantemente sob os pontos de vista moral e material. É, pois, compreensível que tenha aceitado com entusiasmo o cargo de presidente da Comissão Administrativa da Casa do Povo de Coja. No exercício destas funções,

prestou serviços de tal modo notáveis que, por despacho do Ministro das Corporações e Previdência Social, foi louvado pelo zelo e dedicação com que desempenhou esse cargo. Também a população de Coja não olvidava quanto lhe devia. E, assim, projectava manifestar-lhe o seu reconhecimento no dia 28 de Dezembro de 1952. A FERNANDES COSTA, porém, foi vedada a satisfação que lhe adviria de tal homenagem, porquanto, precisamente na véspera, deixou de bater o seu coração, que tanto tinha pulsado em defesa dos nobres ideais que nortearam sempre a sua vida...

À Ex.ma Família do saudoso extinto e em especial ao Ex.mo Sr. Prof. Dr. ALOÍSIO JOSÉ DE CARVALHO FERNANDES COSTA, membro da Direcção da Sociedade Broteriana, deixamos aqui consignada a expressão das nossas mais sentidas condolências.

A. FERNANDES

SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE *NARCISSUS CYCLAMINEUS* DC. E *N. CALCICOLA* MENDONÇA

por

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

As herborizações realizadas ùltimamente pelo pessoal do Instituto Botânico de Coimbra vieram mostrar que as áreas de dispersão de *N. cyclamineus* DC. e *N. calcicola* Mendonça são mais vastas do que se pensava. Em virtude de se tratar de plantas extremamente interessantes, quer pela sua beleza, quer pela sua história e raridade, publicamos aqui os dados que coligimos sobre a repartição geográfica destas duas espécies, juntamente com algumas notas históricas.

Narcissus cyclamineus DC.

Pelas folhas estreitas, espessas e intensamente verdes, bem como pelas flores solitárias, pendentes, de um amarelo dourado, com tubo obcónico muito curto, coroa longa e estreita, de abertura dilatada e margem crenulada, e tépalas retroflectidas como nos Ciclamens, esta espécie é muito bela e distinta de todos os outros taxa do subgénero *Ajax*. Devido à posição da flor e às tépalas retroflectidas, o conjunto constituído pelo pedúnculo, pedicelo e flor tem o aspecto de um pequenino martelo, compreendendo-se que, no Douro Litoral, o povo, sempre tão apto a descobrir analogias, designe a planta pelo nome de *Martelinhos*. Na Beira Alta, onde *N. cyclamineus* DC. foi recentemente encontrado, o nome vulgar é *Pucarinhos*, tirado provàvelmente da conformação da coroa, que na realidade lembra um pequeno púcaro.

Uma planta tão curiosa não poderia passar despercebida aos estudiosos que desde há muito tempo se enlevam na observação das maravilhas do mundo vegetal. Não admira, pois,

que *N. cyclamineus* DC. tenha sido representado por PIERRE VALLET na estampa 20 da sua obra *Le jardin du Roy tres chrestien Henri IV*, numa data tão recuada como 1608. VALLET chamou-lhe *Narcissus hispanicus minor amplo calyce foliis reflexis* e a observação da figura (fig. 1) não deixa dúvidas de que se trata realmente de *N. cyclamineus* DC.

Fig. 1. — Reprodução da figura de *N. cyclamineus* DC. publicada por VALLET em 1608.

Em 1633, foi novamente representado na estampa 20 do *Theatrum Florae, in quo ex toto orbe selecti mirabiles venustiores ac praecipui flores tanquam ab ipsius Deae sinu proferuntur*, obra de um autor anónimo, muito provàvelmente francês. A figura é mais perfeita que a de VALLET e a planta é ali designada por *Narcissus hispanicus minor luteus amplo calyce foliis reflexis* (fig. 2).

Em 1816, DE CANDOLLE in REDOUTÉ, Liliac. 8, n.º 486, deu-lhe o nome de *N. cyclamineus*, transcrevendo a diagnose pré-lineana e citando a figura do *Theatrum Florae*. Como não há dúvidas quanto à identificação da planta representada na última obra, o nome específico deve na realidade ser atribuído a DE CANDOLLE. Mais tarde, HAWORTH (Mon. **2**: 1831), separando *Ajax* como género distinto, chamou-lhe *Ajax cyclamineus*.

As figuras de VALLET e do *Theatrum Florae* foram executadas sobre exemplares cultivados cuja proveniência era completamente desconhecida. Essas plantas, porém, desapareceram das culturas, ficando sòmente as figuras a atestar a existência da

espécie. Como, no espaço de cerca de dois séculos (de 1633 a 1837), nenhum autor voltasse a referir o aparecimento de tal planta, HERBERT (Amaryllidaceae, 1837), julgando possivelmente, como sugere BOWLES (*A handbook of* Narcissus, 1934), a representação feita no *Theatrum Florae* tão má como as cópias de figuras antigas de Amarilidáceas publicadas por OLAF RUDBECK nos seus *Campi Elysii* (1701), foi levado a negar a existência de *N. cyclamineus* DC. que ele considerou «an absurdity which will never be found to exist». O decorrer do tempo parecia dar razão a HERBERT, pois que, apesar da intensidade das pesquisas florísticas que se estavam efectuando, ninguém anunciava a redescoberta da espécie.

Fig. 2. – Desenho de *N. cyclamineus* DC. feito por BURBIDGE sobre a figura da estampa 20 do *Theatrum Florae*.

Nas suas digressões pelos arredores do Porto, cidade em que habitava, o inglês EDWIN JOHNSTON passou, em Fevereiro de 1881, pelas margens do rio Ferreira, afluente do Sousa. Aí se lhe deparou um Narciso de que colheu exemplares, alguns dos quais foram remetidos para o Jardim Botânico de Coimbra. Infelizmente, como se verifica pelo exame da respectiva etiqueta, a planta foi identificada como *N. minor* L., continuando, assim, ainda triunfante a opinião de HERBERT. No Porto habitava também um outro inglês, A. W. TAIT, amigo de E. JOHNSTON. Como acontece com tantos dos seus compatriotas, TAIT dedicava-se à floricultura nas horas vagas e, dadas as suas relações com C. WOLLEY DOD, P. BARR, JÚLIO HENRIQUES e CORDER, todos eles grandes apreciadores de Narcisos, tornou-se também um entusiasta pelo estudo e cultura dessas interessantes amarilidáceas.

Os seus amigos ingleses pediam-lhe informações sobre os Narcisos de Portugal, ao mesmo tempo que lhe remetiam bibliografia e instruções sobre a sua identificação. Certo dia, JOHNSTON mostrou a TAIT uma flor de *N. cyclamineus* DC. TAIT ficou entusiasmado e pediu ao seu amigo que o conduzisse ao local onde a tinha colhido. Satisfeito o pedido, encontrou-se TAIT junto ao rio Ferreira, e aí, entre 28 de Fevereiro e 10 de Março, pôde contemplar *N. cyclamineus* DC. em flor, o qual vivia nas margens da corrente, em solo areno-argiloso, a 300 pés de altitude. As plantas eram relativamente abundantes, tendo TAIT o ensejo de colher um elevado número de exemplares, que remeteu a JÚLIO HENRIQUES, bem como aos seus compatriotas, particularmente a WOLLEY DOD e a P. BARR. Simultâneamente, *N. cyclamineus* DC. era encontrado por E. SCHMITZ, em S. Martinho do Campo, nos arredores de Valongo.

Em 1886, TAIT deu à estampa as suas *Notes on the* Narcissi *of Portugal*, onde, além de historiar a descoberta de *N. cyclamineus* DC. nos arredores do Porto, apresentou ainda uma descrição da espécie. A publicação desse artigo e sobretudo a chegada das plantas a Inglaterra causaram sensação, pois constituiam um desmentido formal à afirmação de HERBERT. A « absurdity which will never be found to exist » existia efectivamente, não sendo, portanto, o produto da fantasia de nenhum ilustrador antigo que desenhasse as plantas tal como desejava que fossem e não como eram na realidade.

Alguns dos bolbos enviados por TAIT para Inglaterra foram oferecidos a F. W. BURBIDGE, o bem conhecido autor da obra *The* Narcissus: *its history and culture*, London, 1875, que os pôs em cultura no Jardim Botânico do Trinity College de Dublin. Ali floresceram na Primavera de 1887 e sobre essas plantas se elaborou a Tab. 6950 do *Botanical Magazine*, cuja publicação foi acompanhada de uma descrição e de uma nota histórica da autoria de J. G. BAKER. Este autor indica na sinonímia *Ajax cyclamineus* Haworth, Monogr. Narciss. p. 2, de modo que, segundo ele, o nome seria *N. cyclamineus* (Haw.) Baker. Como vimos, a espécie, porém, tinha já sido correctamente denominada por DE CANDOLLE em 1816. O nome que deve prevalecer é, pois, o deste autor e não os de HAWORTH ou BAKER.

A estampa do *Botanical Magazine* e a nota de BAKER contribuiram ainda mais que o artigo de TAIT para divulgar a redescoberta de *N. cyclamineus* DC. Os floricultores dessa época, mais felizes do que aqueles que os precederam, os quais em vão tinham procurado durante cerca de dois séculos e meio o famoso *Narcissus hispanicus minor luteus amplo calice foliis reflexis*, tentaram por todos os meios obter bolbos dessa notável planta, para satisfazerem os pedidos que lhes chegavam de todos os lados. Surge, assim, um momento trágico na vida do nosso Narciso. Sobre as margens do rio Ferreira, bem como sobre as do ribeiro de Avintes, onde posteriormente tinha também sido assinalada a sua presença, convergem grupos de homens armados de enxadas que sistemàticamente arrancam os bolbos, para serem depois exportados para Inglaterra e outros países. Deste modo, enquanto *N. cyclamineus* DC. enchia os viveiros dos floricultores e ia matizando as relvas dos jardins ingleses, deixava de se poder mirar nas águas cristalinas dos ribeiros dos arredores do Porto, tornando-se aqui cada vez mais raro. Portugal ia, assim, perdendo uma das preciosidades da sua flora, sem que qualquer providência fosse tomada. Por outro lado, as necessidades sempre crescentes das populações impeliam os camponeses a pôr em cultura terrenos que até aí se tinham mantido bravios. O arado revolvia a terra e *N. cyclamineus* DC., incapaz de se adaptar às novas condições, era obrigado a recuar para os incultos que ainda ficavam. O camponês, embora sem má intenção, transformou-se também em inimigo da infeliz planta. Os preços oferecidos pelos floricultores estrangeiros eram cada vez mais elevados. A legião dos colectores de bolbos não descansava, continuando a colher o almejado Narciso, que não conseguia já encontrar refúgio eficaz contra tão feroz perseguição. A certa altura, os colectores começaram a regressar com as mãos vazias, tudo parecendo indicar que a espécie tinha sido eliminada do estado espontâneo. Os floricultores, porém, estavam satisfeitos com os lucros obtidos e os jardins particulares bem povoados!... A colheita cessou, ficando a crença de que a planta se extinguira!...

Desde 1881 até 1893, data da publicação do *Supplementum Prodromi Florae Hispanicae* de WILLKOMM, supôs-se que *N. cyclamineus* DC. era endémico de Portugal, onde se encontrava

ùnicamente nas margens dos rios Ferreira e Avintes. A publicação dessa obra revelou, porém, que a espécie existia também na Galiza, tendo sido herborizada por Lopez Seoane pr. La Coruña. As investigações do Rev. P.e Baltazar Merino (Flora descriptiva é ilustrada de Galicia, **3**: 117, 1909) mostraram que, além de habitar nos arredores de La Coruña, vivia ainda nas ribeiras del Sar, próximo de Santiago, e em Pontevedra, nas margens do Tamuje, cercanias de Rosal.

Terminada a impiedosa perseguição, teria *N. cyclamineus* DC. conseguido sobreviver nos arredores do Porto? A esta pergunta responde o artigo do Prof. Arnaldo Rozeira «Narcissus cyclamineus DC. *Notas sôbre a sua área de dispersão em Portugal*» (An. Jard. Bot. Madrid, **6**: 143, 1946). Por ele se verifica que, apesar da rude perseguição que lhe moveram os colectores e os camponeses, a espécie não se extinguiu. As plantas que, em consequência dos acasos da disseminação, tinham ficado escondidas em sítios pouco acessíveis, aproveitaram o período de tréguas para se expandirem e a espécie conseguiu reocupar alguns dos terrenos de onde tinha sido expulsa. Assim se explica que Rozeira a tenha voltado a encontrar nas localidades clássicas, «por vezes em grande abundância nas margens do rio Ferreira», como mostra a figura 3. Este autor procurou delimitar com precisão a área ocupada por *N. cyclamineus* DC. em Portugal, verificando «que se encontrava limitada por uma linha que continha todos os afluentes do rio Ferreira, linha que no limite Norte passa por *Cô*, *Paços de Ferreira*, *Freamunde*, e que a Sul do Douro, atinge *Vergada*, situada próximo da estrada que do Porto segue para Lisboa, na nascente do ribeiro de Crestuma, um pouco a Sul das nascentes do ribeiro de Avintes. O limite Oeste é marcado a Norte do Douro pela margem direita do rio Ferreira e seus afluentes, e a Sul pela margem esquerda do ribeiro de Avintes. Não foi possível determinar, por falta de tempo, o limite Leste» (Rozeira, *l. c.* p. 143 e 144).

Em 5 de Maio de 1951, o Instituto Botânico organizou uma exploração, chefiada pelo Ex.mo Sr. Dr. José de Barros Neves, que, atravessando o Caramulo, passou por S. João do Monte. Nessa localidade, colheu-se um Narciso de que não foi possível determinar a espécie pelo facto de já nem sequer possuir frutos.

Na Primavera do ano seguinte, as plantas floresceram no Jardim Botânico de Coimbra e ficámos muito surpreendidos ao verificar que se tratava de *N. cyclamineus* DC. Admitimos que poderia ter havido qualquer troca de números ao fazerem-se as plantações, mas, dados os cuidados que sempre se tomam ao proceder a envasamentos, esta explicação não nos satisfez.

Fig. 3. — *N. cyclamineus* DC. num prado de Couce, na margem esquerda do rio Ferreira. Notar que a planta é relativamente abundante. (Segundo uma fotografia gentilmente cedida pelo Ex.mo Sr. Prof. A. ROZEIRA).

Resolvemos, portanto, ir a S. João do Monte, em 9 de Março de 1952, com o fim de esclarecer o problema, já que os colectores ANÍBAL DOS SANTOS e ALEXANDRINO DE MATOS se lembravam com precisão do local da colheita.

No meio da povoação, na margem esquerda do ribeiro que a atravessa, ergue-se, junto à igreja, um pequeno outeiro rodeado de lameiros e terrenos de cultura. A vegetação desse outeiro era, nessa data, contituída pelos restos de uma floresta de *Quercus pyrenaica* Willd., onde persistiam ainda alguns exemplares arbóreos (fig. 4). Os outros pés, provenientes dos rebentos das plantas cortadas, tinham porte arbustivo, formando moita relativamente aberta. Devido à acumulação de folhas

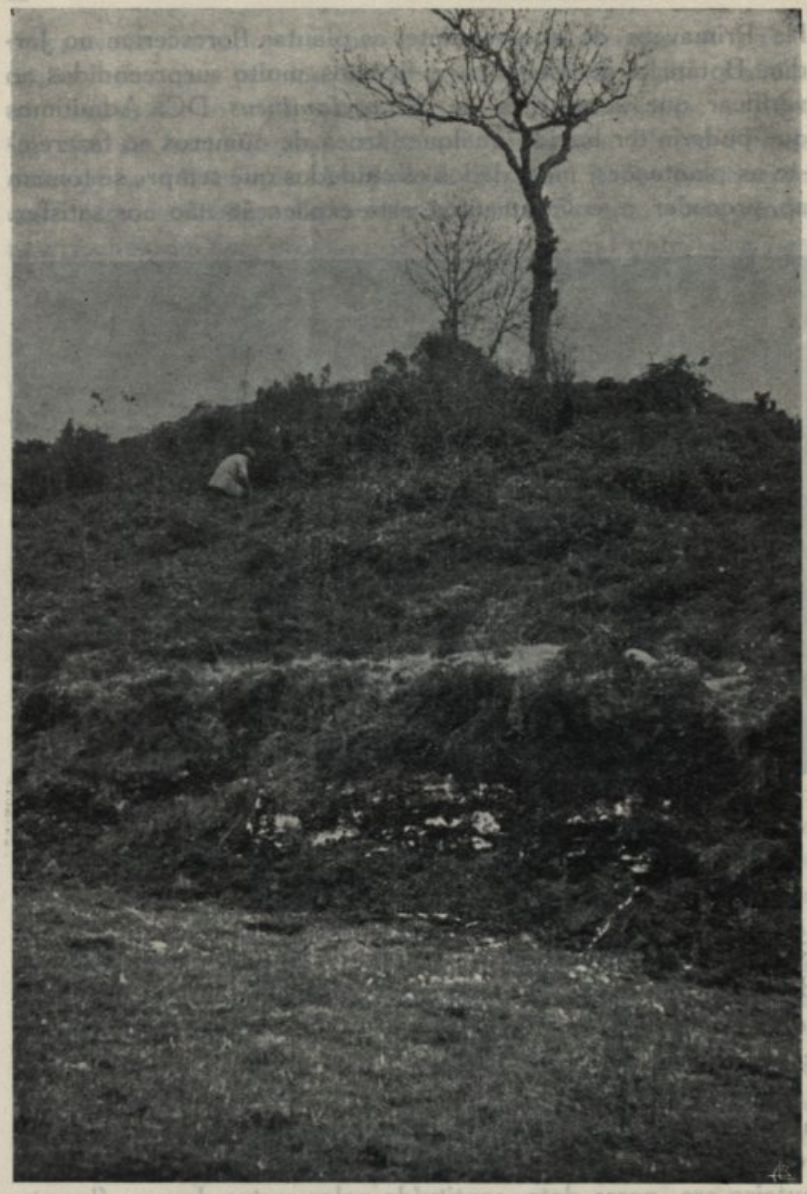


Fig. 4. — Outeiro junto à igreja de S. João do Monte, cuja vegetação era constituída, em 1952, por uma floresta muito degradada de *Quercus pyrenaica* Willd. No solo humoso das encostas voltadas a Sudoeste e Noroeste, cresce *N. cyclamineus* DC. por entre gramíneas e musgos.

mortas de *Quercus pyrenaica* Willd. e outras plantas, o solo é rico em húmus e muito húmido. Nesse solo, entre as gramíneas e musgos, encontrámos efectivamente *N. cyclamineus* DC. (fig. 5). Reconhecido este *habitat*, percorreram-se outras moitas de *Quercus pyrenaica* Willd. das vizinhanças, verificando-se que existia em quase todas.

Fig. 5. — *N. cyclamineus* DC. (seta) no solo humoso muito húmido da localidade descrita na figura 4, crescendo entre gramíneas, musgos e folhas mortas de *Quercus pyrenaica* Willd.

S. João do Monte, localizado em pleno Caramulo, está relativamente longe do mar (45,7 km.), a uma altitude de 639 m. Dada a circunstância de as sementes e bolbos de *N. cyclamineus* DC. serem, como aponta Rozeira (*l. c.*), muitas vezes arrastados pelas águas, poderá esperar-se que a espécie ocorra em altitudes menores, ao longo das margens do rio Águeda e seus afluentes.

Em face dos dados que conseguimos reunir, *N. cyclamineus* DC. foi até hoje colhido nas seguintes localidades (fig. 6 e 7):

PORTUGAL

DOURO LITORAL: Porto, rio Ferreira, II-1881, *Johnston* s. n., COI; margens do rio Ferreira, 22-II-1882, *Joaquim Tavares* s. n., PO; arredores de Valongo, S. Martinho do Campo, II-1885,

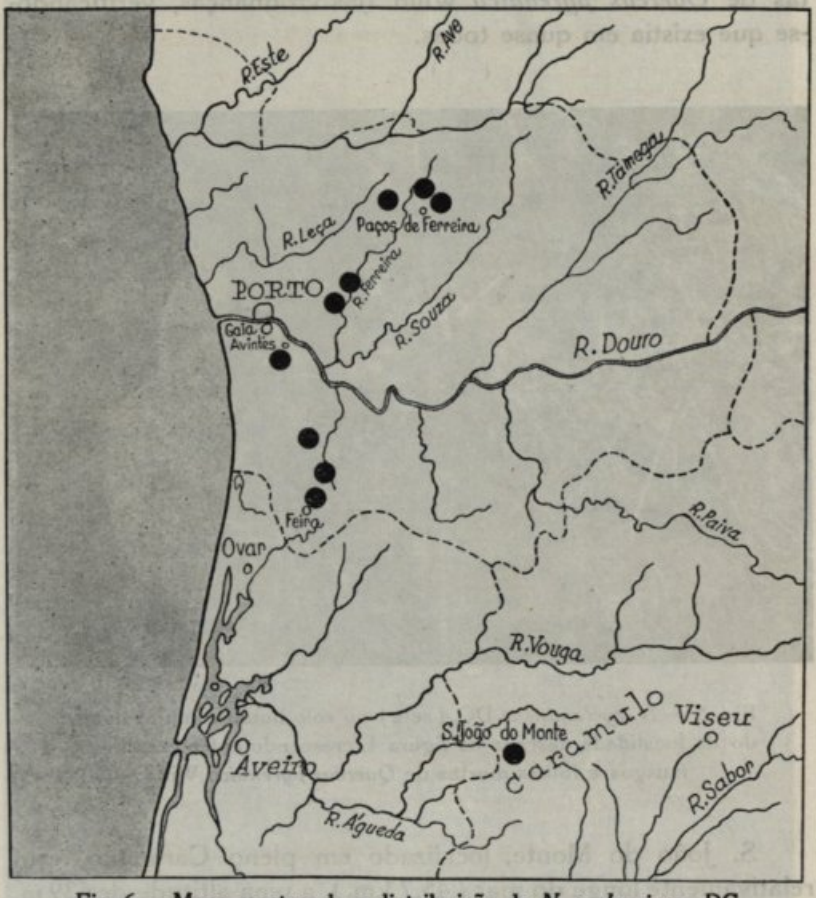


Fig. 6. — Mapa mostrando a distribuição de *N. cyclamineus* DC. em Portugal.

Schmitz s. n., COI; aredores do Porto, Valongo, S. Martinho do Campo, II-1886, *Schmitz* s. n., COI; arredores do Porto, margens do rio Ferreira. III-1886, *A. Tait* s. n., COI; arredores do Porto, Valongo, rio Ferreira, II-1901, *Sampaio* s. n., COI, LISU; arredores do Porto, III-1901, *Sampaio* s. n., LISU, PO; Valongo, rio Ferreira, III-1905, *Sampaio* s. n., PO; Valongo,

margem do rio Ferreira, 21-II-1943, *Rozeira & Castro* 3840, PO; Paços de Ferreira, próximo da nascente do rio Ferreira, numa bouça, II-1946, *Rozeira* (v. v.); Paços de Ferreira, próximo da nascente do rio Ferreira, num lameiro, II-1946, *Rozeira* (v. v.); Valongo, margem do rio Ferreira, 17-II-1946, *Rozeira & Castro* 6270, PO; Porto ad margines herbosis fl. Ferreira prope Va-

Fig. 7. — Mapa mostrando a área de distribuição de *N. cyclamineus* DC. na Península Ibérica.

longo, 200 m. s. m., 25-III-1939, *Rothmaler & P. Silva* s. n., LISE; Vila Nova de Gaia, ribeiro de Avintes, 25-II-1945, *Rozeira & Castro* 5844, PO; Vila Nova da Feira, Azenhas, próximo de Vergada, numa bouça, II-1946, *Rozeira* (v. v.); Vila da Feira, junto a um ribeiro, 16-III-1947, *Rozeira & Castro* 1744, PO; Vila da Feira, Caldas de S. Jorge, num lameiro, 16-III-1947, *Rozeira & Castro* 1745, PO; Vila da Feira, Caldas de S. Jorge, num lameiro, 16-III-1947, *Rozeira & Castro* 1746, PO.

BEIRA ALTA: Serra do Caramulo, S. João do Monte, pr. da igreja, numa moita de *Quercus pyrenaica* Willd., solo humoso, 8-III-1952, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 3989, COI.

ESPANHA

GALIZA: Arredores de La Coruña (Seoane); ribeiras del Sar pr. Santiago (*Merino*); Pontevedra, margens do Tamuje, nos arredores de Rosal (*Merino*); La Siomlla (?) (Coruña), 16-II-1946, *Bellot* s. n., LISE.

O aparecimento de *N. cyclamineus* DC. em S. João do Monte mostra que a área de distribuição da espécie inclui também uma parte da província da Beira Alta, onde a planta não tinha ainda sido assinalada.

Narcissus calcicola Mendonça

Em Fevereiro de 1901, o Rev. P.e Dr. A. LUISIER herborizou, na Serra da Arrábida, um Narciso que foi incorporado no herbário do Colégio de S. Francisco, em Setúbal, onde se encontrava identificado como *N. jonquilloides* Willk. Foram enviados espécimes para os herbários dos Institutos Botânicos de Coimbra e Lisboa, e, enquanto no primeiro se manteve a determinação original, no segundo foi alterada para *N. Jonquilla* L. var. *jonquilloides* (Willk.) Cout. Como os Narcisos se não podem identificar fàcilmente quando se dispõe apenas de material seco e como, por outro lado, o número de exemplares fosse muito pequeno, compreende-se que a inexacta determinação dos espécimes enviados para Coimbra e Lisboa se tenha mantido até hoje.

Decorridos 25 anos, isto é, em Fevereiro de 1926, o Ex.mo Sr. Dr. DANIEL GUEDES DE BARROS SANTOS, médico em Porto de Mós, enviou ao Instituto Botânico de Coimbra exemplares vivos de um Narciso por ele encontrado nas fendas das rochas dos montes mais elevados do maciço calcário da Serra d'Aire. O estudo desse Narciso, efectuado pelo naturalista do Instituto Botânico, Dr. F. A. MENDONÇA (Uma nova espécie do género *Narcissus*, Bol. Soc. Brot. 2.ª sér. **6**: 318, 1930), mostrou que se tratava de uma espécie nova, à qual foi dado o nome de *N. calcicola*, para recordar o seu *habitat*.

De 1926 a 1949, a espécie foi sòmente herborizada no maciço de Porto de Mós, o que levou a pensar que *N. calcicola* Mendonça se encontraria confinado àquela região, onde é conhecido pelo nome vulgar de *Nininas* (nome recolhido em Pena de Castelejo).

Em Janeiro de 1949, o Ex.mo Sr. Eng.º A. R. Pinto da Silva encontrou a espécie na Serra da Arrábida, no monte de S. Luís, assim como num prado situado nas vizinhanças da chamada Mata do Solitário.

Em 1951, Bento Rainha, segundo amàvelmente nos informou o Ex.mo Sr. Eng.º A. R. Pinto da Silva, voltou novamente a herborizar a planta numa outra localidade, próxima da Mata do Solitário.

Na Primavera de 1953, a Ex.ma Sr.ª D. Hertha Kaim colheu também alguns exemplares num prado da Serra da Arrábida, situado nas cercanias do local denominado Cadeira de S. Pedro.

O estudo dos espécimes existentes em COI e LISU herborizados pelo Rev. P.e A. Luisier mostrou-nos que se tratava de *N. calcicola* Mendonça e não de *N. jonquilloides* Willk. Luisier foi, pois, o primeiro botânico que herborizou esta espécie, a qual se colheu, portanto, pela primeira vez na Serra da Arrábida. Pena foi que os espécimes mantidos em herbário não tivessem sido alvo de um estudo mais pormenorizado!...

Tanto no maciço de Porto de Mós como na Serra da Arrábida, *N. calcicola* Mendonça vive sobre um substrato constituído por rochas calcárias do Jurássico. Na Serra da Arrábida, encontra-se não só nas fendas dos rochedos, mas também nos prados, enquanto que no maciço de Porto de Mós nunca o observámos nestas últimas condições. Como o gado come esta planta, é provável que no maciço de Porto de Mós, onde o pastoreio é intenso, só consiga persistir nos lugares de mais difícil acesso, isto é, nas fendas das rochas dos montes mais elevados e abruptos.

Sabia-se, portanto, que *N. calcicola* Mendonça habitava ùnicamente nos calcários do Jurássico. Na Beira Litoral, encontra-se a Serra de Sicó cujas características geológicas são semelhantes às do maciço de Porto de Mós, visto pertencer à mesma formação. Esta analogia fez surgir no nosso espírito a ideia de que *N. calcicola* Mendonça poderia existir também nessa Serra.

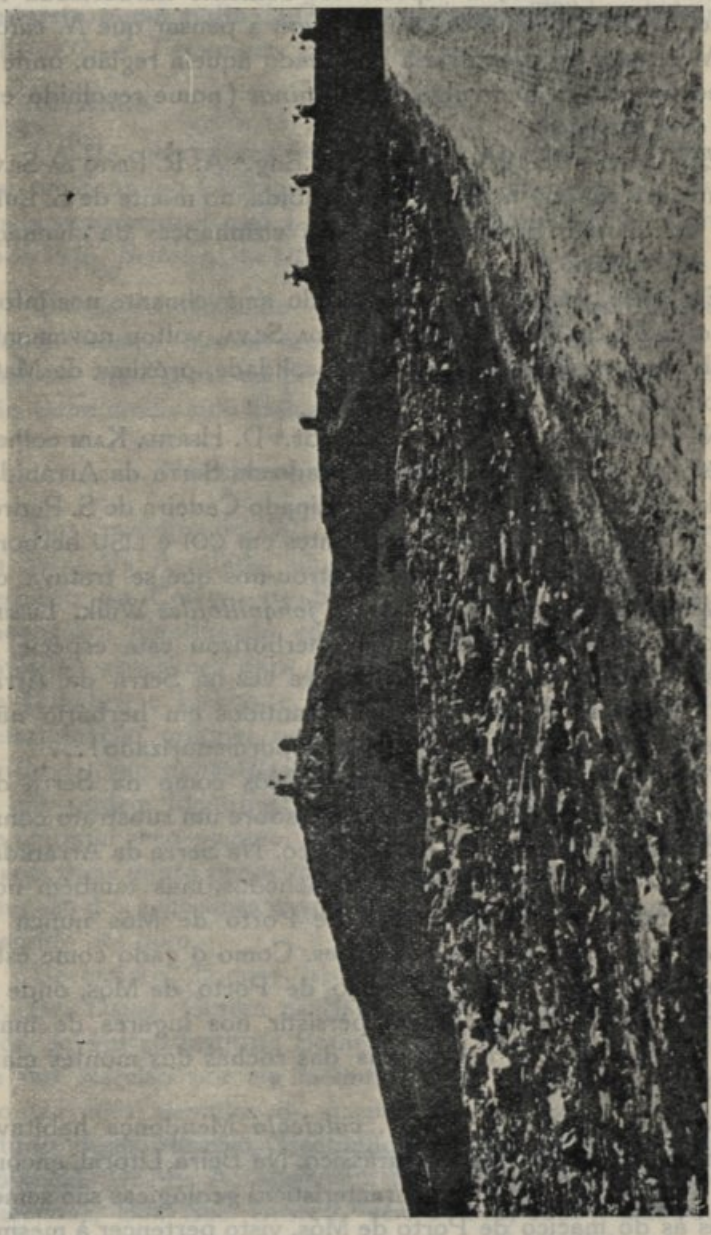


Fig. 8. — Nas fendas das rochas calcárias dos cumes dos montes coroados pelos moinhos habita *N. calcicola* Mendonça.

Fig. 9. — Exemplares de *N. calcicola* Mendonça colhidos na Serra de Sicó. Notar a diferença de dimensões entre os dois exemplares.

Por este facto, em 16 de Março deste ano, deslocámo-nos àquela região, com o objectivo de confirmar ou infirmar a ideia que nos tinha ocorrido. Depois de termos trepado ao cume de diversos montes, vimos os nossos esforços coroados

Fig. 10. — Exemplares de *N. calcicola* Mendonça da Serra de Sicó, mostrando variabilidade de tamanho. *a*, Planta mais robusta; *b*, de dimensões intermédias; *c*, de pequeno porte.

de êxito, quando explorámos o Monte Nariz e o Monte dos Moinhos (fig. 8), situados de um e outro lado da estrada que, dirigindo-se de Santiago da Guarda a Pombal, atravessa um local chamado Lagoa Parada. Igual êxito foi alcançado pela exploração do monte mais elevado da Serra, conhecido na

região pròpriamente pelo nome de Serra de Sicó, pois que ali encontrámos também o Narciso nas vizinhanças do marco geodésico, a uma altitude de 551 m.

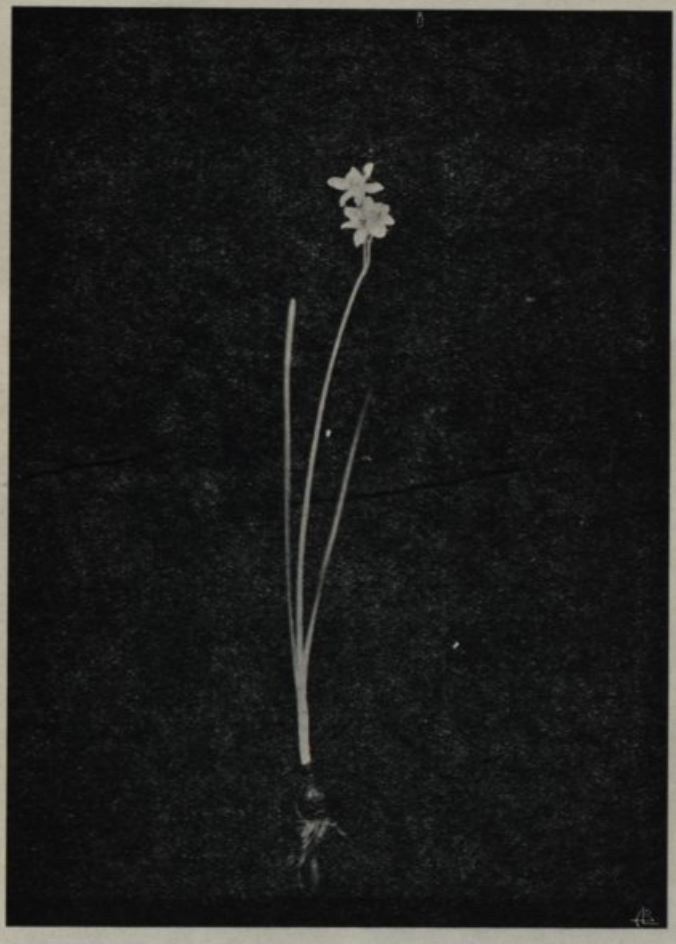


Fig. 11. — Exemplar de *N. calcicola* Mendonça var. *grandiflorus* Fernandes.

N. calcicola Mendonça apareceu sòmente nas fendas das rochas que coroam os diversos cumes, não tendo sido herborizado nos terrenos que se acumulam na base dos montes. As condições em que habita são, pois, idênticas às do maciço de Porto de Mós. Do ponto de vista morfológico, as plantas

Fig. 12. — Inflorescência de *N. calcicola* Mendonça var. *grandiflorus* Fernandes.

colhidas na Serra de Sicó (fig. 9) são também semelhantes às de Porto de Mós, mesmo no que respeita à variabilidade de dimensões. Efectivamente, como nesta última região, encontrámos na Serra de Sicó plantas muito robustas (fig. 10 *a*), outras de tamanho intermédio (fig. 10 *b*) e outras ainda de pequeno porte (fig. 10 *c*). Esta variabilidade levou-nos a pensar que talvez existissem formas poliplóides nas populações. Os estudos cariológicos a que procedemos mostraram-nos, porém, que tanto os indivíduos mais vigorosos, como os intermédios e os mais pequenos eram diplóides. As diferenças de tamanho deverão, pois, ser fenotípicas, ou devidas ùnicamente a certas combinações de genes actuando em diplóides.

Além de notarmos variabilidade no porte, depararam-se-nos algumas plantas (fig. 11) que se distinguiam do tipo por possuírem flores maiores, com tépalas não embricadas, mais longas e estreitas e coroa mais amarela que as tépalas. A flor de um desses indivíduos (fig. 12) apresentava as seguintes dimensões:

Diâmetro.	33 mm.
Comprimento do tubo.	16 mm.
Comprimento das tépalas externas . .	14 mm.
Largura das tépalas externas. . . .	7 mm.
Comprimento das tépalas internas . .	13 mm.
Largura das tépalas internas. . . .	6 mm.
Altura da coroa	7 mm.
Diâmetro da coroa na abertura . . .	7 mm.

Pelo facto de essas plantas serem bastante distintas do tipo, consideramos conveniente referi-las a uma variedade que denominanos *grandiflorus*.

Narcissus calcicola Mendonça
var. **grandiflorus** nov. var.

A typo floribus majoribus, tepalis non imbricatis, longioribus et angustioribus differt.

Typus in Herbario Instituti Botanici Universitatis Conimbrigensis (leg. *A. Fernandes, R. Fernandes et F. Sousa* 4302 A.)

Habitat in petrarum calcariorum fissis in summis montibus vulgo dictis *Serra de Sicó*.

Fl. et fr. Martius.

Os espécimes de *N. calcicola* Mendonça existentes nos herbários portugueses são os seguintes:

ESTREMADURA: Serra da Arrábida, II-1901, *Luisier* s. n., COI, LISU; Setúbal, Serra de S. Luís, in fissuris raro, 300 m. s. m., 28-I-1949, *P. Silva* 2682, LISE; Setúbal, Serra da Arrábida pr. Mata do Solitário, in pascuis calcareis, 280 m. s. m., 28-I-1949, *P. Silva* 2681, LISE; Porto de Mós (Mira), fragas calcárias, 18-III-1925, *Carrisso & Mendonça* s. n., LISU; Mira de Porto de Mós, nas fendas das fragas calcárias, 29-III-1930, *Mendonça* 1201, COI, PO; Porto de Mós, in fissuris calcareis exp. SW-S pr. Ventas do Diabo, 2-II-1949, *P. Silva & M. Silva* 2696, LISE; Mira d'Aire, por entre os rochedos, junto às Ventas do Diabo, 28-III-1951, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 3561, COI.

BEIRA LITORAL: Cabeço dos Moinhos pr. Lagoa Parada, estrada de Santiago da Guarda a Pombal, nas fendas das rochas calcárias, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4299, COI; Cabeço Nariz pr. Lagoa Parada, nas fendas das rochas calcárias, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4300, COI; Serra de Sicó, nas fendas das rochas, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4302, COI; Serra de Sicó pr. marco geodésico, nas fendas das rochas calcárias, 16-III-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes & F. Sousa* 4302 A, COI (*N. calcicola* Mendonça var. *grandiflorus* Fernandes).

O aparecimento de *N. calcicola* Mendonça na Serra de Sicó alarga a área de distribuição da espécie (fig. 13) à Beira Litoral, pois que a sua presença ainda não tinha sido assinalada nesta província.

* * *

Confessamos que, depois de escrever estas linhas, vacilámos em as publicar. E vacilámos porque, infelizmente, os colectores de Narcisos e de outras plantas raras, esses delapidadores das preciosidades da nossa flora, continuam exercendo as suas actividades em Portugal, como se mostra pelos seguintes dois episódios que se passaram connosco.

Em Abril de 1952, deslocámo-nos à Serra da Estrela, com o objectivo de efectuarmos algumas observações sobre a polinização dos Narcisos nas condições naturais e colhermos material para as nossas investigações cito-genéticas. Nos arredores da Lagoa Comprida, herborizámos alguns exemplares de *N. asturiensis* (Jord.) Pugsley e de *N. Bulbocodium* L. Ao passarmos

Fig. 13. — Área de distribuição de *N. calcicola* Mendonça.

junto de um dos empregados da barragem, este perguntou-nos o que andávamos a fazer. Respondemos que tínhamos ido colher as plantas que trazíamos e que lhe mostrámos. O homem, depois de as ver, disse-nos: os senhores levam poucas. O sr. F..., do Sabugueiro, também aqui vem buscar essas plantas, mas traz homens que, sob a sua indicação, enchem sacos dessas cebolinhas!...

Este ano organizámos uma outra excursão a Ferreira do

Zêzere, a fim de herborizarmos a forma de *N. Pseudonarcissus* L. que se encontra em Águas Belas. Tendo descoberto o local, dirigimo-nos ao dono da propriedade, solicitando-lhe o favor de nos deixar apanhar algumas plantas que se destinavam ao Jardim Botânico de Coimbra. O proprietário gostosamente nos deu autorização, mas ficou impressionado pelo facto de termos colhido poucas. E não resistiu à tentação de nos dizer: podem levar à vontade, como um senhor que cá veio o ano passado e que encheu um saco!... Agradecemos, dissemos que aquelas nos bastavam e pedimos-lhe que, no futuro, não deixasse levar a ninguém mais do que aquelas que nós levávamos...

Não iríamos, pois, pela indicação exacta das localidades em que habitam *N. cyclamineus* DC. e *N. calcicola* Mendonça, fornecer elementos da maior utilidade aos colectores de bolbos, pondo, assim, em perigo duas preciosidades da nossa flora? Evidentemente que o risco é grande.

Lembrámo-nos depois que o Anuário se destina particularmente aos membros da Sociedade Broteriana e que estes sentem tanto carinho pelas plantas que povoam o nosso País, como nós próprios. E não poderiam os sócios, uma vez conhecedores destes factos, auxiliar-nos na tarefa de defender as plantas raras da nossa flora contra os ataques daqueles que só vêem o lucro momentâneo que podem auferir? Pensamos que sim, porquanto poderiam averiguar quais as plantas das regiões em que habitam que são cobiçadas pelos comerciantes. Falariam depois com os proprietários das terras, tentando fazer-lhes compreender a importância dessas plantas e pedindo-lhes que não as deixassem colher senão ao pessoal das instituições científicas portuguesas que apresentasse as correspondentes credenciais. Os sócios da Liga para a Protecção da Natureza poderiam actuar de uma maneira idêntica e talvez que, mediante os esforços combinados destas duas agremiações, alguma coisa se conseguisse...

Lembrámo-nos ainda de aproveitar este ensejo para dirigir algumas palavras de exortação aos comerciantes, na hipótese de o presente número do Anuário chegar às mãos de algum deles. As plantas espontâneas de interesse hortícola poder-se-ão colher, mas com moderação, de modo a que as espécies não corram o risco de se extinguir. Provocar a extinção de uma espécie, por fins meramente comerciais, é praticar um crime

imperdoável, pois corresponde ao aniquilamento de uma obra da Natureza. A maior parte das plantas são pródigas na produção de sementes. Porque não recorrer a elas? Uma vez colhidas, poderão semear-se e fazer depois viveiros. Os negociantes evitariam assim as despesas inerentes ao arranque das plantas, pois que as sementes se colhem mais fácil e ràpidamente, e teriam a possibilidade de obter por sementeira grandes quantidades de indivíduos. O que acabamos de dizer aplica-se também às bolbosas, visto estas poderem conseguir-se da mesma maneira. Neste caso, porém, haveria que renunciar ao lucro imediato, aguardando 3 ou 4 anos para que os bolbos se desenvolvessem e estivessem em condições de ser fornecidos aos clientes.

Infelizmente, não acreditamos na eficácia das medidas que acabamos de preconizar. Estamos convencidos de que só se poderão obter resultados positivos mediante a interferência do Governo. Este deveria legislar no sentido de serem consideradas zonas protegidas as localidades em que existem espécies ameaçadas de extinção, quer em consequência do alargamento das áreas cultivadas, quer pelo facto de serem procuradas pelos negociantes ou seus sequazes. A guarda dessas zonas poderia ser confiada aos Serviços Florestais, ou à polícia rural no caso de se encontrarem afastadas das localidades vigiadas por aqueles Serviços. É evidente que a proibição de herborizar nessas localidades não deverá ser extensiva às instituições portuguesas da especialidade, que poderão necessitar dessas plantas para fins científicos ou para permutar com estabelecimentos congéneres estrangeiros.

A Liga para a Protecção da Natureza, tão auspiciosamente fundada em 1948 e cuja acção é já muito notável, poderia, por intermédio do seu Conselho Técnico, elaborar uma lista das zonas que deveriam entrar em regime de protecção e obter das entidades superiores a legislação necessária à defesa das plantas aí existentes. Fazemos os melhores votos para que essa prestimosa agremiação atinja os seus objectivos, na cruzada que empreendeu no sentido de salvar do aniquilamento algumas das preciosidades que a flora e a fauna do nosso País encerram.

UMA CARTA DE BROTERO

PUBLICADA E COMENTADA POR

A. FERNANDES

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

ENTRE os documentos a cuja catalogação se está procedendo no Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra sob a proficiente direcção do Ex.mo Sr. Prof. Dr. MÁRIO BRANDÃO, surgiu uma carta do nosso insigne botânico FELIX DE AVELLAR BROTERO, dirigida a JOÃO ANASTACIO DO COUTO, deputado, secretário, escrivão e contador da Junta da Fazenda da Universidade de Coimbra. Conhecedor do interesse que devotamos ao estudo da vida e da obra do autor da *Flora Lusitanica*, o Ex.mo Sr. Prof. MÁRIO BRANDÃO teve a cativante amabilidade de nos obter uma cópia da mencionada carta. Agradecemos, penhoradamente, ao ilustre Director do Arquivo e Museu de Arte a oportunidade que nos deu de tornar conhecido mais um documento do punho do nosso naturalista. Cumpre-nos agradecer também à Ex.ma Sr.a D. LÍGIA BRANDÃO todos os cuidados que dispensou à execução da cópia.

A carta a que nos referimos é do teor seguinte:

Ill.mo Sñr Joaõ Anastacio do Couto

Amigo, e Sñr da minha maior veneraçaõ, desejo cordialm.te q̃ V.a S.ria logre perfeita saude na posse das mais completas venturas, e igualm.te toda a sua Ill.ma Familia. Eu não tenho passado bem com estes frios q̃ tem havido, e q̃ me tem aggravado m.to as minhas indisposiçoẽs rheumaticas.

Por ordem, q̃ tive do Ministerio, annunciei na Gazeta de Lisboa neste proximo mes passado, q̃ tendo recebido dos Estados Unidos da America huma boa quantid.e de sementes de huma preciosa especie de Algodoeiro, estava prompto a distribuilas pelos Agricultores curiosos, q̃ com ellas quisessem fazer algumas tentativas de cultura, a qual podia ser m.to util; e como o Jardim Botanico dessa Universid.e he taõ bem

destinado a semelhantes tentativas, resolvi remetter daqui huma boa porçaõ das ditas sementes p.ª q̃ nelle se semeassem, e experimentasse a sua vegetaçaõ. Portanto mandei ao Procurador Joaõ Manuel de Lima hum maço com as ditas sementes, e outro ainda mais com algumas deste Real Jardim Botanico do Palacio da Ajuda e de outros estrangeiros, com cujos Professores estou em correspondencia, e recommendei ao dito Procurador, que houvesse de remetter directam.te a V.ª S.ria os referidos dois maços. Confio q̃ elle se naõ esquecerá de lhos remetter; por conseguinte rogo a V.ª S.ria, q̃ logo q̃ ahi os receber delles haja de fazer entrega ao Ex.mo Reformador Reitor dessa Universid.e p.ª q̃ elle os mande entregar ao Oppositor, q̃ interinam.te está regendo a Cadeira de Botanica e Agricultura, e este cuide em fazer semear a tempo todas as sementes contidas nos ditos maços, e se interesse pela sua boa cultura.

O negociante Joaquim Bernardes da Silva, meu procurador, participou-me não ter podido obter o pagam.to da minha Ajuda de Custo e propinas, q̃ se me devem, as quaes S. Mag.de pela minha Carta de Jubilação me concedeo, e manda pagar por essa Universid.e, como V.ª S.ria sabe; rogo portanto a V.ª S.ria se digne fazer-me a honra e obsequio de cooperar p.ª q̃ o dito meu Procurador haja de receber o mencionado pagam.to, e alem disso o do meu quartel, sem muitas delongas, pelo q̃ lhe ficarei cada vez mais obrigado.

Digne-se V.ª S.ria presentar o tributo da minha veneraçaõ á Ill.ma Snr.ª D. Vicencia e mais Snr.as, ás quaes igualm.te minha sobrinha affeiçoadissim.te se recommenda.

Fico para obsequiar e servir a V.ª S.ria em tudo o q̃ puder prestar-lhe, pois sou com a mais distincta consideraçaõ, e respeito

Alcolena de Belem
a 9 de Fevr.º
de 1824

De V.ª S.ria
Fiel am.º, m.to obrigado, e maior ven.dor

Felix de Avellar Brotero

Ao Ill.mo Sñr. Joaõ Anastacio do Couto
Gd.e D.e m.e an.e
Deputado, Secretario, Escrivaõ e Contador
da Junta da Fazenda da Universid.e
De Coimbra

Como nasceu em Novembro de 1744 e a carta foi escrita em Fevereiro de 1824, Brotero caminhava nesta data para os 80 anos. Poderá notar-se que, apesar da idade avançada, o grande naturalista conservava toda a sua lucidez e mantinha os predicados de simplicidade, clareza e elegância que caracterizam todos os seus escritos. A sua saúde, porém, parece não ser boa,

pois se queixa do frio, que tinha agravado as suas indisposições reumáticas.

O reumatismo parece ter sido a doença que mais afligiu BROTERO. A primeira lamentação que conhecemos encontra-se numa carta, de 10 de Junho de 1799, dirigida a D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO (1). Numa outra, endereçada também ao Ministro D. RODRIGO, escrita em 24 de Novembro de 1800 (1), queixa-se novamente, dizendo que sofre dessa doença há 3 anos. Sendo assim, BROTERO deve ter começado a padecer por volta dos 53 anos, idade que não pode ser considerada muito avançada.

Novas queixas aparecem numa carta dirigida em 1802 ao seu colega espanhol CAVANILLES (2) e noutras endereçadas ao Conde de Galvêas, ao Conde de Subserra e a outras personalidades (3). Por outro lado, refere-se frequentemente à circunstância de ter estado ou de se encontrar de partida para as Caldas da Rainha, onde procurava alívio aos seus padecimentos (3).

O anúncio a que alude na carta sobre as sementes de algodoeiro foi realmente publicado no n.º 15, Ano 1824, sábado 17 de Janeiro, pág. 63, 1.ª coluna, da *Gazeta de Lisboa*. Esse anúncio diz o seguinte:

«No numero das sementes de plantas uteis a differentes Artes, que o Director do Real Jardim Botanico, contiguo ao Palacio do sitio de N. Senhora da *Ajuda*, costuma receber dos paizes estrangeiros para o dito Jardim, ha presentemente huma boa quantidade das de huma preciosa especie de Algodoeiro cultivado nos lugares septentrionaes dos *Estados Unidos da America*, com as quaes se podem fazer algumas proveitosas tentativas de cultura nestes Reinos, principalmente no do *Algarve*. Por tanto todos os Agricultores curiosos, que quizerem fazer taes tentativas, poderão recorrer ao dito Director, que com prompta vontade lhes fará entregar a suffisiente quantidade de sementes

(1) *Vide* AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR — Cartas inéditas de e para Brotero. *Anuário Soc. Broteriana*, **10**: 12-96, 1944.

(2) *Vide* AMÉRICO PIRES DE LIMA — Três cartas inéditas de Brotero a Cavanilles. *Anuário Soc. Broteriana*, **12**: 53-86, 1946.

(3) *Vide* AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR, *op. cit.*

de que precizarem para as mesmas tentativas. A experiencia tem mostrado que os Algodoeiros se dão bem em quasi todos os terrenos, que não são muito seccos, nem muito humidos; as sementes dos herbaceos (como são as da especie de que se trata) semeão-se no principio de Abril, na distancia de hum pé até pé e meio entre si, e os fructos das plantas que produzem, colhem-se em Setembro. Não he possivel circumstanciar aqui tudo o que he respectivo á Cultura, e Historia natural desta especie de Algodoeiro, como tambem de algumas outras, e das suas variedades numerosas; isso exige hum extenso Tratado que não he proprio deste lugar; a esse respeito os curiosos poderão consultar o Diccionario de Agricultura da Encyclopedia Methodica, Tom. 3.°, pag. 533, Art. *Cotonnier (Gossypium)* aonde acharão este assumpto muito bem exposto e particularizado. Os Algodoeiros são cultivados em todas as quatro partes do nosso Planeta; cultivão-se na *Europa*, nas Ilhas do *Archipelago*, em *Malta*, *Sicilia*, *Corsega*, *Italia*, *França* meridional, e mesmo na *Hespanha*, principalmente no Reino de *Valença*, aonde, segundo attesta o Professor *Ortega*, a especie do Algodoeiro arbustivo, he cultivada em muitos campos, e a quantidade de algodão, que annualmente se colhe da sua grande cultura, monta a quatrocentos quintaes: a analogia do clima indica, que esta especie de Algodoeiro, e não menos as que se dão bem na *America septentrional*, podem ser cultivadas tambem em *Portugal*, principalmente no *Algarve*, e sitios maritimos do *Alemtéjo*, em extensas culturas com igual feliz sucesso.»

(Annuncio remettido pelo sabio Director do Real Museo e Jardim Botanico).

A análise deste anúncio mostra que Brotero, além de ser um exímio botânico, possuia profundos conhecimentos de Agricultura, pois não ignorava nada do que dizia respeito à cultura do Algodoeiro, embora se tratasse de uma planta que até àquela data não tinha sido experimentada em Portugal. A sua superior competência em assuntos de Agricultura é também posta em evidência pelas magníficas memórias que publicou ou que deixou manuscritas, entre as quais se contam as seguintes: *Principios de Agricultura philosophica*. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 4.°, 115 pág., 1793; *Observações sobre as doenças*,

feridas e outras imperfeições das arvores fructiferas e silvestres de toda a especie, com um methodo particular de as curar, descoberto e practicado por Guilherme Forsyth, jardineiro de Sua Magestade Britannica. Traduzido do inglês. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade, 8.°, 62 pág., 1802; Parecer sobre a cultura do arroz em Portugal in Manuscriptos do Dr. Felix de Avellar Brotero por J. Ramos-Coelho. *O Instituto*, 37 (2.ª série), 1890; Reflexões sobre a agricultura de Portugal, sobre o seu antigo e presente estado; e se por meio de escholas ruraes practicas, ou por outros, ella pode melhorar-se, e tornar-se florente. *Mem. Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, 4, parte 1.ª: 75, 1815; *Historia natural da Orzella.* Lisboa, na Impressão Regia, 8.°, 16 pág., 1824; *Noções geraes das dormideiras, da sua cultura, e da extracção do verdadeiro opio, que ellas contêm.* Lisboa, na Impressão Regia, 8.°, 30 pág., 1824; *Noções botanicas das especies de Nicociana mais usadas nas fabricas de tabaco, e da sua cultura.* Lisboa, na Impressão Regia, 8.°, 47 pág., 1826; *Historia natural dos pinheiros, larices e abetos, remettida á secretaria de estado dos negocios da Marinha e Ultramar.* Lisboa, na Impressão Regia, 4.°, XII + 152 pág., 1827; *Principios de agricultura philosophica, ou lições de agricultura, explicadas em a cadeira da Universidade de Coimbra* (ms.); *Annotações e additamentos a alguns artigos das memorias dos drs. J. A. Dalla-Bella, Vicente Coelho de Seabra, e Antonio Soares Barbosa, sobre a cultura das Oliveiras* (ms.); *Generalidades respectivas á agricultura das arvores das florestas, e das que podem servir para ornar os jardins, conforme as ideias de alguns auctores inglezes.* Incompleto (ms.); *Breve tractado dos usos e cultura das batatas doces, vulgarmente chamadas batatas das ilhas, a cuja planta Linneu deu o nome* Convolvulus batatas. Deduzido de Bose e outros agronomos, em 1828. (ms.); *Tractado do ananaz de corôa.* Incompleto. (ms.); *Demonstrações elementares sobre a enxertia das arvores.* Incompleto. (ms.); *Phytologia, ou a philosophia da agricultura e horticultura, ou compendio de phyturgia e geurgia philosophicas por Erasmo Darwin, dr. em Medicina.* Tradução portuguesa (ms.); *Dissertação de Bergman sobre as terras geoponicas, que obteve o premio dobrado da Academia de Montpellier em 1773.* Tradução portuguesa (ms.).

Algumas das cartas dirigidas a D. Rodrigo de Sousa Coutinho e publicadas por Américo Pires de Lima e J. R. Santos Júnior (1) atestam também a mesma elevada competência.

Brotero não se refere ao nome específico do Algodoeiro nem na carta, nem no anúncio. Consideramos muito difícil, senão impossível, averiguar com precisão de que espécie se tratava. Teremos, pois, de ficar limitados a saber que pertencia ao grupo dos Algodoeiros herbáceos.

Como é sabido, Brotero, após a sua jubilação, que teve lugar em Agosto de 1811, foi encarregado da direcção do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, passando, assim, a viver em Lisboa. Não deixou, porém, de continuar a ter o maior interesse pelos progressos do Jardim Botânico de Coimbra, que tinha dirigido com tanto brilho, chegando mesmo, em 1816, a enviar uma exposição ao Reformador-Reitor em que critica certas obras ali efectuadas e dá sugestões sobre o que se deveria fazer (2). A presente carta é mais um documento comprovativo desse interesse. Nessa data, não havia em Portugal qualquer instituição devotada exclusivamente ao ensino da Agricultura. Este era ministrado na cadeira de Botânica e Agricultura da Faculdade de Filosofia da Universidade, competindo, portanto, ao Jardim Botânico experimentar novas culturas que poderiam ter interesse para o País. Por esse facto, Brotero remete as sementes de Algodoeiro para que em Coimbra se fizessem ensaios que, no seu dizer, poderiam ser muito úteis.

Anuncia que manda também sementes de plantas que existiam no Jardim Botânico da Ajuda, assim como outras que obteve de jardins estrangeiros com cujos professores se encontrava em correspondência. Com a remessa dessas sementes, o

---

(1) *Op. cit.*

(2) Sobre a matéria desta exposição, veja-se:

Representação, que fez no anno de 1816 o Dr. Felix de Avellar Brotero ao reformador-reitor da Universidade de Coimbra, sobre o estado em que se achava o ensino de botanica e agricultura, e o do Jardim Botanico da faculdade Philosophica. *O Conimbricense*, n.os 2574 e 2575.

Júlio Henriques — *O Jardim Botanico da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade, Coimbra: 29-33, 1876.

Abílio Fernandes — Desavenças e desditas de Brotero. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, **14**: 72-73, 1945.

intuito de Brotero era, evidentemente, contribuir para o enriquecimento das colecções do Jardim, que nesse tempo estava atravessando uma crise de certa gravidade (1).

Pede para que as sementes sejam entregues ao Reformador-Reitor, a fim de este, por sua vez, as mandar ao Opositor que nessa data estava regendo interinamente a cadeira de Botânica e Agricultura.

Depois da jubilação do Dr. António José das Neves e Mello, a direcção do Jardim foi confiada, em 12 de Agosto de 1822, ao catedrático José de Sá Ferreira Sanctos Vale. Tendo este sido eleito deputado às cortes nesse mesmo ano, foi substituído na sua ausência pelo Dr. João Pedro Corrêa de Campos, o Opositor a que se refere o nosso naturalista (2).

Teriam sido realizados os ensaios preconizados por Brotero? Nos arquivos do Jardim Botânico não encontrámos qualquer resposta a esta pergunta. Dado, porém, o facto de, como relata Júlio Henriques (3), o Dr. João Pedro Corrêa de Campos ter dispensado o maior interesse ao desenvolvimento científico do Jardim, é provável que os referidos ensaios tenham sido efectuados, embora não tenham ficado elementos que nos habilitem a dizer se foram ou não coroados de êxito.

Como em várias outras cartas já publicadas (4), Brotero queixa-se da falta de pagamento da ajuda de custo e propinas que, de harmonia com a sua carta de jubilação, lhe deviam ser pagas pela Universidade. Roga, pois, ao escrivão e contador da Fazenda para interceder no sentido de esse pagamento ser feito ao seu procurador, ao mesmo tempo que solicita que a entrega do quartel do seu vencimento não sofra demoras. É provável que Brotero tenha resolvido pedir ao escrivão e contador para entregar as sementes ao Reformador-Reitor, a fim de ter ensejo de lhe escrever, rogando-lhe o favor de acelerar o pagamemto das importâncias que lhe estavam em débito. Por

---

(1) *Vide* Joaquim Augusto Simões de Carvalho — Memoria historica de Faculdade de Philosophia. Coimbra, Imprensa da Universidade: 88, 1872.

(2) *Vide* Joaquim Augusto Simões de Carvalho, *op. cit.* 260 e 312 e Júlio Henriques, *op. cit.* 33.

(3) *Op. cit.* 33.

(4) *Vide* Abílio Fernandes, *op. cit.* 32-35.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA BIBLIOTECA INSTITUTO BOTÂNICO

esta e outras cartas, verifica-se que o nosso naturalista lutava continuamente com dificuldades financeiras. As causas destas dificuldades foram já por nós analisadas em um trabalho anterior (1) e residiam na circunstância de Brotero, amigo muito dedicado da família, ter a seu cargo vários sobrinhos, de cuja manutenção e educação se ocupava com o maior desvelo, como de seus próprios filhos se tratasse.

(1) Abílio Fernandes — Quatro cartas inéditas de Brotero para o Conde da Barca. *Rev. Fac. Ciênc. Univ Coimbra*, **16**: 81-120, 1947.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

-4. MAI 1954

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

COIMBRA

1954

ANUÁRIO
DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

1954

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

ANUÁRIO

DA

SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XX

REDACTORES

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

F. A. MENDONÇA

Naturalista do Instituto Botânico

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

COIMBRA

1954

Composição e impressão das Oficinas
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaça

SESSÕES
DA SOCIEDADE BROTERIANA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 30 de Janeiro de 1954

Presidência do Ex.mo Sr. Dr. José de Barros Neves

ABERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.mo Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1953. Esse relatório é do teor seguinte:

«Não há nenhum facto de vulto a assinalar na vida da Sociedade durante o ano transacto. Como habitualmente, a Direcção dispensou o melhor do seu cuidado às revistas, tendo-se publicado os volumes XXVII do Boletim e IX das Memórias, bem como o n.º XIX do Anuário. Agradecemos penhoradamente a todos os autores a valiosa colaboração que se dignaram conceder-nos.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido por troca e oferta 530 volumes e 1.495 folhetos.

A Sociedade fez-se representar no XV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências que teve lugar em Oviedo, de 27 de Setembro a 4 de Outubro. Nessa reunião científica, apresentaram comunicações os seguintes sócios: D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES, D. MARIA LUÍSA DE CARVALHO AZEVEDO NEVES, Rev. P.e MANUEL PÓVOA DOS REIS, Dr. JOSÉ DE BARROS NEVES e Dr. ABÍLIO FERNANDES.

Como nos anos transactos, o pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações no país. O material está sendo estudado pelo naturalista D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES, que oportunamente dará conhecimento das novidades encontradas.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

Mais uma vez a Direcção se vê constrangida a lamentar a reduzida actividade dos sócios, porquanto poucos foram os que remeteram espécimes de herbário para o Instituto Botânico. Apela-se, portanto, novamente, para a boa vontade de todos, no sentido de que prossiga com regularidade a tarefa da exploração botânica do país».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Presidente, na ausência do Secretário-tesoureiro, informou a Assembleia sobre o estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1953, existia em caixa um saldo de 13.308$65.

O Dr. Abílio Fernandes diz que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por este facto, propôs que a Direcção ficasse autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.mos Srs. Drs. Aloísio Fernandes Costa e Virgílio da Rocha Diniz.

Resolveu, também, manter em 2$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

DIRECÇÃO

Reunião de 30 de Janeiro de 1954

Presidência do Ex.mo Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

a) Que a redacção do Boletim e das Memórias ficasse a cargo dos Ex.mos Srs. Drs. Abílio Fernandes e José de Barros Neves.

b) Manter a comissão de redacção do Anuário.

c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização.

* * *

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

NOVOS SÓCIOS

Gisélia Betencourt Tavares de Oliveira, Estudante de Ciências Biológicas, Porto.

Dr. João Maria Montezuma de Carvalho, Instituto Botânico, Coimbra.

Joaquim Carvalho Santiago, Engenheiro Agrónomo, Chefe do Laboratório de Fitopatologia da Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas.

Luís de Castro Pinheiro, Durrães, Barcelos.

Manuel de Carvalho, Lisboa.

Maria Luísa de Carvalho Azevedo Neves, Instituto Botânico, Coimbra.

Maria Manuela Gama, Estudante de Ciências Biológicas, Coimbra.

Maria Suzette da Silva Andrade, Licenciada em Ciências Biológicas, Canas de Senhorim.

Narcisa Luís Pereira, Licenciada em Ciências Biológicas, Coimbra.

AINDA O DOUTOR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

por

AMÉRICO PIRES DE LIMA

(Membro honorário do Instituto Brasileiro de História da Medicina)

O conhecimento da vida e obras do insigne explorador e naturalista, Doutor ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, ainda está cheio de lacunas e pontos obscuros, não obstante os esforços de vários autores, que dele se têm ocupado.

Todas as achegas que se possam trazer para o melhor conhecimento da sua biografia são preciosas, como base da futura história de conjunto, que ele há tanto tempo merece e espera.

Depois de publicado o meu último trabalho (1), novos factos vieram ao meu conhecimento, o que explica o presente.

Por amável deferência do Dr. JOÃO RIBEIRO MENDES, Presidente da *Sociedade Amigos Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*, do Rio de Janeiro, recebi um Catálogo de manuscritos e bibliografia do grande naturalista (2). Só por ele tive conhecimento de que o Prof. TAVARES DA SILVA se tinha já ocupado do mesmo assunto (3).

Logo que me foi possível, compulsei aquele estudo, verificando que ele se baseia em 58 documentos.

Dos 144 documentos que compõem a minha colectânea, 43 encontram-se (embora nem sempre na íntegra) no trabalho daquele Professor.

---

(1) O Doutor ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, Documentos coligidos e prefaciados por AMÉRICO PIRES DE LIMA. Lisboa, 1953.

(2) ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. Catálogo de Manuscritos e Bibliografia. Biblioteca Nacional. Divisão de Obras raras e Publicações. 1952.

(3) Prof. D. A. TAVARES DA SILVA. O cientista luso-brasileiro Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA (Notas para o seu estudo). «Boletim da Sociedade de Geografia», 65ª série, n.os 3 e 4 (Março-Abril de 1947, p. p. 117-188, e n.os 5 e 6 (Maio-Junho de 1947, pp. 279-357).

São os seguintes (em que os caracteres vulgares correspondem à numeração do Prof. TAVARES, e os romanos, à minha):

I (4a), II (1), IV (9), V (10), VIII (6), IX (7), X (8), XI (11), XIII (12), XIV (13 e 14), XVI (15), XVII (16), XVIII (17), XIX e XXII (18), XX (19), XXIV (20), XXV (21), XXVI (22), XXVII (23), XXVIII (24), XXX (25), XXXII (18a), XXXVI (26), XXXVIII (28), XXXIX (29 e 29a), XLIV (31 e 32), LVI (33), LX (5), LXX (55), LXXII (36), LXXV (38), LXXVI (40), LXXVII (39), C (41), CI (42), CII (43), CXIII (46), CXVIII (48 e 48a), CXXIV (49), CXXX (50), CXXXIII (52), CXXXIV (56 e 57).

Os 15 restantes eram desconhecidos para mim. Porém, o exame cuidadoso, que deles fiz, não me levou a modificar as minhas conclusões. Há, todavia, um (o 47) que vem esclarecer um assunto que deixei suspenso. Efectivamente, dizia eu (pág. 47): «O certo é, porém, que o Dr. Alexandre se julgava insuficientemente pago, a ponto de pensar em obter um emprego na Alfândega de Pernambuco! É o que se depreende de uma exposição transcrita por V. Corrêa Filho (*loc. cit.* págs. 218 e 219)».

Pois o documento 47, de TAVARES DA SILVA (*loc. cit.* pág. 348), reza assim: «S. A. R. ordenou que se lavrasse logo um decreto dando a propriedade do Officio de Sellador da Alfandega do Maranhão ao Dr. Alexandre com a faculdade de nomear Serventuario, que hade logo subir à R.ª Assignatura. 13. Nov° 1800».

Pelo visto, o Doutor pediu Pernambuco, mas foi-lhe concedido o Maranhão. O que pouco importava, afinal, visto que nunca lá pôs os pés. Tratava-se de mais uma *sinecura*, a juntar à de oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos, cujas funções também não exercia.

O n.° 98 do citado Catálogo (2), a pág. 105, informa-nos que o Doutor ALEXANDRE solicitou «sobrevivência» do ofício de Zelador (TAVARES DA SILVA diz, e julgo que bem, *Sellador*) da Alfândega do Maranhão nas pessoas de seus filhos Germano, Maria das Mercês e Guiomar Joaquina, e que essa pretensão foi deferida. A petição seria de 1811.

Rodolfo Garcia (4, pág. 32), estribado em documentos, esclarece ainda mais o caso, quando informa: «... em 28 de Maio de 1811, por despacho datado do Rio de Janeiro, fêz-lhe (o Principe regente) ainda mercê daquele ofício, para verificar-se por seu falecimento em seu filho Germano Alexandre de Queiroz Ferreira e na falta dêste na filha mais velha, com a obrigação de contribuir para sua mãe, D. Germana Pereira de Queiroz Ferreira, com a pensão anual de 400$00 enquanto viva fosse».

De modo que a lenda da miséria, em que teria vivido e morrido o Doutor Alexandre, sofre mais um golpe decisivo. Além dos 700 mil reis, que lhe rendiam os lugares de cá, ainda recebia do Maranhão um ordenado, cujo quantitativo ignoro, mas do qual era possível amputar uma fatia de 400 mil reis anuais.

O filho mais velho teria herdado do pai, não só o lugar de oficial da Secretaria da Marinha e Ultramar, mas também a *sinecura* da Alfândega do Maranhão. A viúva, pelo seu lado, teria ficado a receber uma pensão igual a metade do ordenado de oficial da referida Secretaria, e mais os 400 mil reis do Maranhão...

A *ária* da miséria, tão glosada em todos os tons, parece não ter por onde se lhe pegue. A verdade é muito mais que suficiente para que se exalte a glória do Doutor Alexandre, e se lastimem as suas incomparáveis desditas.

O Prof. Tavares da Silva (*loc. cit.*, págs. 166 e 167), a propósito da inutilização de parte das colecções do grande explorador, encarniça-se sobre Vandelli, a quem chama «ignóbil italiano» e «agente baixo e sinistro».

Julgo ter demonstrado (1, págs. 3 e seguintes) que não deve atribuir-se a Vandelli a autoria daquela malvadez, se a houve. Porque, se a houve, e se foi perpetrada por um estrangeiro, mais lógico seria atribuí-la a Júlio Mattiazzi, fiel depositário das colecções enviadas do Brasil. Além do mais, Vandelli, muito ocupado com vários negócios, devia perder muito pouco do seu tempo pelo Museu...

Mas não caiamos na feíssima acção de conspurcar a me-

(4) Rodolfo Garcia. Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (conferência). Colecção Brasileira de Divulgação, Série II, Biografia, n.º 3, 1946.

mória de mortos indefesos, a partir de meras suposições, sem base séria e consistente.

É verdade que o documento CXIII da minha colectânea demonstra que, entre o Doutor ALEXANDRE, e VANDELLI, surgiu um *conflito de jurisdição*, talvez exacerbado pela hipersensibilidade, já então existente no primeiro.

Por causa desse documento, afirmei eu (pág. 29), um tanto precipitadamente, que «Em 1800... já o Doutor estava incompatibilizado com Vandelli». Ora, no Aditamento, que termina aquele meu trabalho, publiquei (em frente da pág. 424) a fotocópia de uma carta do primeiro ao segundo (*), na qual se confessa «obrigado discípulo».

Mais demonstrativo de que tal *incompatibilidade* não chegou a passar de simples amuo, ou, quando muito, foi transitória, é o documento publicado por RODOLFO GARCIA (4, pág. 31), em que nos informa que os filhos do Dr. ALEXANDRE eram: Germano Alexandre, Maria das Mercês e «Guiomar Joaquina, nascida a 13 de Setembro de 1807, em Lisboa, e batizada em 15 de Setembro, padrinhos o Dr. Domingos Vandelli e Nossa Senhora das Mercês».

Parece inteiramente absurdo que o Doutor ALEXANDRE convidasse para padrinho de sua filha o «ignóbil italiano», o «agente baixo e sinistro», o «génio escuro», que lhe tivesse diabòlicamente inutilizado o produto de tantos esforços, tantas canseiras, tantos perigos corridos.

É dever elementar do historiador manter o mais rigoroso objectivismo, e abster-se de levantar juízos temerários.

Ora a maneira como foi glosada a *tradição*, a que se referiu veladamente o Prof. BOCAGE, é, precisamente, a prova mais clara de falta de objectividade.

Também já depois de publicado o meu trabalho, tive conhecimento de que o falecido e ilustre naturalista, Dr. Bettencourt Ferreira, de colaboração com o Dr. Santos Júnior, projectara um trabalho àcerca do Doutor ALEXANDRE. Esse estudo, infelizmente, não pôde ser levado a cabo, por causa da doença e morte daquele erudito naturalista. Entretanto, alguns

(*) Por lapso da Tipografia, as estampas foram colocadas fora do lugar.

materiais chegaram a ser reunidos. O Dr. Santos Júnior, mediante um subsídio concedido pelo antigo Ministro das Colónias, Dr. Vieira Machado, conseguiu obter 70 fotocópias, correspondentes a 33 documentos, na sua maioria cartas autógrafas do Dr. ALEXANDRE.

O meu amigo, Dr. Santos Júnior, teve a amabilidade de me ceder essas fotocópias para publicação, motivo por que aqui lhe deixo consignados os meus agradecimentos.

No fim, vão publicadas em estampas, com o n.º 2 e seguintes. A história da primeira estampa vai referida adiante.

Dos 33 documentos coligidos pelo Dr. Santos Júnior, 30 foram publicados, em cópia, na minha colectânea. Dos três restantes, o n.º 56 e 57 é a cópia do parágrafo de uma carta aos directores de várias povoações, ordenando que prestassem todo o auxílio ao Dr. ALEXANDRE. O n.º 68 é um requerimento da viúva, D. Germana Pereira de Queiroz Ferreira, a pedir uma pensão correspondente a metade do ordenado do marido como oficial de Secretaria. Esse requerimento foi deferido, como se prova pelo documento CXXXIV da minha colectânea, reproduzido agora em fotogravura, com o n.º 71. O n.º 70 é a certidão de óbito do Doutor.

Nas estampas seguintes, os caracteres romanos correspondem à numeração da minha colectânea. Os números de ordem das estampas vão em caracteres vulgares.

Para o Instituto de Botânica do Porto, foi há pouco adquirida uma colecção de manuscritos originais. Um deles, carta autógrafa do Dr. ALEXANDRE, vai agora reproduzido, em fotogravura, com o n.º 1.

É um curioso documento referente aos primeiros trabalhos oficiais daquele sobre a mina de carvão de Buarcos. Ele demonstra a má sina que, desde o princípio, amargurou o grande naturalista. Reza assim:

Illm° e Exm° Sñr

Os dois Naturalistas, que desta Corte partirão por Ordem de V. Exª á vizitar a Mina de Carvão de Buarcos, xegando agora no primeiro dia de Fever° não pertendem desculpar a sua demora em Coimbra, q̃ excedeta os termos da concessão de V. Exª. Alexandre Roiz Ferreira alem de ter sido

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

demorado pelo Illm.º Reformador q̃ o doutorara na primeira Dominga depois dos Reys, percizava ali prover-se de algua roupa necesaria á seus usos: apenas se desẽbarasou de hum outro negocio partio logo a obedecer a vox de V. Ex.ª q̃ o xamava. Aqui se axa oprimido de hum cumulo de infelicidades: Seo companheiro João da Sylva Feijó, depois de ser atolado em hum grande Lameiro onde supportou sobre si o imenso peso da besta em q̃ montava, xegou não pouco molestado: neste mesmo dia morreu-lhe afogado no Tejo o seo criado: por conclusão de todos os males mesmo em Lisboa no caminho para a Ajuda ás dez horas da noite lhe roubarão a sua Mala sem q̃ lhe ficase outra roupa mais q̃ a q̃ trazia na Jornada. Pois q̃ a estas intelecidades todas sucedidas á ele Alexandre acreceo a ultima de não axar nesta Corte a V. Ex.ª de quem esperava toda a providencia, depois de remeter a V. Ex.ª a Relasõ da viagem á Mina, suplica a V. Ex.ª mande provet do q̃ lhe he mais neccessario para poder aparecer perante V. Ex.ª. Ele protesta ser com o mais profundo acatam.to

L. Ajuda 4 de Fever.º de 1779
Illm.º Exm.º Snr Martinho de Mello e Castro
de V. Ex.ª
Humilde servo e cr.
Alexandre Roiz Ferreira»

CORRIGENDA À COLECTÂNEA

— O documento XXII é o complemento do XIX.
— O documento a pág. 346 é o n.º XCVIII e não o XLVIII.
— As estampas colocadas em face das págs. 420 e 424 deviam ir no fim do volume, a seguir à **Explicação das Estampas.**

Illm.º e Exm.º Snr.

Os dois Naturalistas, que desta Corte partirão por Ordem de V. Ex.ª, á vizitar a Mina de Carvaõ de Buarcos, xegando agora no primeiro dia de Fever.º naõ pertendem desculpar a sua demora em Coimbra, q̃ excedera os termos da Concessaõ de V. Ex.ª Alexandre Roiz Ferreira alem de ter sido demorado pelo Illm.º Reformador q̃ o doutorara na primeira Dominga depois dos Reys, pereizava ali prover-se de alguma roupa necessaria á seus uzos: apenas se derẽ barasou de hũm e outro negocio partio logo a obedecer a voz de V. Ex.ª q̃ o xamava. Aqui se axa oprimido de hum cumulo de infelicidades: Seo companheiro Joaõ da Sylva Feijó, depois de ser atolado em hum grande Lameiro onde suportou sobre si o imenso pezo da besta em q̃ montava, xegou naõ pouco molestado: neste mesmo dia morreu-lhe afogado no Tejo o seo criado: por concluzaõ de todos os males mesmo em Lisboa no caminho p.ª a Ajuda ás dez horas da noite lhe roubaraõ a sua Mala sem q̃ lhe ficase outra roupa mais q̃ a q̃ trazia na Jornada. Pois q̃ a estas infelicidades todas sucedidas á ele Alexandre acreceo a ultima de naõ axar nesta Corte a V. Ex.ª de quem esperava toda a providencia, depois de remeter a V. Ex.ª a Relasaõ da Viagem á Mina, suplica a V. Ex.ª o mande prover do q̃ lhe he mais necessario para poder aparecer perante V. Ex.ª Ele protesta ser como mais profundo acatam.º

Ajuda 2 de Fever.º de 1779.

Illm.º e Exm.º Snr. Martinho de Mello e Castro.

De V. Ex.ª

Humilde Servo e Cr.

Alexandre Roiz Ferreira

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

Recebi do Snr Joaõ Gomes de Araujo, a quantia de hum conto seis centos, e trinta, e dois mil reis das ajudas de custo de Naturalistas, Piscadores, e Jardineiros Botanicos, q vão para as Expedições: a saber

Para

O Dr Alexandre Rodrigues Ferreira

Naturalista ..... 240$000 rs

Agostinho Sarg.to de Cabo Jardineiro

Botanico ..... 192$000 rs

Sarg.to Joze Coelho Piscador ..... 192$000 rs

Joze Joaq.m Freire Piscador ..... 192$000 rs

Moçambique.

Joze da Costa Jardineiro Botanico ..... 192$000 rs

Antonio Gomes Piscador ..... 192$000 rs

Angolla.

Angelo Donati Naturalista, e Piscador ..... 240$000 rs

Joze Antonio Piscador ..... 192$000 rs

Soma 1:632$000 rs

Lisboa 6 de Março 1783

Julio Mattioxxi

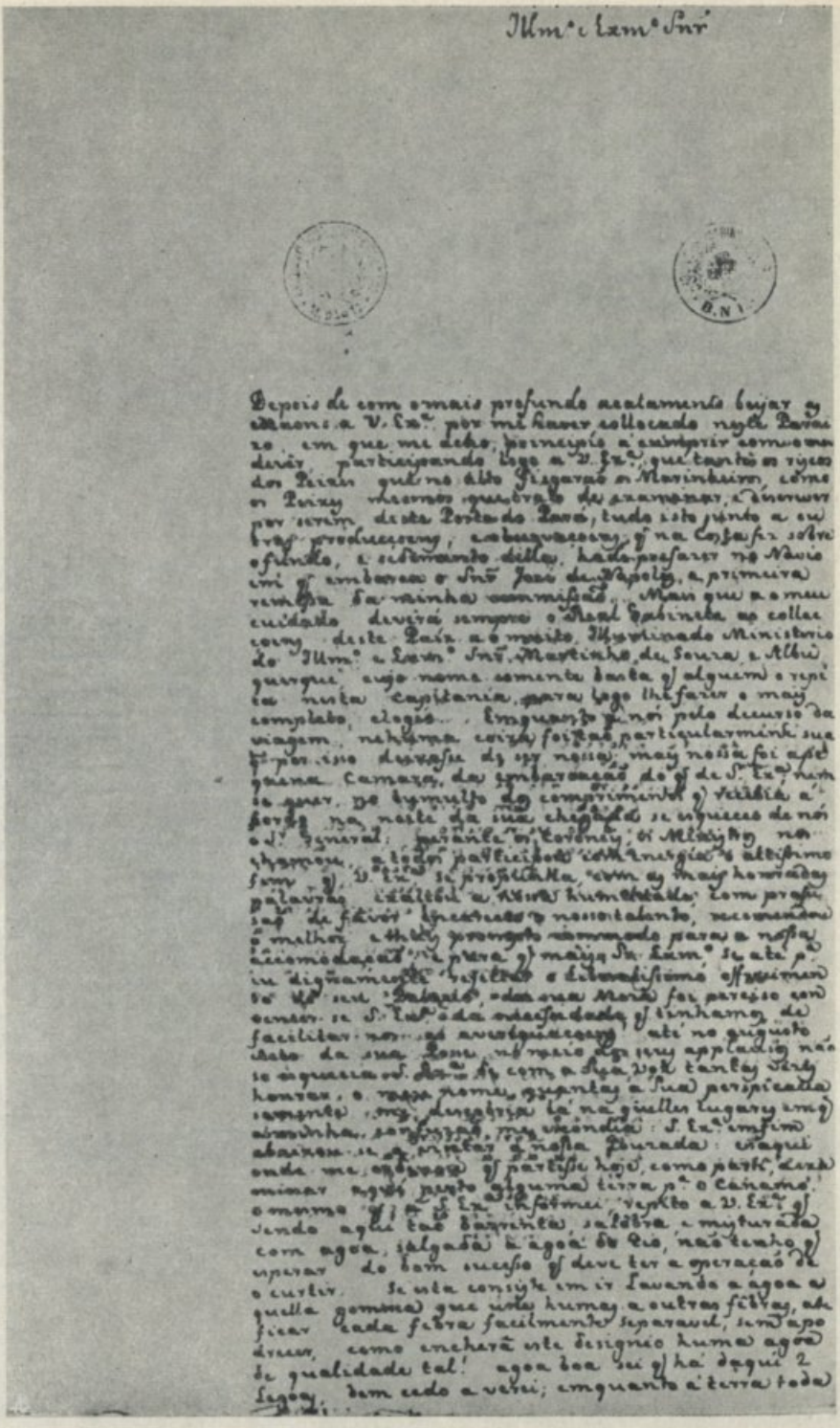
Senhôra

Diz o Dor Alexandre Rodrigues Ferreira, filho legitimo de Manoel Rodrigues Ferreira, natural da Cidade da Bahia, Naturalista actualmente empregado no Serviço de V. Magde na Expedicção Filosofica dos Estudos do Grão Pará, q havendo elle Suppe servido a V. Magde pelo espaço de dous annos na Universidade de Coimbra onde servio de Demonstradôr da Historia Natural, sem por isso perceber emolumento algum, passou depois a Servir a V. Magde pelo espaço de cinco annos na disposição e reducção do Seu Real Gabinete da Ajuda, examinando as producções, e fazendo as experiencias q lhe traõ ordenadas, em quanto naõ foi mandado para o Pará, para onde foi chamado da Universidade; e como o Suppe ao presente se acha em hum Serviço taõ novo neste Reino, e taõ laborioso, por outra parte implicado em infinitos perigos por mar, e por terra, persuade se estar nos termos de para honrar os seus trabalhos supplicar a V. Magde seja Servida adiantar ao Suppe a Mercê do Habito em qualquer das Tres Ordens Militares q a V. Magde muito bem parecer; E porquanto he muito proprio de V. Magde honrar os trabalhos dos q com tanto zêlo a Servem.

P. a V. Magde seja Servida atender á supplica do Suppe

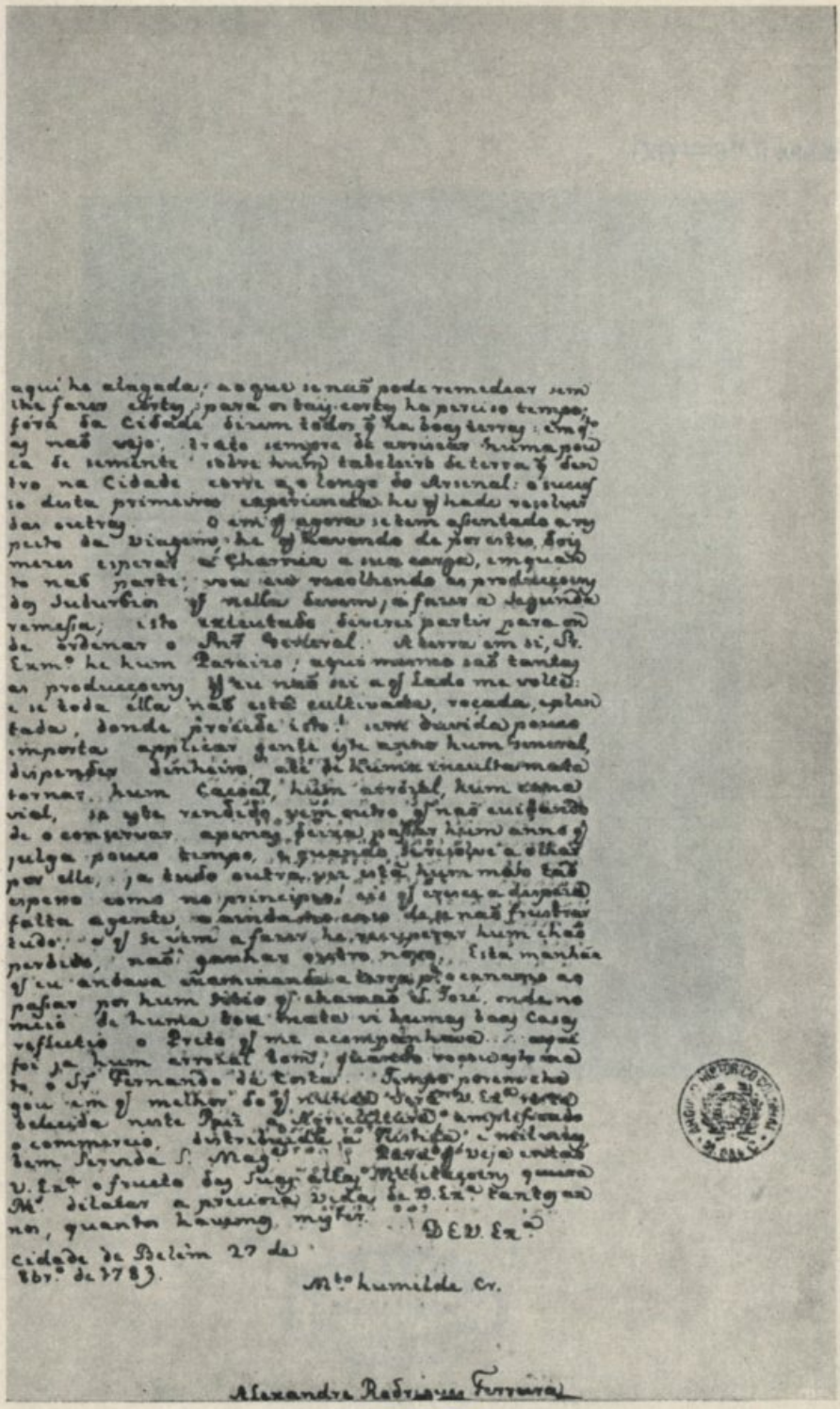
E R Mce

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO



Illm.º e Exm.º Snr

Depois de com o mais profundo acatamento beijar as
Maons. a V. Ex.ª por mi haver collocado nesta Barra
ro, em que mi deixo, principio a escrever como ou
devia, participando logo a V. Ex.ª, que tendo os rijos
dos Pilotos que no alto Figueras e Marinheiros, como
os Prizy, vindos quazi de grammar, e tremer
por serem desta Terra do Pará, tudo isto junto a mu
tos prolixos, e abagaçados, q na Costa fez sobre
o Pinto, e sedendo dilla, hade passar no Navio
emi q embarcou o Snr José de Polly, a primeira
remessa da rainha commissão. Mais que a meu
cuidado deverá sempre o Real Gabinete as collec
coens desta Paiz a q muito Illustrado Ministerio
do Illm.º e Exm.º Snr. Martinho de Soura e Albu
querque, cujo nome somente basta q alguem o repi
ta nesta capitania, para logo lhe fazer o mais
completo elogio. Emquanto a mi pelo decurso da
viagem, nehuma coiza foi digna particularmente sua
Ex.ª por isso deixo de ir nesta, mais nesta foi apre
sentada Camara, da impossibilidade de q se Ex.ª num
ia quer. De hymenio do comprimento q devia a
Corte, na pessoa da sua chegada se injuiceo de nós
o Snr General, Barão de Eschwey, e Almeyda na
Thesoura, a todos participando com energia o altissimo
som q V. Ex.ª se prestabella, com as mais honradas
palavras estabelecendo a Nova Humanidade com prof
sas de fidelidade, brevidade e nossa contentamento, recomendan
o melhor, e mais prompto commodo para a nossa
retirada depois q se prova q mais Ex.ª Snr. se ate p.
um dignamente hospedado e distinctissimo offerecimen
to de seu Palacio, dando nos Morte fez presso com
esmero se Ex.ª da ordem dada q tinhamos de
facilitar nos q as averiguaçoens, ate no quinto
dia da sua Zona, no mais dos rios q se
inguarca ou dera q com a Ilha York tanto Snr
honras, o nosso nome, gigantes a sua perspicacia
segurida, mas dezejos la na gielle lugares emq
a rondinha, sempre, mas grandes Ex.ª emfim
abraçou se q, vindas q nesta Feirada: daqui
onde me, obrigou q partisse hoje, como parte dizen
minar agui ponto algumas terra p.ª o Caixano.
o mesmo Ex.ª Snr. Ex.ª Snr. respeito a V. Ex.ª q
sendo agui tão barreiras, salobra, e misturada
com agoa, salgada a agoa do Rio, não tenho q
esperar do bom sucesso q deve ter a operaçaõ de
o curtir. Se nela consiste em ir lavando a agoa a
quella gomma q nelas humas, e outras filhas, ab
ficar cada fibra facilmente separavel, sendo apo
dizer, como encherá este designio humas agoas
de qualidade tal! agoa boa sei q ha daqui 2
Legoas, bem cedo a vetei; emquanto a terra todo



aqui he alagada; a q.e se naõ pode remediar sem
lhe fazer cõrtes; para os hay cortes ha pouco tempo;
fóra da Cidade hirum tellos, q ha hoje terras: em q.e
ay naõ vejo. Trato sempre de arruinar huma pou
ca de eminẽte sobre huns taboleiros de terra q ficã
tro na Cidade corre a q.e longo do Arsenal: e sem
se duvida primeiros experimentos hey de hade resolver
daz outras. O em q agora se tem assentado a my
peito da viagem he q Lourenço de por entre hoje
meses esperar a Charrua a sua carga, emquan
to naõ parte; vou eu reconhecendo as producçoẽs
do Suburbio q nelles houverem, a fazer a seguinte
remessa; isto executado hirei partir para on
de ordenar o Jnt.e Geral. A terra em si, S.
Exm.a he hum Paraizo; aqui mesmo saõ tantas
as producçoẽs q eu naõ sei a q.l lado me volte:
e se toda ella naõ está cultivada, rocada, plan
tada, donde procede isto! sem duvida pouco
importa applicar gente q.e custe hum Jornal,
dispender dinheiro, alli de Hũa vez cultivar mata
tornar hum Casal, hum arrozal, hum cana
vial, q.e logo rendido, vejo outro q naõ custando
de o conservar apenas, passa hum anno q
julga pouco tempo, e grangeado torno a olhar
por elle, ja tudo outra vez feito hum mato taõ
espesso como no principio, assi q vejo a difficul
falta agente, e andando aqui de q.e naõ frustrar
tudo. E q se vim a fazer, he recuperar hum chaõ
perdido, naõ ganhar outro novo, esta manhãa
q eu andava enxaminando a terra p.a o canavial
passar por hum sitio q chamaõ S. José, onde no
meio de huma boa mata vi huma boa casa
reflectio o Preto q me acompanhava: aqui
foi ja hum arrozal bom, q deixado voluntario ma
to, o Sr. Fernando de Costa. Tempo perdido
pouco am q melhor se q.l vai ver o Sr. Ex.mo
Secretario de Estado amplificado
o commercio, distribuido as Rendas, e melhorado
hum Reyno de Sua Mag.de q Deos guarde
V. Ex.a o fruto do seu Ministerio, Mil vezes
M.e dilatar a preciosa vida de V. Ex.a Santo ad
nos, quanto havemos mister.

De V. Ex.a

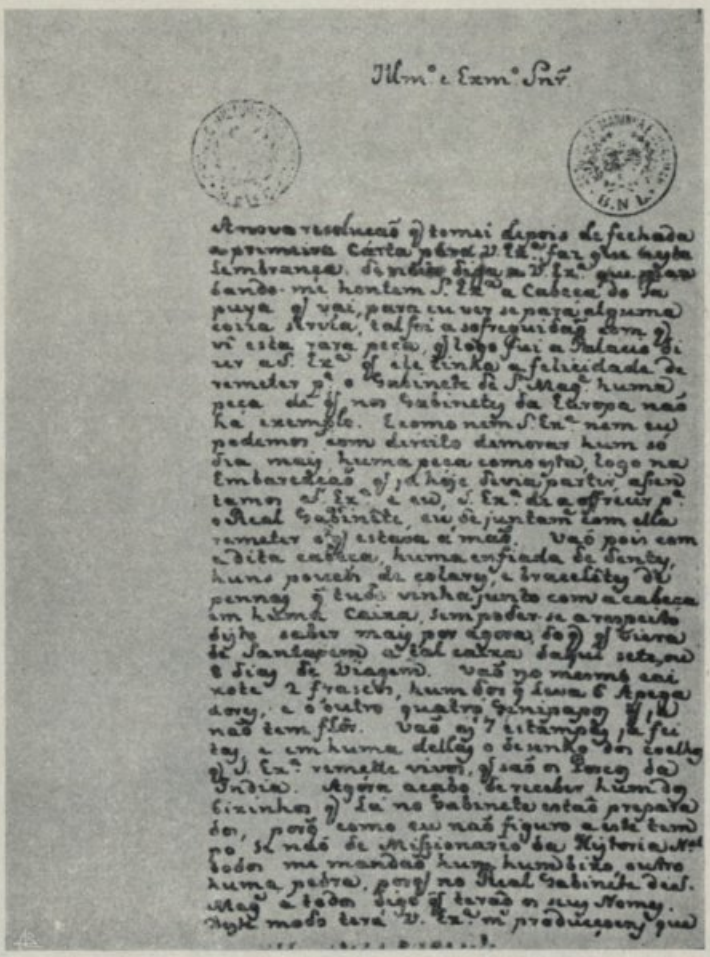
cidade de Belem 27 de
Fev.o de 1783.

M.to humilde Cr.

Alexandre Rodrigues Ferreira

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

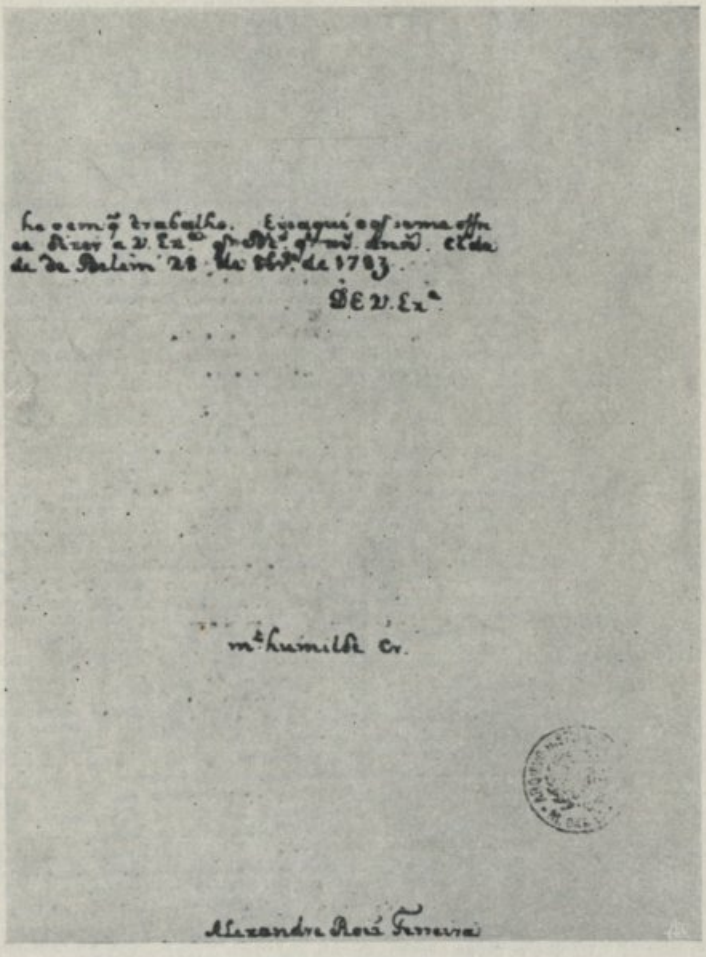
Estampa n.º 6 — (IX)



Illm.º e Exm.º Snr.

A nova resolucaõ q̃ tomei depois de fechada
a primeira Carta para V. Ex.ª faz que nesta
lembrança de muito diga a V. Ex.ª que mar
bando-me hontem S. Ex.ª a Cabeça do Ja
puya q̃ vai, para eu ver se para alguma
coisa servia, tal foi a sofreguidaõ com q̃
vi esta rara peça, q̃ logo fui a Palacio di
zer a S. Ex.ª q̃ ele tinha a felicidade de
remeter p.ª o Gabinete de S. Mag.ᵉ huma
peça de q̃ nos Gabinetes da Europa naõ
ha exemplo. E como nem S. Ex.ª nem eu
podemos com direito demorar hum só
dia mais huma peça como esta, logo na
Embarcaçaõ q̃ já hoje devia partir, assen
tamos S. Ex.ª e eu, S. Ex.ª de a offrecer p.ª
o Real Gabinete, eu de juntam.ᵉ com ella
remeter o q̃ estava á maõ. Vaõ pois com
a dita cabeça, huma enfiada de dentes,
huns poucos de colares, e bracelêtes de
pennas q̃ tudo vinha junto com a cabeça
em huma Caixa, sem poder-se a respeito
disto saber mais por agora, do q̃ q̃ viera
de Santarem a tal caixa daqui sete, ou
8 dias de Viagem. Vaõ no mesmo cai
xote 2 frascos, hum dos q̃ leva 6 Apega
dores, e o outro quatro Genipapos q̃ já
naõ tem flôr. Vaõ as 7 estampas já fei
tas, e em huma dellas o desenho dos coelhos
q̃ S. Ex.ª remette vivos, q̃ saõ os Porcos da
India. Agora acabo de receber hum dos
bizinhos q̃ lá no Gabinete estaõ prepara
dos, porq̃ como eu naõ figuro a este tem
po, se naõ de Missionario da Historia N.ᵗᵃˡ
todos me mandaõ hum hum bizo, outro
huma pedra, porq̃ no Real Gabinete de S.
Mag.ᵉ a todos digo q̃ teraõ os seus Nomes.
Deste modo terá V. Ex.ª m.ᵗᵒ producçoens que

Estampa n.º 7 — (IX)



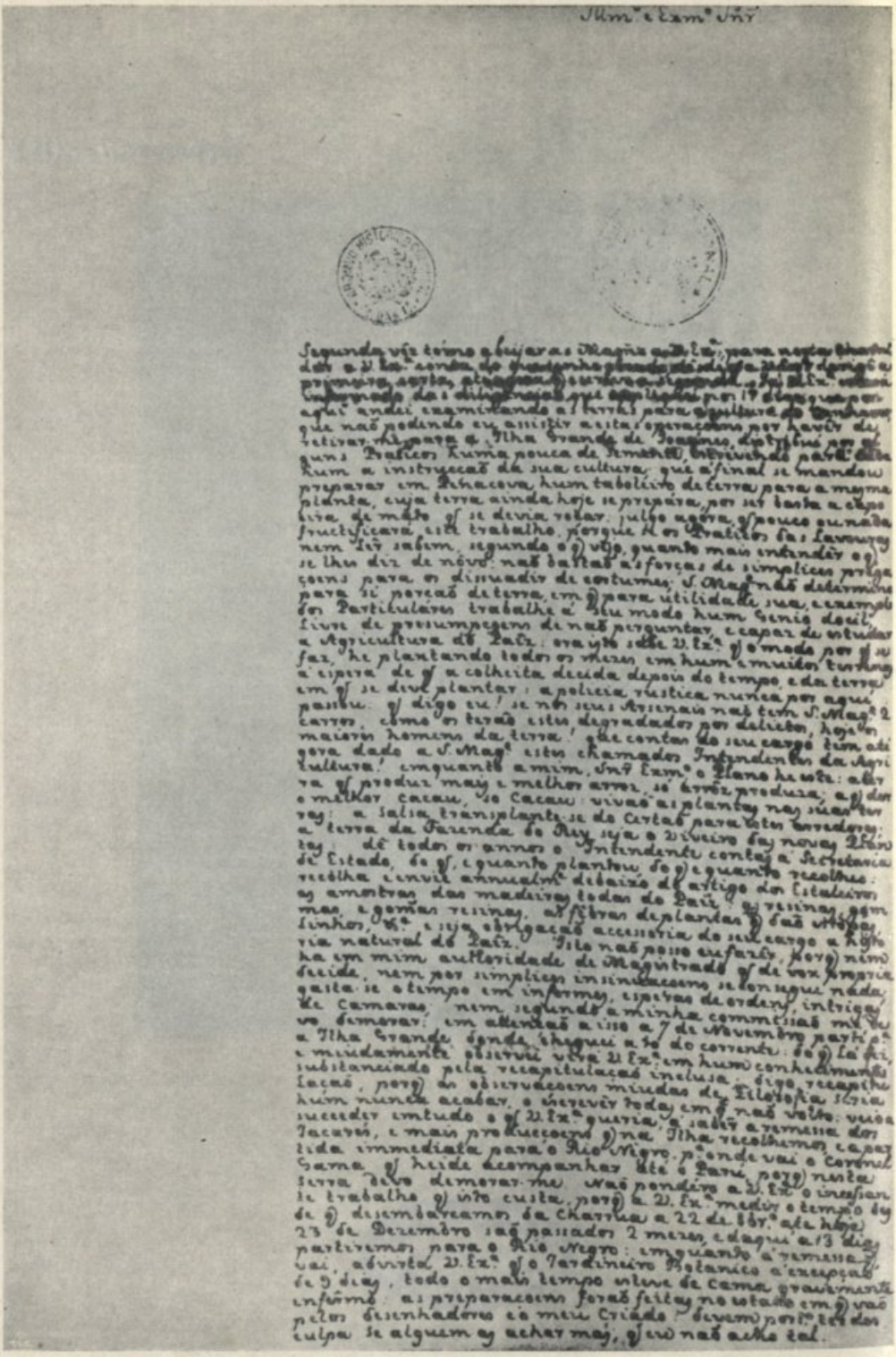
he o em q̃ trabalho. Exaqui o q̃ se me offre
ce dizer a V. Ex.ª q̃ Dr. q̃ m.ᵗ ann.ᵒ. Cl.ᵈᵃ
de de Belem 28 de 8br.ᵒ de 1783.

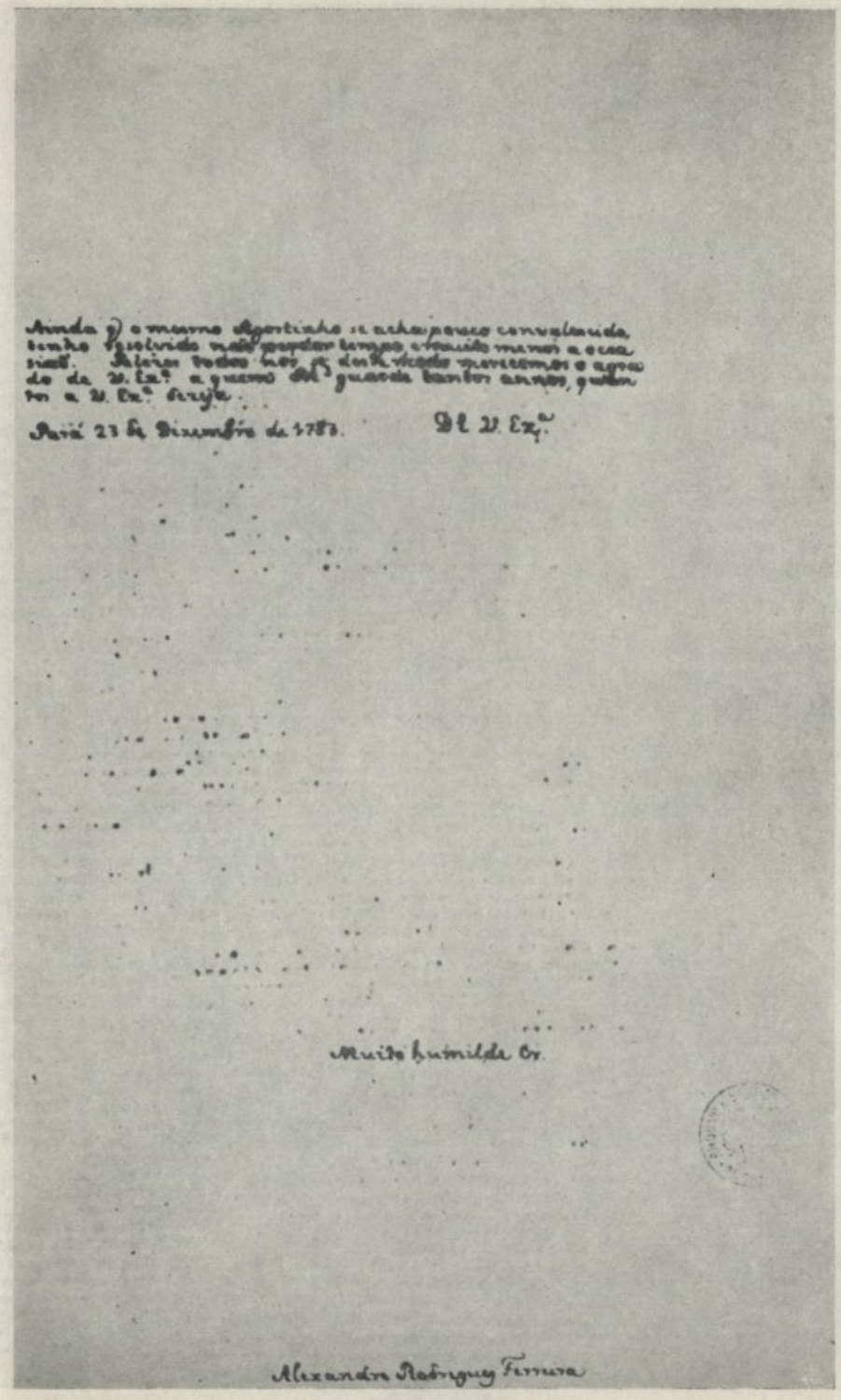
DE V. Ex.ª

m.ᵗ humilde Cr.

Alexandre Roiz Ferreira

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO





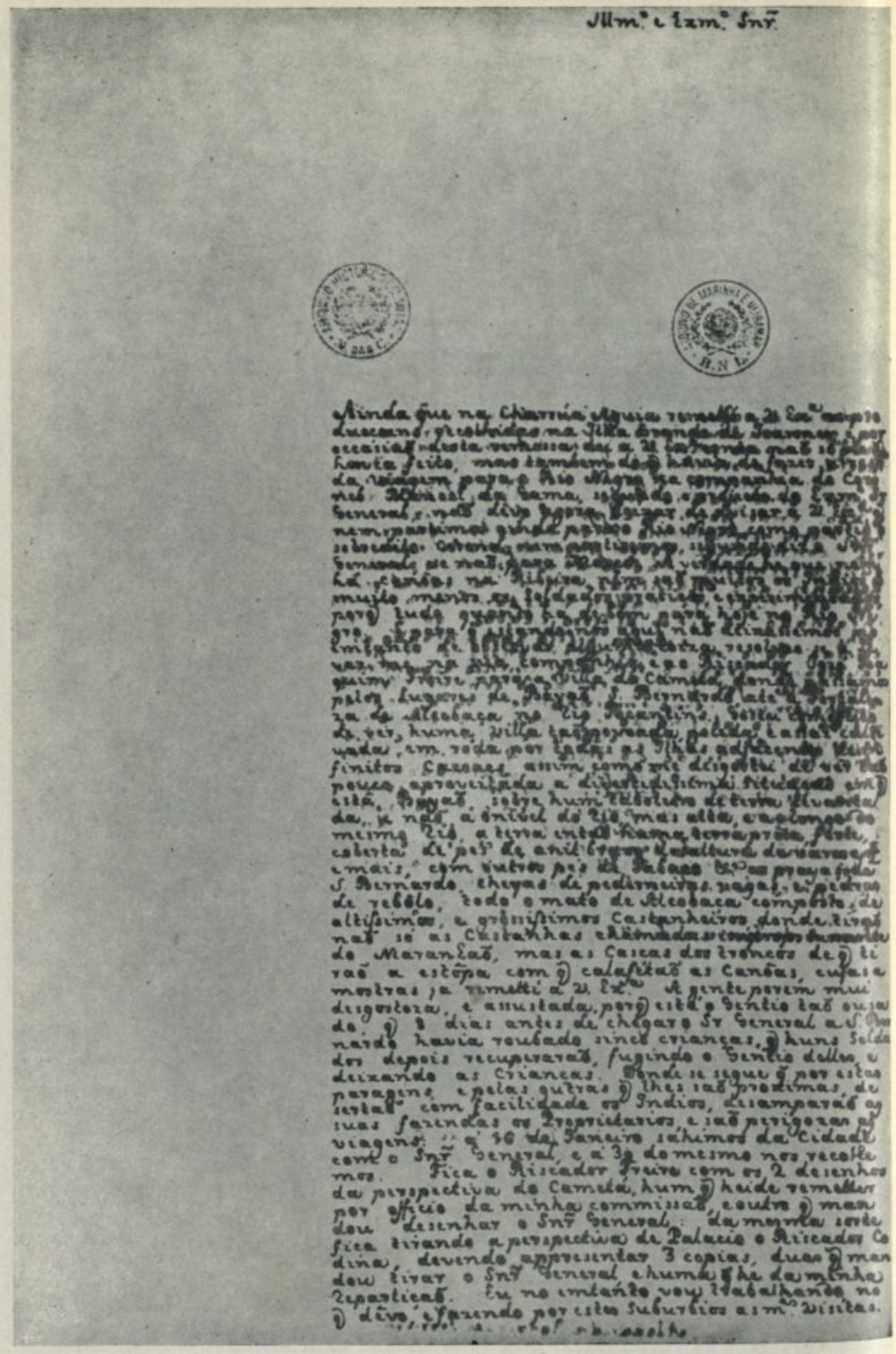
Ainda q̃ o mesmo Agostinho se acha pouco convalescido, tenho resolvido não perder tempo, e muito menos a occasião. Peleiro todos nós, se deste modo merecemos o agrado de V. Ex.ª a quem Mᵉ guarde tantos annos, quantos a V. Ex.ª deseja.

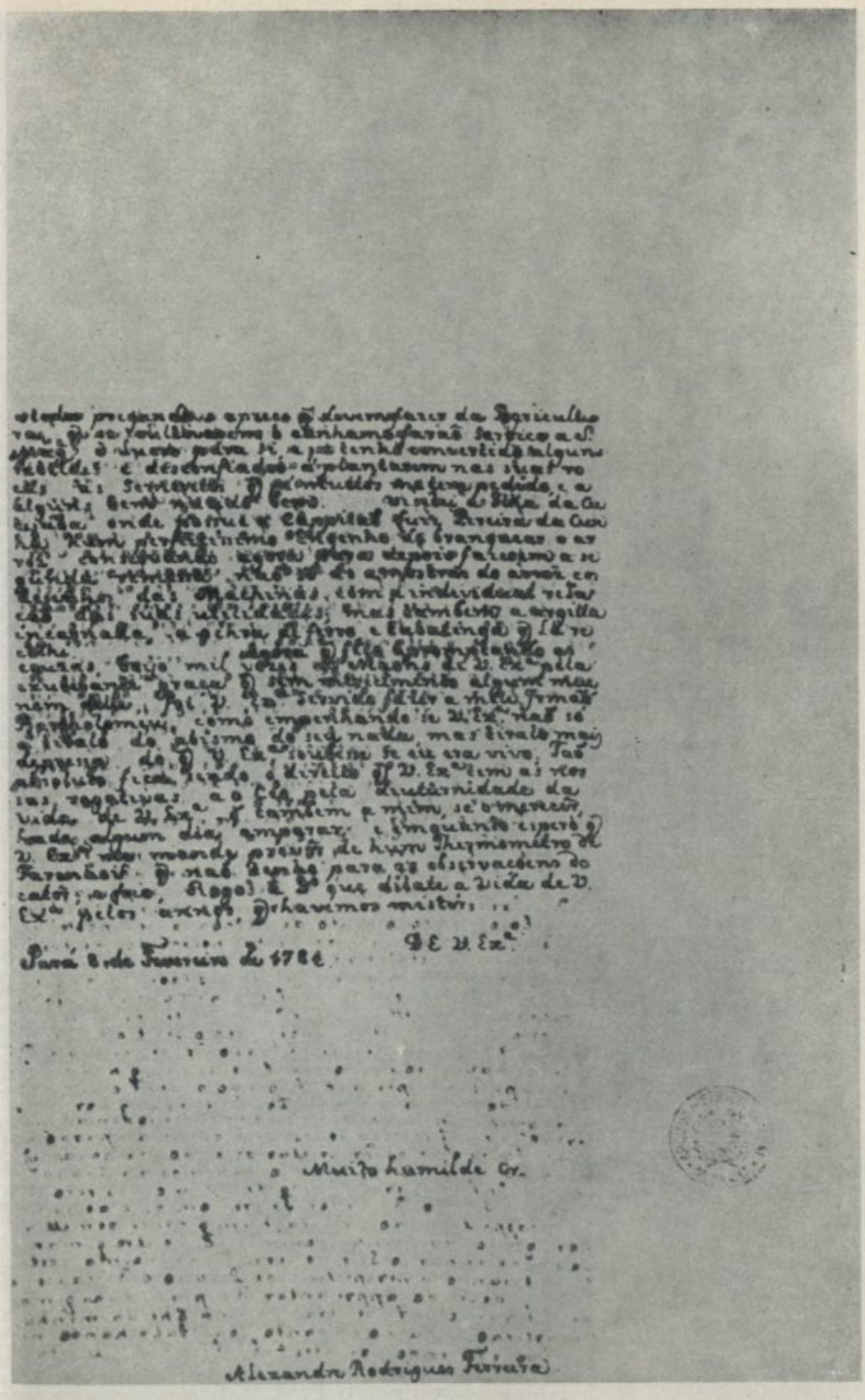
Pará 23 de Dezembro de 1783. Dl V. Ex.ª

Muito humilde Cr.

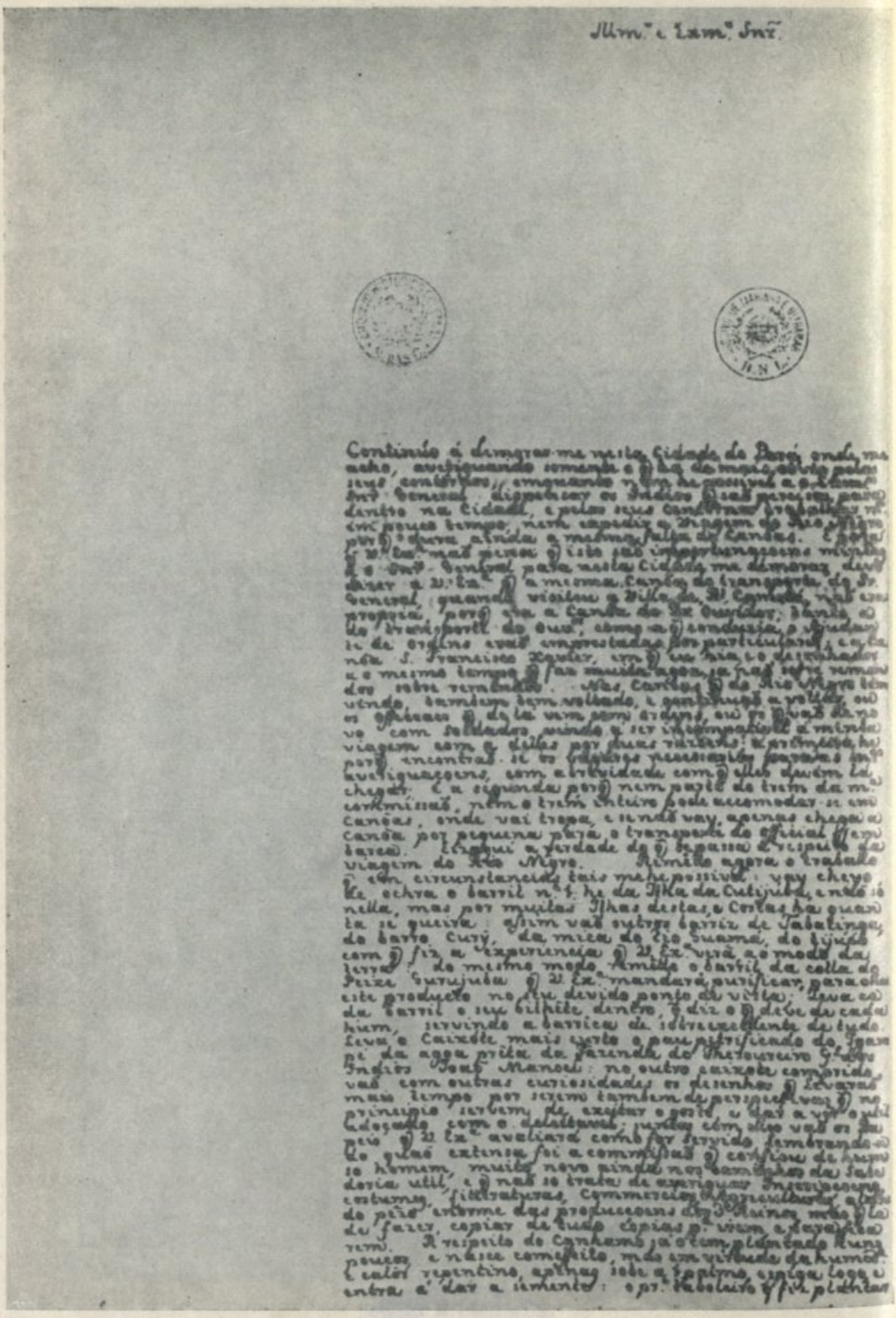
Alexandre Rodrigues Ferreira

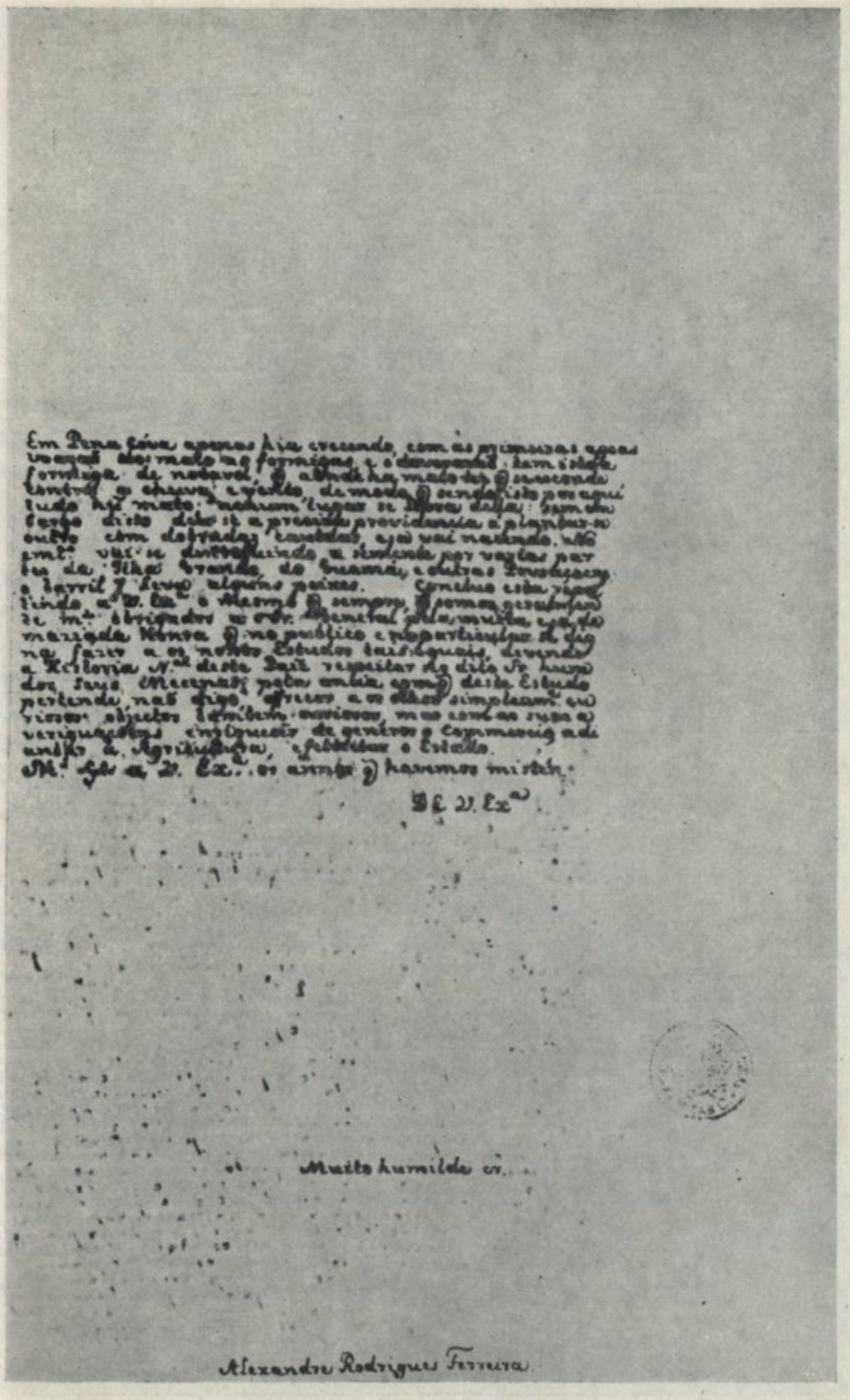
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTANICO





UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO





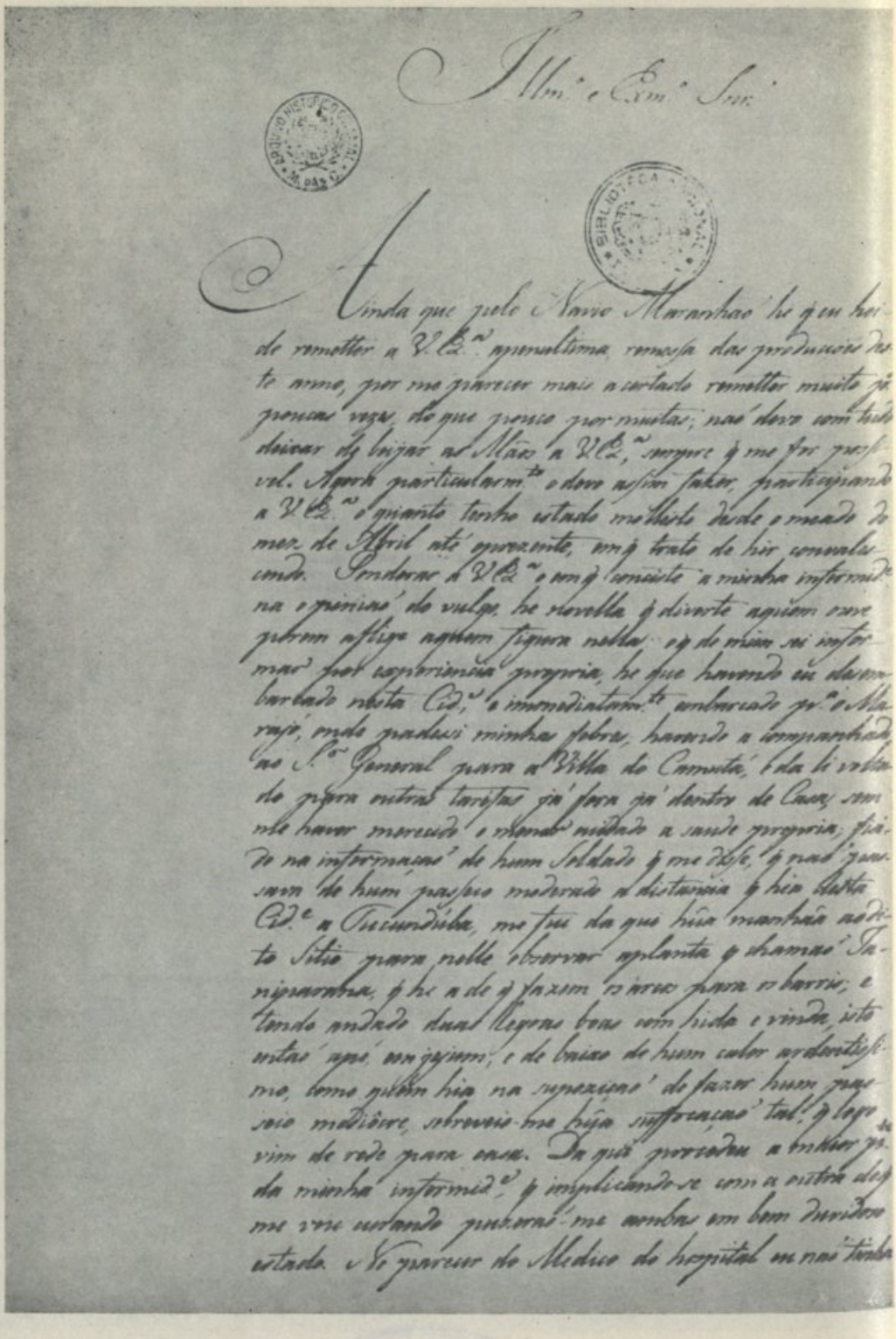
Em Pena Cóva apenas hia crecendo, com as primeiras aguas
voarão do mato as formigas e o devorarão. Tem isto a
formiga de notavel, q. aonde ha mato tem q. se esconde
contra a chuva e vento, de modo q. sendo isto por aqui
tudo hũ mato: nenhum lugar se livra della: sem em
bargo disto deu-se a precisa providencia a plantar-se
outro com dobradas cautelas, e já vai nascendo. No
emt.º vai se distinguindo a semente por varias par
tes da Ilha Grande, do Guamá, e outras Povoações
o barril 7 leva alguns peixes. Concluo esta rezal
tindo a V. Ex.ª o mesmo q. sempre q. somos geralmen
te m.ᵗᵒˢ obrigados a o Sr. General pela muita esa de
mariada honra q. no publico e no particular se dig
na fazer a os nossos Estudos tais iguais, devendo
a Historia N.ᵃˡ deste Paiz respeitar no dito Sr. hum
dos seus Mecenas; pela ambia com q. deste Estudo
pertende não digo, offrecer a os olhos simplesm.ᵗᵉ cu
riosos objectos tambem curiosos, mas com as suas a
veriguações enriquecer de generos o Commercio, adi
antar a Agricultura, e felicitar o Estado.
M.ᵗᵒˢ Gr.ᵃˢ a V. Ex.ª os annos q. havemos mister.

De V. Ex.ª

Muito humilde cr.

Alexandre Rodrigues Ferreira

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

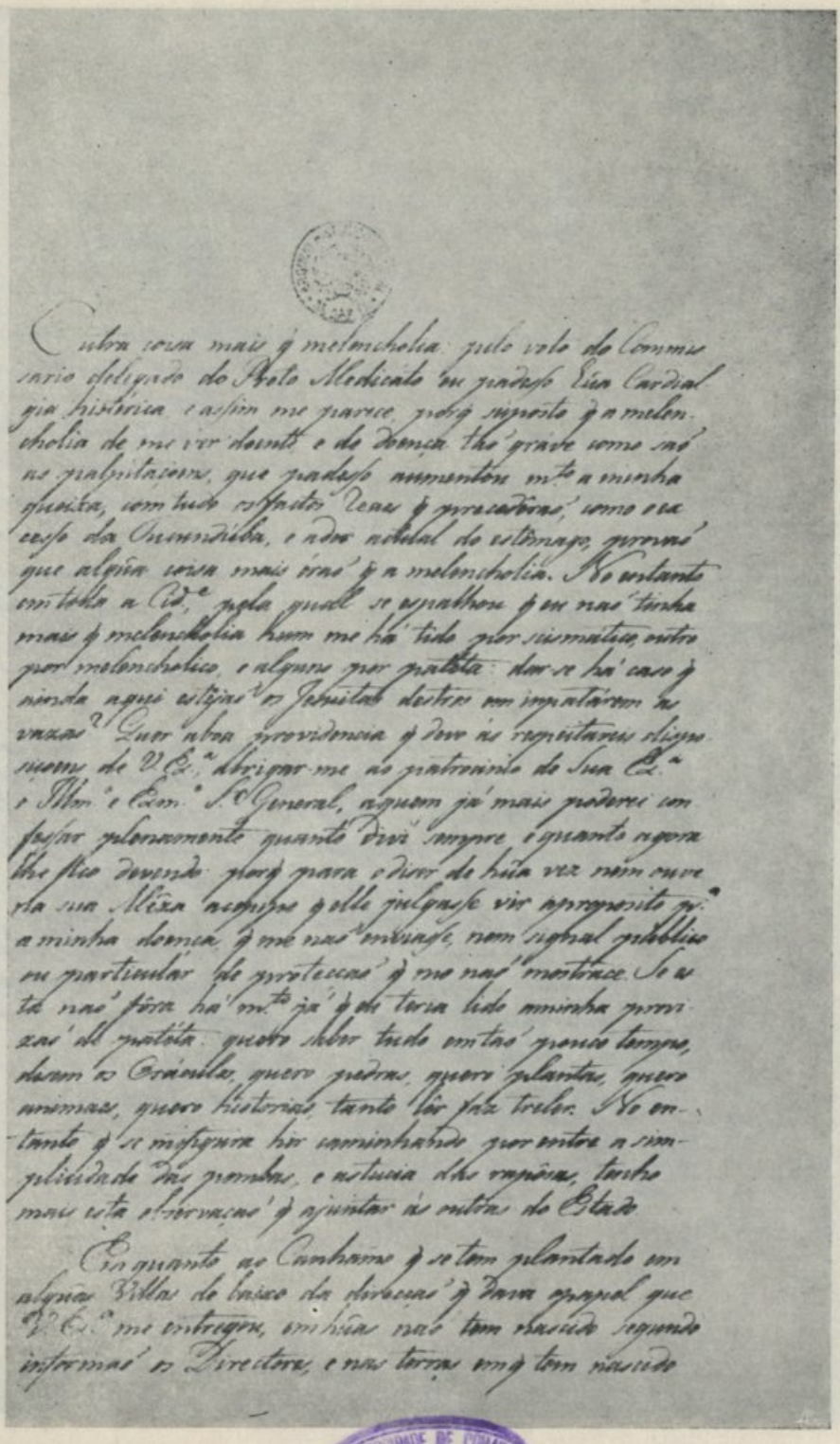


Illm.º e Exm.º Snr.

ARQUIVO HISTORICO ... M. PAS C.

BIBLIOTECA NACIONAL

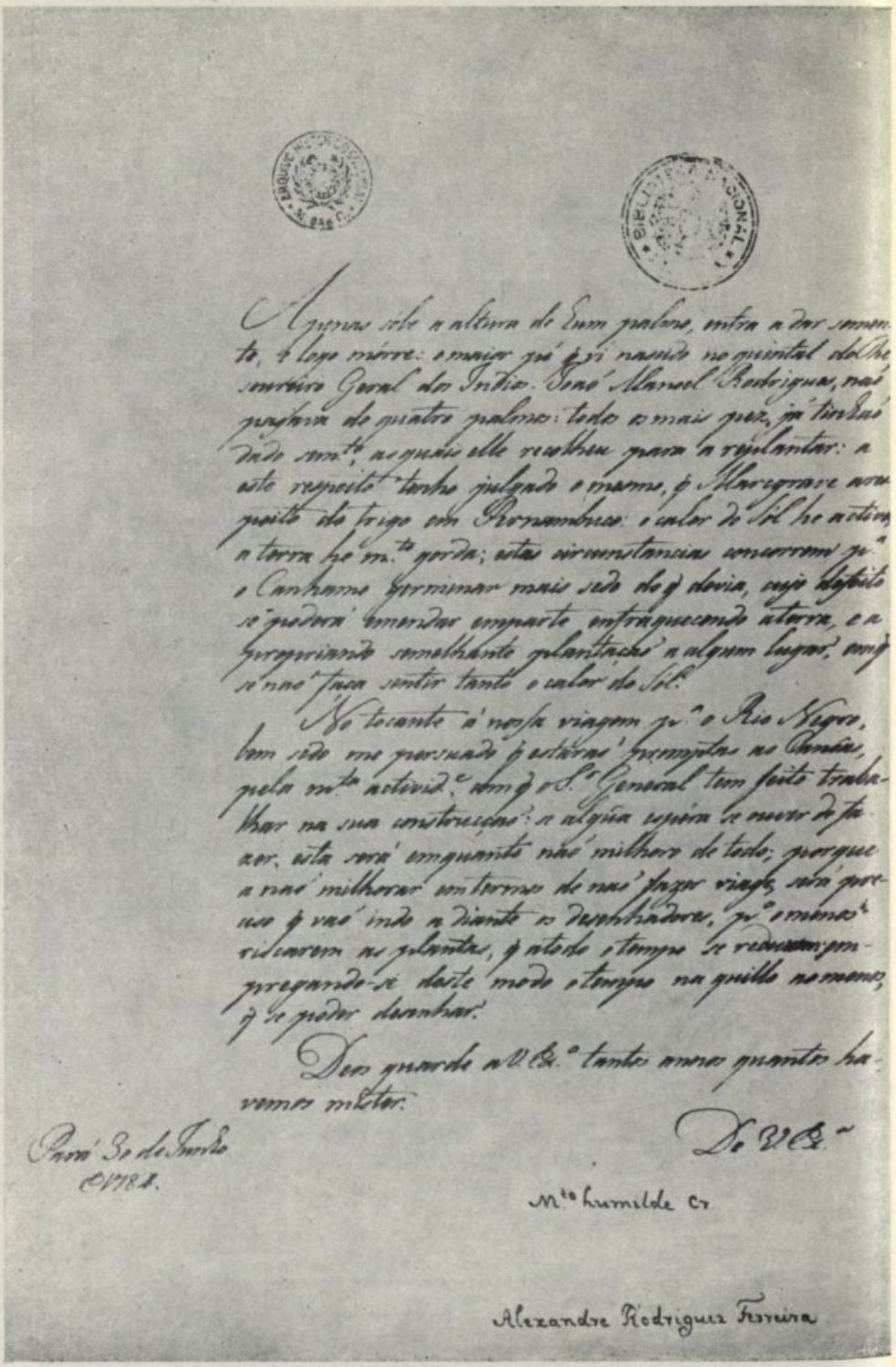
Ainda que pelo Navio Maranhaõ he q̃ eu hei-
de remetter a V. Ex.ª a penultima remessa das producções des-
te anno, por me parecer mais acertado remetter muito p.ª
poucas vezes, do que pouco por muitas; naõ devo com tudo
deixar de beijar as Mãos a V. Ex.ª sempre q̃ me for possi-
vel. Agora particularm.te o devo assim fazer, participando
a V. Ex.ª o quanto tenho estado molleste desde o meado do
mez de Abril até o prezente, em q̃ trato de hir convales-
cendo. Ponderar a V. Ex.ª o em q̃ consiste a minha infermid.e
na opiniaõ do vulgo, he novella q̃ diverte aquem ouve
porem aflige aquem figura nella; o q̃ de mim sei infor-
maõ por experiencia propria, he que havendo eu desem-
barcado nesta Cid.e e immediatam.te embarcado p.ª o Ma-
rajó, onde padessi minhas febres, havendo acompanhado
ao S.r General para a Villa do Camutá, e da li volta-
do para outras tarefas já fora já dentro de Casa, sem
me haver merecido o menor cuidado a saude propria; fia-
do na informaçaõ de hum Soldado q̃ me disse, q̃ naõ pas-
sava de hum passeio moderado a distancia q̃ hia desta
Cid.e a Tucundúba, me fui da qui hũa manhãa ao di-
to Sitio para nelle observar a planta q̃ chamaõ Ta-
niparanha, q̃ he a de q̃ fazem os arcos para os barris; e
tendo andado duas legoas boas com hida e vinda, isto
entaõ apé, em jejum, e de baixo de hum calor ardentissi-
mo, como quem hia na supoziçaõ de fazer hum pas-
seio mediôcre, sobreveio-me hũa suffocaçaõ tal, q̃ logo
vim de rede para casa. Da qui procedeu a maior p.te
da minha infermid.e q̃ implicando-se com a outra de q̃
me vou curando puzeraõ-me ambas em bem duvidoso
estado. No parecer do Medico do hospital eu naõ tinha



Outra coisa mais q̃ melencholia: pelo voto do Commissario delegado do Preto Medicato eu padesso Hũa Cardialgia histórica e assim me parece, porq̃ suposto q̃ a melencholia de me ver doente e de doença tão grave como são as palpitaçoens, que padesso aumentou m.to a minha queixa, com tudo os factos reaes q̃ precedêrão, como o excesso da Oucundiba, e ador actual do estômago, provão que algũa coisa mais érão q̃ a melencholia. No entanto em toda a Cid.e pela qual se espalhou q̃ eu não tinha mais q̃ melencholia hum me há tido por scismático, outro por melencholico, e alguns por patéta: dar-se há caso q̃ ainda aqui estejão os Jesuitas destros em impatárem as vazas? Quer aboa providencia q̃ devo ás respeitaveis disposiçoens de V. Ex.a obrigar-me ao patrocinio de Sua Ex.a o Illm.o e Exm.o S.r General, aquem já mais poderei confessar plenamente quanto devi sempre e quanto agora lhe fico devendo: porq̃ para o diser de hũa vez nem ouve na sua Mêza acepipe q̃ elle julgasse vir aproposito p.a a minha doença, q̃ me não enviasse, nem signal publico ou particular de protecção q̃ me não mostrace. Se esta não fôra há m.to já q̃ eu teria lido aminha provizão de patéta: quero saber tudo em tão pouco tempo, desem os Oráculos, quero pedras, quero plantas, quero animaes, quero historias, tanto lêr faz treler. No entanto q̃ se mefigura hir caminhando por entre a simplicidade das pombas, e astucia das rapôsas, tenho mais esta observação q̃ ajuntar ás outras do Estado.

Em quanto ao Canhamo q̃ se tem plantado em algũas Villas de baixo da direcção q̃ dava o papel que V. Ex.a me entregou, em hũas não tem nascido segundo informão os Directores, e nas terras em q̃ tem nascido

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO



ARQUIVO HISTORICO ... N. 646 C.

BIBLIOTECA NACIONAL

Apenas sobe a altura de hum palmo, entra a dar somente, e logo morre: o maior pé q̃ vi nascido no quintal do Thesoureiro Geral dos Indios. João Manoel Rodrigues, naõ passava de quatro palmos: todos os mais pez, já tinhaõ dado sem.te, as quais elle recolheu para a replantar: a este respeito tenho julgado o mesmo, q̃ Marcgrave a respeito do trigo em Pernambuco: o calor do Sol he activo, a terra he m.to gorda; estas circunstancias concorrem p.a o Canhamo germinar mais sedo do q̃ devia, cujo defeito se poderá emendar emparte enfraquecendo a terra, e a propriando semelhante plantaçaõ a algum lugar, em q̃ se naõ faça sentir tanto o calor do Sol.

No tocante á nossa viagem p.a o Rio Negro, bem sedo me persuado q̃ estaraõ promptas as Canoas, pela m.ta activid.e com q̃ o S.r General tem feito trabalhar na sua construcçaõ: se alguã espera se ouver de fazer, esta será emquanto naõ milhoro de todo; porque a naõ milhorar em termos de naõ fazer viage, será preciso q̃ vaõ indo a diante os desenhadores, p.a o menos riscarem as plantas, q̃ a todo o tempo se reduzem; empregando-se deste modo o tempo na quillo ao menos, q̃ se poder desenhar.

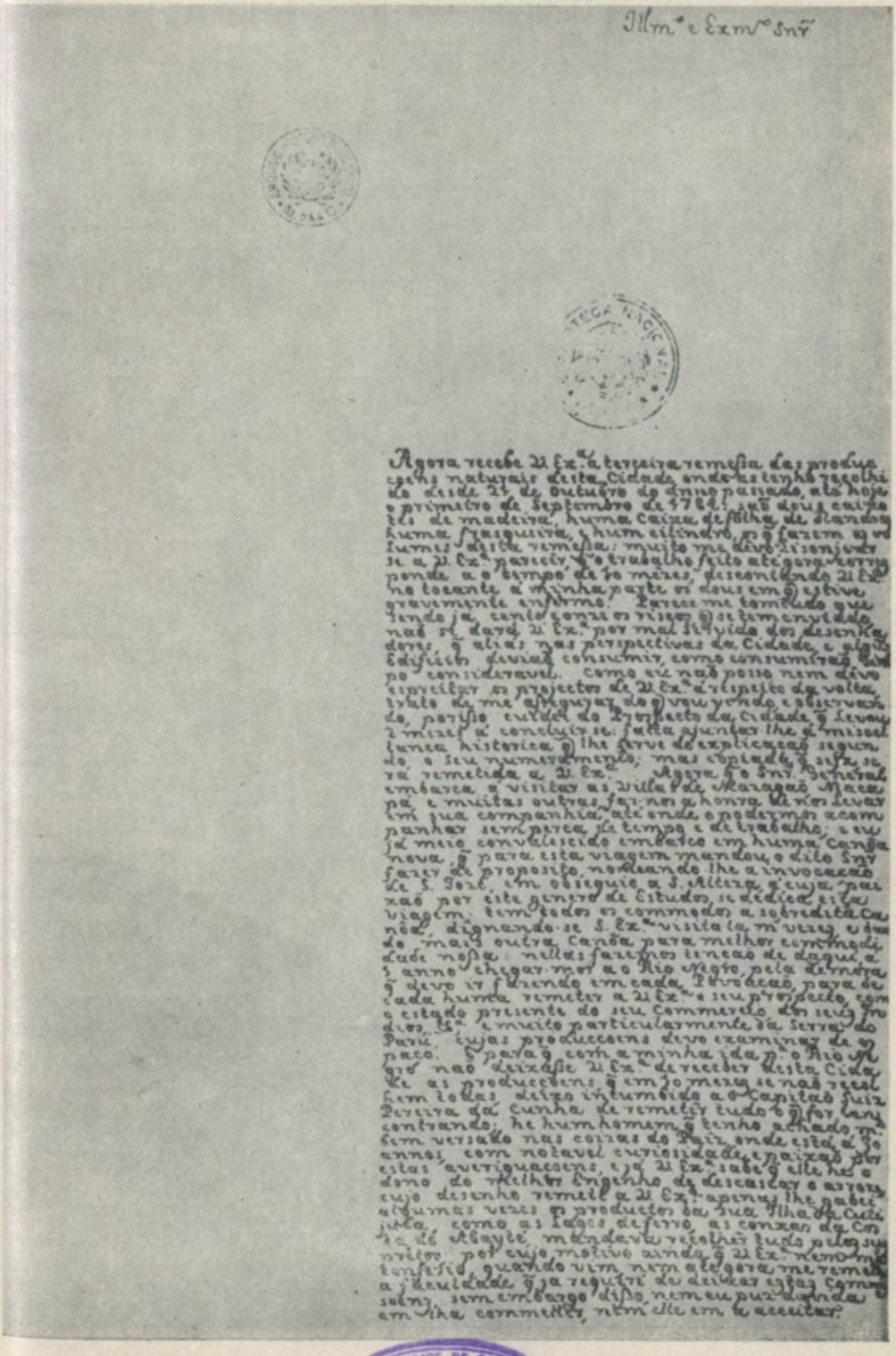
Deos guarde a V. Ex.a tantos annos quantos havemos mister.

De V. Ex.a

Pará 30 de Junho
1784.

M.to humilde Cr.

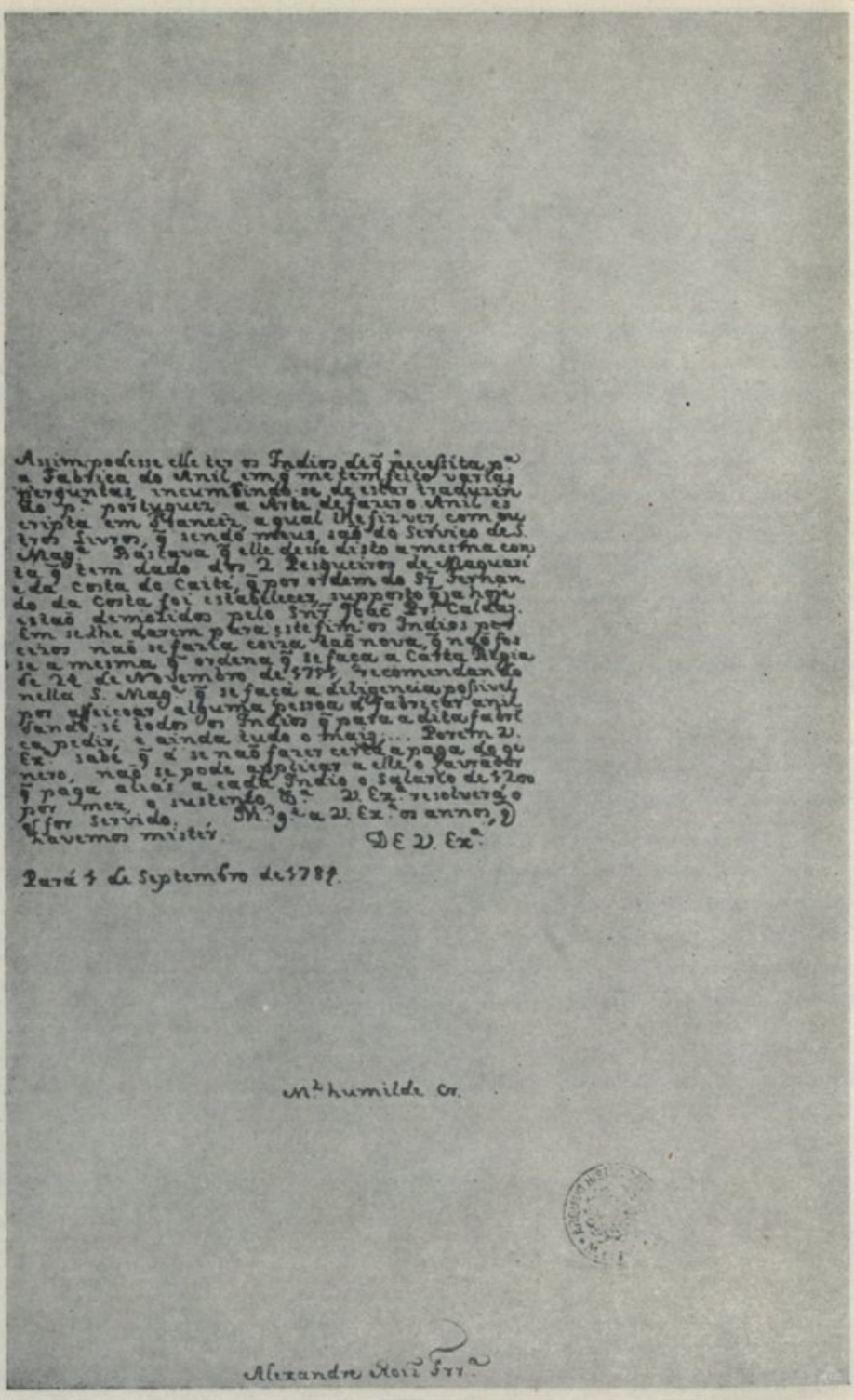
Alexandre Rodriguez Ferreira



Illm.º e Exm.º Snr.

Agora recebe V. Ex.ª a terceira remessa das produc-
ções naturais desta Cidade, onde as tenho recolhi-
do desde 21 de outubro do anno passado, até hoje
o primeiro de Septembro de 1784: já dous caixo-
ões de madeira, huma caixa de folha de Flandres
huma frasqueira, e hum cilindro, q.e fazem o nu-
mero desta remessa: muito me devo adiantar
se a V. Ex.ª parecer q.e trabalho feito até agora corres-
ponde ao tempo de 12 mezes, descontando V. Ex.ª
no tocante á minha parte os dous em q.e estive
gravemente enfermo. Parece-me também que
tendo já cento e tres numeros q.e tem enviado
não se deverá V. Ex.ª por mal servido dos desenho
deve, q.e alias nas perspectivas da Cidade, e algu-
ns Edificios faviais consumir, como consumirão al-
go consideravel. Como eu não posso nem devo
especificar os projectos de V. Ex.ª a respeito da volta,
trato de me aproximar do q.e vou vendo, e observan-
do, porisso cuidei do Projecto da Cidade, e levan-
o mesmo á conclusão: falta ajuntar-lhe a miscel-
lanea historica q.e lhe serve de explicação segun-
do o seu numero respectivo; mas copiada, e isto se-
rá remettido a V. Ex.ª Agora q.e o Snr. Governador
embarca a visitar as Villas de Macarapá Mace-
pá e muitas outras, fazendo a honra de me levar
em sua companhia, até onde o poderem acom-
panhar sem perca de tempo e de trabalho, e eu
já meio convalescido embarco em huma Canoa
nova, q.e para esta viagem mandou o dito Snr.
fazer de proposito, nomeando-lhe a invocação
de S. José, em obsequio a S. Alteza, e cuja pai-
xão por este genero de Estudos, se dedica esta
viagem, tem todos os commodos a sobredita Ca-
noa, dignando-se S. Ex.ª visitala mt.s vezes, e tu-
do mais outra Canoa para melhor commodi-
dade nossa: nelles faremos tenção de daqui a
1 anno chegar-mos ao Rio Negro, pela derrota
q.e devo ir fazendo em cada 2 trovoadas, para de
cada huma remetter a V. Ex.ª o seu projecto, com
o estado presente do seu Commercio do seu Pro-
ductos, &.ª e muito particularmente da Serra do
Paru, cujas producções devo examinar de p.to
a p.to. E para q.e com a minha ida ao Rio Ne-
gro não deixasse V. Ex.ª de receber desta Cida-
de as producções; e emfim mezes se não recol-
hem todas, deixo intumbido o Capitão Luiz
Pereira da Cunha de remetter tudo o q.e for en-
contrando: he hum homem q.e tenho achado m.to
sem versado nas coisas do Pará, onde está ha 30
annos, com notavel curiosidade, e paixão por
estas averiguações; e q.e V. Ex.ª sabe q.e elle he o
dono do melhor Engenho de descascar o arroz,
cujo desenho remetti a V. Ex.ª apenas lhe gabei
algumas vezes os productos da sua Ilha de Cati-
jubá, como as lagoas de ferro, as cannas de Co-
ta de Abaeté, mandará recolher tudo pelos su-
mitos, por cujo motivo ainda q.e V. Ex.ª nem me
tenha escrito, quando vim nem alegora me remet-
a, q.e verdade q.e já requisitei de deixar estas Com-
mo sou, sem embargo disto, nem eu pus duvida
em vir a cometter, nem elle em a aceitar.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO



Assim podesse elle ter os Indios de q̃ necessita p.ª
a Fabrica do Anil em q̃ me tem feito varias
perguntas, incumbindo-se de estar traduzin
do p.ª portuguez a Arte de fazer o Anil es
cripta em Francez, a qual lhe fiz ver com ou
tros Livros, q̃ sendo meus, são do Serviço de S.
Mag.ª Bastava q̃ elle desse disto a mesma con
ta q̃ tem dado dos 2 Pesqueiros de Maguarí
e da Costa do Caité, q̃ por ordem do Sr. Fernan
do da Costa foi estabelecer, supposto q̃ a hoje
estão demolidos pelo Snr. Joaõ Pr.ª Caldaz.
Em se lhe darem para este fim os Indios per
ceiros não se fazia coiza tão nova, q̃ não fos
se a mesma q̃ ordena q̃ se faça a Carta Regia
de 24 de Novembro de 1751, recomendando
nella S. Mag.ª q̃ se faça a diligencia possivel
por affeiçoar alguma pessoa a fabricar anil
dando-se todos os Indios q̃ para a dita fabri
ca pedir, e ainda tudo o mais... Porem V.
Ex.ª sabe q̃ a se não fazer certa a paga do ge
nero, não se pode applicar a elle o Lavrador
q̃ paga aliás a cada Indio o salario de 1200
por mez, o sustento &.ª V. Ex.ª resolverá o
q̃ for servido. M.s g.e a V. Ex.ª os annos, q̃
havemos mister.

DE V. Ex.ª

Pará 1 de Septembro de 1784.

M.r humilde Cr.

Alexandre Roiz Frr.ª

Illm.º e Exm.º Snr.

BIBLIOTECA NACIONAL

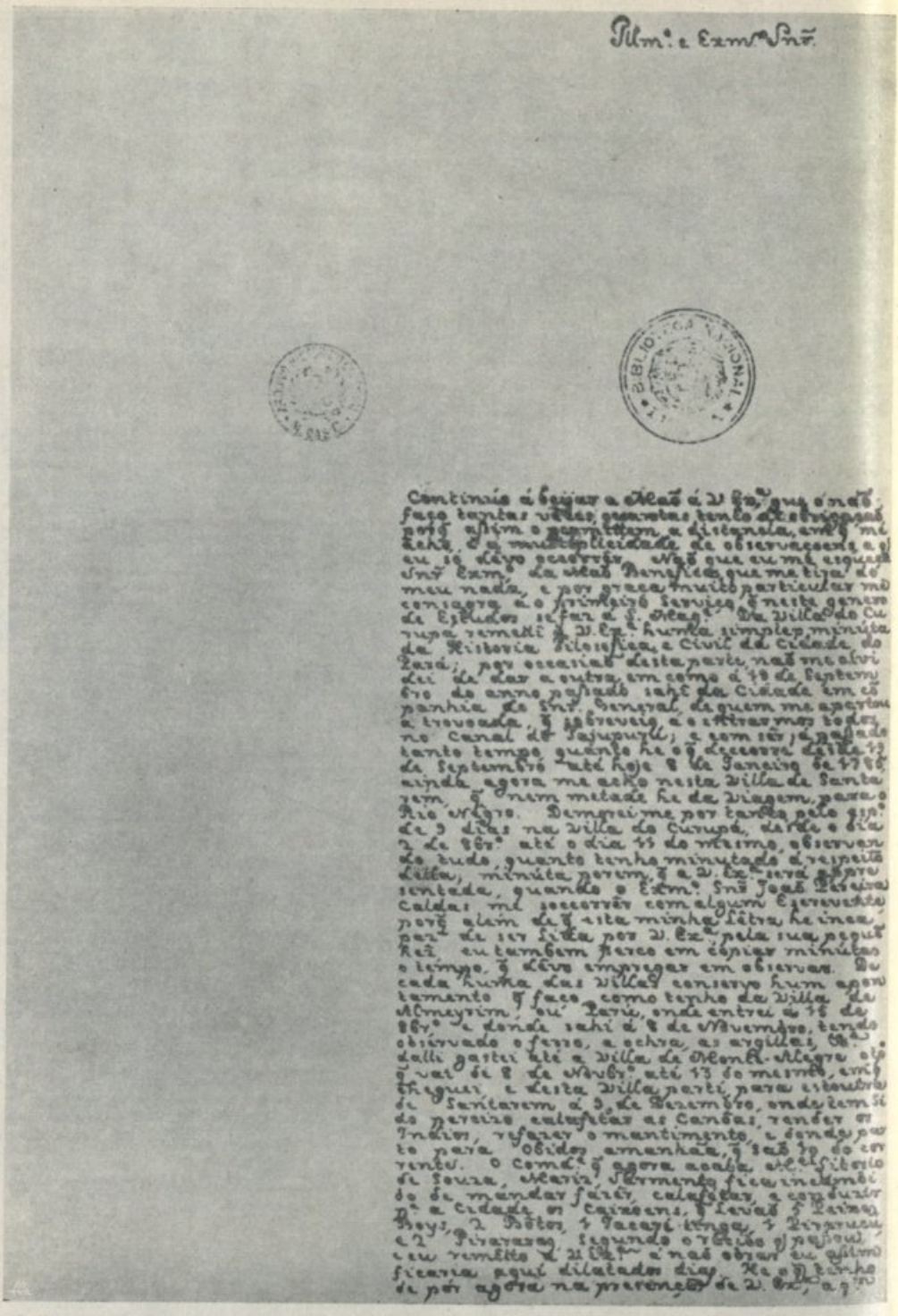
Remetto a V. Ex.ª a Miscellanea Historica para servir de explicação ao Prospecto da Cidade do Pará, segundo avisei a V. Ex.ª pelo Navio Maranhão em q̃ remetti o dito Prospecto entre outros riscos e producçoens, q̃ forão. He hum complexo de observaçoens geraes sobre diversos objectos, como V. Ex.ª verá, q̃ devem algum dia, depois de serem digeridas differentemente, fazer parte da Historia Natural, e Civil deste Estado. He o terceiro Papel q̃ concluí no espaço de tempo, q̃ decorre desde 21 de 8br.º do anno passado até 10 de Septembro do presente. Deste dia por diante acompanhei ao Snr General, entrando com elle nas Villas de Oeyras, Melgaço e Portel, donde sahimos juntos em demanda da bahia do Macapá: mas não o Ex.ª vendo encontrado mais pelo espaço de 3 dias, desde q̃ entrei no Canal do Tajupurú, reflecti q̃ de parte á parte havia incommodo, da de S. Ex.ª em me andar esperando á cada passo, por navegar a minha Canôa muito ronceira á remos, em consequencia da Carga, e da minha em forçar o remo da minha esquipação noite e dia, para o acompanhar, devendo aliás poupar os Indios para mais dilatada Viagem. Por este motivo deixei a derrota do Macapá, onde por outra parte pouco podia fazer pela celeridade, co q̃ he percizo ao Snr Gen.l entrar e sahir das Povoaçoens, e demandei esta Villa de S. Antonio do Curupá, onde cheguei á 2 do corrente, e donde sayo á 11 para a de Porto de Mõz. Achei por Commandante da Sua Fortaleza ao Ajudante de Auxiliares Manoel da Costa Vidal a quem vamos todos devendo obsequios mais que ordinarios, e eu muito particularm.te He devo summa promptidão no aviamento de todo o percizo p.a o meu fim de indagar, e recolher productos. A Villa he de brancos, porem está peior q̃ algumas dos Indios; á excepção de 5 Casas cobertas de tẽ tudo o mais são palhoças rodeadas de mato; a terra tudo produz o Cacau, de q̃ ha matas naturais nas Ilhas da Costa fronteira, o Caffé, o tabaco de q̃ abundão todos os Quintais, o arroz nos pantanais; a maniba, o algodão; mas a fertilidade da terra he a q̃ faz mal á Agricultura neste paiz; fiaõ-se todos no Cacau q̃ vão recolher as Ilhas, onde ja disse q̃ ha matas delle e como está certa a pequena colheita com q̃ cada hum se contenta, com tanto q̃ não trabalhe, nem cuidão de planta-lo, nem a o menos de conservar alguns por q̃ ha. Outros q̃ querem, não podem pela falta de braços. He o q̃ se me offerece dizer a V. Ex.ª q̃ M.s g.e os annos, q̃ havemos mister. DE V. Ex.ª

Villa de S. Antonio do Curupá 10 de 8br.º de 1782.

Muito humilde cr.

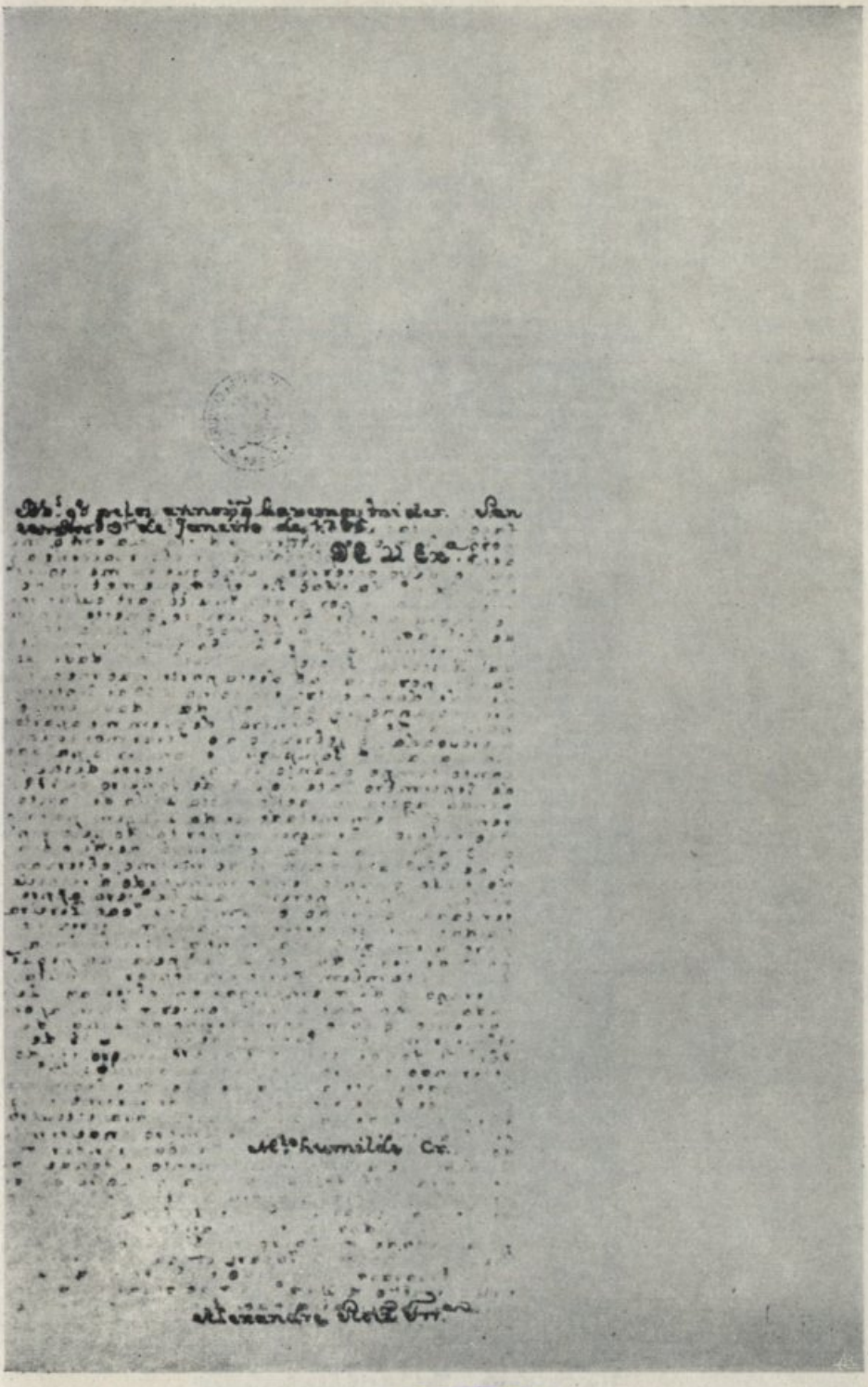
Alexandre Roiz Frr.ª

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO

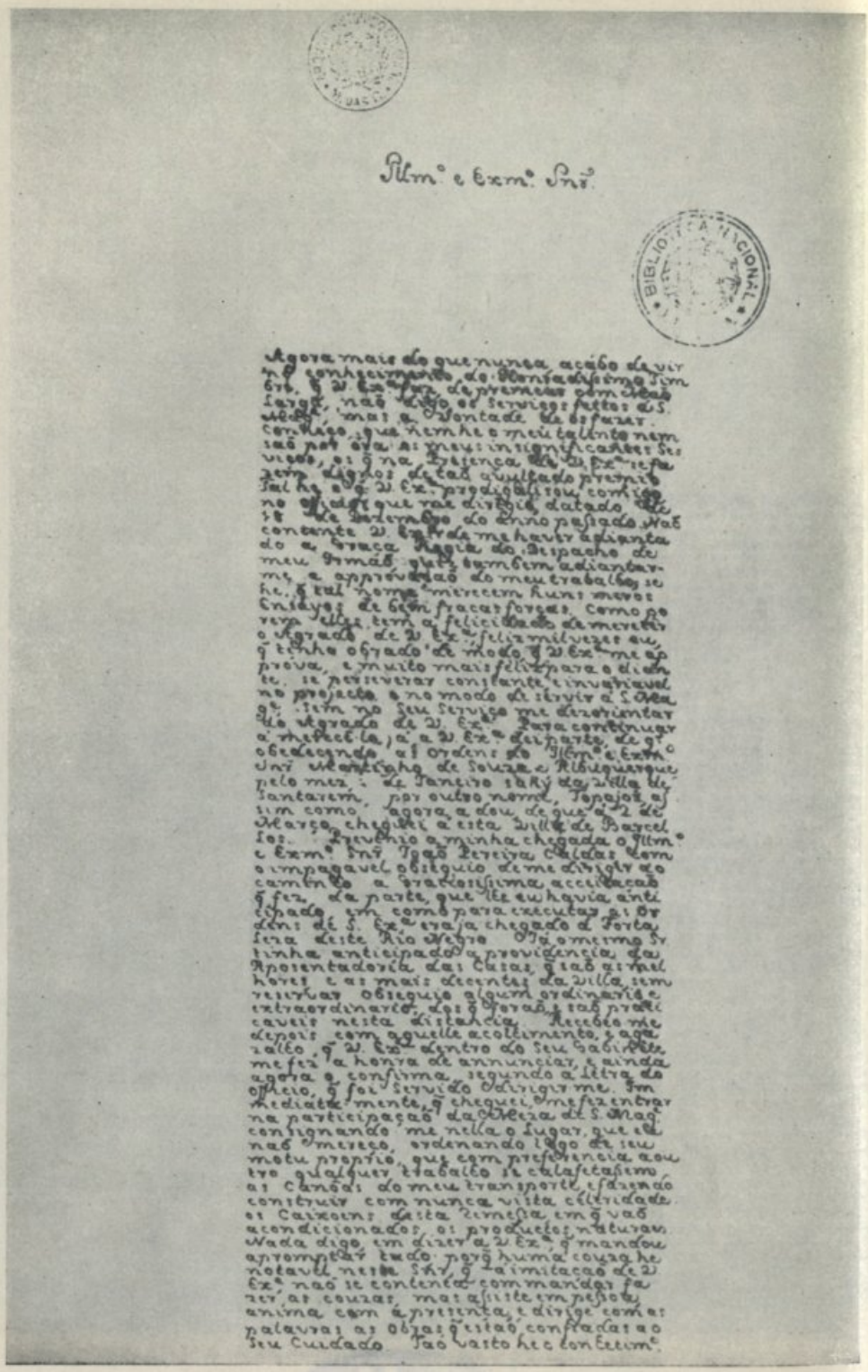


Illm.º e Exm.º Snr.

Continuo a seguir a viagem a V. Ex.ª que o não faço tantas vezes quantas tenho de escrever-lhe, assim o permittem a distancia, em q.ª me acho, e a multiplicidade de observações q.ª eu vou fazendo. Logo que eu me alguem Snr. Exm.º da vida Sanitaria, que me tiraõ do meu nada, e por graça muito particular me consagro, e o primeiro serviço q.ª nesta genero de Estudos vou fazer a V. Ex.ª. Da Villa do Curupá remetti a V. Ex.ª huma simples minuta da Historia Politica, e Civil da Cidade do Pará, por escarias desta parte, não me atrevi a dar a outra, em como a 18 de Setembro do anno passado sahi da Cidade em companhia do Snr. General, de quem me apartei a trovoada, e atravessei a atravessar todo o Canal de Tajapurú, e sem ir, passado tanto tempo, quanto he o decorrer desde 18 de Setembro até hoje 8 de Janeiro de 1788 ainda agora me acho nesta Villa de Santarem, e nem metade ha de viagem, para o Rio Negro. Demorei-me por tanto pelo gr.º de 3 dias na Villa de Curupá, desde o dia 2 de 8br.º até o dia 11 de Março, observando tudo quanto tenho minutado a respeito desta, minuta porem, q.ª a V. Ex.ª será apresentada, quando o Exm.º Snr. José Teixeira Caldas me socorrer com algum Escrevente; porq.ª alem de q.ª vista minha letra he inca-paz de ser lida por V. Ex.ª pela sua pequ-ena, eu tambem pereo em copiar minutas o tempo, q.ª devo empregar em observar. De cada huma das Villas conservo hum apon-tamento q.ª faço, como tenho da Villa de Almeyrim, ou Faro, onde entrei a 14 de 8br.º e donde sahi a 8 de Novembro, tendo observado o ferro, a ochra, as argillas, &c.ª. dalli gastei até a Villa de Monte-Alegre o q.ª vai de 8 de Novbr.º até 13 do mesmo, em q.ª cheguei a esta Villa, parti para esta de Santarem a 3 de Dezembro, onde tenho de passar alguns dias a fazer as Cartas, render os Indios, refazer o mantimento, e tomar pos-to para obidos, amanhaã, q.ª saõ 19 do cor-rente. O Comd.º q.ª agora acaba, de Victorio de Sousa, chama-se Hermenegildo Freire Inhaúma de mandar fazer, calafetar, e carpinar p.ª a Cidade as Canoas, q.ª levaõ a Farinha Rey, a Pedro, q.ª vaõ a Pinaré-ranga, a Pirarara, segundo o Officio q.ª pelo seu remetto a V. Ex.ª e nas obras eu ultimo ficaria aqui dilatados dias. Na q.ª tinha de pôr agora na presença de V. Ex.ª, q.ª



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
BIBLIOTECA
INSTITUTO BOTÂNICO



Illm.º e Exm.º Snr.

Agora mais do que nunca acabo de ver
o conhecimento do Constante Zelo
q. V. Ex.ª tem de promover com toda
largueza, não só os Serviços feitos de S.
Mag.de, mas a Vontade de os fazer.
Confesso, que nem he o meu talento nem
são para dar a mayor significação aos
Serviços, q. na Existencia de V. Ex.ª se
vem dignos de tal qualificado premio
Só hey a q. V. Ex.ª prodigalizou comigo
no q. dirige vai dizer, datado de
18 de Setembro do Anno passado. Fico
contente V. Ex.ª de me haver adiantado
o a graça Regia do Despacho de
meu Irmão; q. tambem adiantarmi, e approvando do meu trabalho se
he, q. tal homem merecem hum mayor
Emprego; de bem fracas forças. Como po
rem diz tem a felicidade de merecer
o Agrado de V. Ex.ª, feliz mil vezes eu,
q. tenho obrado de modo q. V. Ex.ª me ap
prova, e muito mais feliz para o diante
se perseverar constante, e invariavel
no projecto, e no modo de obrar a S. Ma
gde. Tem no seu Serviço me dirigirei
ao Agrado de V. Ex.ª para continuar
a merecella, a q. V. Ex.ª da sua parte, de q.º
obedecendo as ordens do Illm.º e Exm.º
Snr. Manoel de Souza e Albuquerque
pelo mez de Janeiro 1784 da Villa de
Santarem, por outro navio, fazendo as
sim como fiz agora a dou de que a 22 de
Março, cheguei a esta Villa de Barcel
los. Previnio a minha chegada o Illm.º
e Exm.º Snr. Joaõ Pereira Caldas com
o empenhavel obsequio de me dirigir ao
caminho a gratissima accommodação
q. fiz, da parte que lhe eu havia ante
cipado, em como para executar as Or
dens de S. Ex.ª viaja chegado a Fortale
za deste Rio Negro. Ja o mesmo Snr.
tinha anticipado a providencia, da
Aposentadoria das Casas, q. tão agradavel
hoje e as mais decentes da Villa, sem
reservar obsequio algum ordinario e
extraordinario, de q. fazem tão precio
cavel nesta distancia. Recebeo me
depois com aquelle accolhimento, q. aga
lardão q. V. Ex.ª dentro do seu Gabinete
me fez a honra de annunciar, e ainda
agora o confirma, segundo a letra da
offerta, q. foi servido dirigir me. Im
mediatamente, q. cheguei, me fez entrar
na participação da Meza de S. Mag.de
consignando me nella o Lugar, que eu
não merecia, ordenando logo de seu
motu proprio, que com preferencia a ou
tro qualquer trabalho se trabalhasse
as Canoas do meu transporte, fazendo
construir com muita vista e brevidade
as Caixeiras desta Viagem, em q. vão
acondicionados os productos naturaes.
Nada digo, em dizer a V. Ex.ª q. mandou
aprompitar tudo. Porq. huma cousa he
notavel nesta Snr.ª, q. a imitação de V.
Ex.ª não se contenta com mandar fa
zer as cousas, mas assiste em pessoa,
anima com a presença, e dirige com as
palavras as obras; evitão, confiadas ao
seu Cuidado. Tão vasto hee conhecim.